Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 497
Julho 1984
Terça-feira

3

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Quem vai defender proposta governamental?

Soares no Carmo e Segurança Interna em São Bento

Manuel Alegre: *projecto viola Estado de direito*
Sottomayor Cardia: *incerta votação favorável*
Raul Rego: *há que introduzir modificações*

O Primeiro-Ministro Mário Soares efectua amanhã de manhã uma visita ao quartel da GNR no Carmo, ao mesmo tempo que se inicia na Assembleia da República a discussão da proposta de Lei de Segurança Interna.

Na visita, o chefe do Governo é acompanhado pelo ministro da Administração Interna, sendo, portanto, provável que apenas Rui Machete, responsável pela Justiça, esteja no hemiciclo de S. Bento para defender a proposta governamental. Ela dificilmente conseguirá o apoio incondicional dos deputados socialistas que em declarações públicas a têm considerado violadora da Constituição. Será no entanto debatida esta noite, em reunião da Comissão Política do PS.

Pág. 6

CNARPE quer novas relações entre Estado e sociedade

- É preciso diminuir a dependência externa
- Sacrifícios e vantagens devem ser distribuídos "mais equitativamente"
- Política económica recessiva deve ser recusada
- A cultura é factor determinante de mudança

Pág. 5

Entrevista com Djavan:

"Ser popular é cada vez mais sufocante"

Pág. 28

Operação contra FP-25 debatida esta manhã

Deputados preocupados com prisão de Otelo

A operação que a PJ desencadeou há duas semanas contra as FP-25 foi hoje pela primeira vez debatida no Parlamento após uma intervençao sobre o tema do deputado do MDP/CDE, António Taborda.

Depois de duvidar que a operação tenha sido efectuada no momento oportuno, Taborda afirmou que «ela aparece-nos como um conluio de oportunismos para dar cobertura política à discussão que aqui nesse dia se iniciava» (da Lei de Segurança Interna).

Continua na pág. 28

Curso Geral Nocturno do Ensino Particular

Prova escrita de Matemática anulada por falta de figuras

Pág. 10

Mamede e Lopes batem recorde mundial dos dez mil metros

Aconteceu, ontem, em Estocolmo. FERNANDO MAMEDE e CARLOS LOPES atingiram, uma vez mais, nas suas singulares carreiras de atletas de craveira internacional, a meta da glória. Desta vez fizeram cair o «record» mundial dos dez quilómetros, que desde 1978 pertencia ao queniano Henry Rono. Na foto: Mamede cortando a meta.

Pág. 24

Lei de Segurança Interna

Tantas vezes o cântaro vai à fonte...

Manuel Anta

Na sua sede de *durar*, o Bloco Central entrou numa *lufa-lufa* alucinante. Foi a telenovela da remodelação; o anúncio das medidas estruturais como panaceira universal para os nossos males; a moção de confiança apresentada na Assembleia da República. Perante a *anemia* dos resultados, a coligação PS/PSD voltou-se para outras poções mágicas. Num ápice, desceu a terreiro com um cenário terrorista e uma Lei de Segurança Interna a condizer, esquecendo-se que certas poções minam a Democracia que se afirma querer defender e fortalecem os germes do Fascismo. E este — em «old-fashion» ou «new-look», como se quiser... —, tem sempre a arte, antes de reinar, de se saber infiltrar.

«A coligação do PS com o PSD vai desaparecer em breve, torcidas até ao infinito as amarras que a ligavam depois de voltas e reviravoltas, de nós cegos que se abrem, de laços que se desatam. O seu Governo vai sumir, tal como a corveta saragoça, de um momento para o outro, enquanto Eça de Queiroz se baixa para apertar o cordão dos sapatos». Incisiva, Helena Cidade Moura, do MDP, não tem dúvidas em lavrar deste modo o *diagnóstico* sobre o estado de saúde da coligação governamental.

O *diagnóstico* pode estar certo, pode estar errado mas, só pelo facto de existir, é um indício de que a saúde da coligação não é das melhores. Será porque se apercebe disso e acredita que não tem cura que a coligação, numa tentativa atabalhoada para adiar a hora da agonia final, coloca o regime democrático em perigo?

Antes de reinar o fascismo instala-se, dizia-se no princípio deste texto. Antes de se ir mais longe, vale a pena alertar: às ideias falsas sobre o significado de fascismo — essas bolas de algodão que uns e outros nos colocam nos ouvidos de forma a impedir-nos de ouvirmos o aproximar dos seus passos... —, há que colocar barreiras. Caso contrário, pobres de nós, pobres daqueles para quem o fascismo está definitivamente enterrado em Portugal, é tão-só e apenas Hitler, Salazar ou Pinochet.

Calar o «Zé Pagode»

Que se passa hoje em Portugal? A resposta parece evidente: uma guerra aberta entre várias camadas da sociedade, insatisfeitas com a crise que toca a todos (!???) e o rumo que as coisas tomam.

Perante este quadro, que faz o Poder? Tenta, à viva força, instalar uma «Pax» social (ver Conselho de Concertação Social), cujos *finalmentes* vão sempre dar ao mesmo: imposição do silêncio ao «Zé Pagode», áquele que levanta a grimpa e se ergue contra o «establishement». Como não consegue impor essa «Pax» social, tenta calar o «Zé Pagode». De que modo?

Às vezes o feitiço vira-se contra o feiticeiro...

Antes de se utilizarem os grandes meios, há várias maneiras de actuar: recurso à teoria do *complot*, uso da provocação, desinformação e mistificação.

Tudo indica que o Poder actual não se contentou com uma, recorreu a todas as receitas para açaimar o «Zé Pagode».

Criar o pânico

Fez do *complot* contra o Estado e a Democracia um princípio universal de explicação, arvorou-o num dos culpados do que vai mal neste país. Ele, Poder, bem quer levar por diante as 100 medidas (*cem* ou *sem*?...), só que o terrorismo não o deixa, proíbe-o de pôr ponto final na crise que nos bateu à porta.

Lançou mão da provocação — o terrorismo espera-nos a cada virar da esquina..., —, de modo a criar o pânico já que, depois do pânico, é fácil criar a «união sagrada», impor a Ordem, unir gregos e troianos à volta da mesma causa.

Pescou nas águas turvas da desinformação, dando a entender que *o culpado é este*, quando não é; que *o inocente não é aquele*, quando o é. Mentiras, intoxicação, desinformação e contra-informação ou a História passada e presente contada por uma classe política desacreditada até ao tutano, corrupta por vezes, e em passo acelerado para o abismo.

Por último, *the last but not the least*, socorreu-se do mito, internou o povo no hospital psiquiátrico das reformas estruturais.

No seu afã para encontrar explicação para as suas dificuldades e inépcia chegou ao ponto de rebuçado: cometeu erros de palmatória. Tantos e tão poucos que já há ratos a abandonarem o barco.

O «caso» Otelo

O «caso» Otelo Saraiva de Carvalho é sintomático. Hoje, cada um tira o cavalo da chuva, passa a batata quente ao parceiro do lado.

Prendeu-se um homem — Otelo —, que até é um símbolo da nossa libertação — 25 de Abril, lembram-se?... —, sem se bradar publicamente: *é culpado disto e daquilo*. Apesar do erro, ninguém recuou. Otelo continua preso e em rigorosa incomunicabilidade.

Agindo assim, Governo e hierarquias avulsas abriram porta a todas as suspeições, cavaram fossos em vez de estabelecerem pontes e, embora sem grande importância, assentaram praça como pretexto geral de ridículo e de galhofa, aqui e além fronteiras. Mas se a palhaçada e o ridículo por vezes dão para rir, em doses cavalares dão para enjoar e pensar.

Pensar, por exemplo, para que horizontes nos conduz um Poder e uma classe política que respondem como um cabo de esquadra; desmentem o que é óbvio e entra pelos olhos dentro; zurzem a Imprensa por esta relatar o que efectivamente se passou ou por anunciar aquilo que efectivamente se vai passar?

Mais: onde nos conduz este Poder, cujos apoios são cada vez mais débeis. Tão débeis que no seio da *maior maioria de sempre* se ouve cada vez mais o grito de que *assim não!*

Nem Salazar...

Podia o Poder, perante o mar de críticas que o rodeia, fazer marcha atrás, corrigir a mão. Que não! Em vez disso, cheio de arrogância, insiste em perpetuar os seus erros, em dar ao País uma imagem que nunca teve: força.

O exemplo mais acabado desta soberba balofa é o da Lei de Segurança Interna. Não é segredo para ninguém que deputados do PS e do PSD, bem como a Oposição em bloco, consideram «fascistas» alguns aspectos do seu conteúdo.

O próprio líder parlamentar do CDS, Nogueira de Brito, considerou-a «exagerada» e «inconstitucional», dizendo ainda que o Governo «disfarça a sua incapacidade de actuação», procurando criar a ideia de que existem grandes perigos».

Adelino da Palma Carlos, primeiro-ministro do I Governo Provisório, deixava há dias a pergunta no ar: «como é possível que dez anos após Abril, um Governo se permita pretender a aplicação de medidas desta natureza (...) e agora com uma falta de rebuço que nem o regime salazarista foi capaz?»

O PCP debruçou-se sobre a lei com um misto de «vergonha e revolta». Encarou a sua apresentação no Parlamento como um acto de «intimidação política». *Pena* foi que o PCP tivesse comentado o «caso» Otelo Saraiva de Carvalho em moldes semelhantes ao do ministro da Justiça: «quanto às prisões efectuadas, o PCP não está em condições de se pronunciar, por não possuir elementos bastantes e por se tratar de matéria que se encontra em segredo de Justiça». *Pena* porque perde força para eventuais futuros protestos; *pena* porque nos mostra claramente que se Otelo não fosse Otelo, se fosse outro militar de Abril, ou se fosse do PCP, outro galo cantaria para os lados da Soeiro Pereira Gomes.

A brincar, a brincar...

Voltando ao que interessa: apesar destas reacções, o Governo vai para a frente. O próprio ministro da Administração Interna (socialista) ameaça com a demissão se a lei for substancialmente alterada.

Vai para a frente com o seu espantalho terrorista que, pelos vistos, até nem necessita de leis especiais para ir para o calabouço; prossegue no seu propósito de gritar «Aqui d'el-rei!» contra o *complot* «em curso» contra o Estado e a Democracia.

Fome e desemprego; carências habitacionais e de saúde; corrupção, falcatruas e compadrios; uma sociedade cada vez menos solidária e sem horizontes nem esperança; um Nordeste Transmontano onde as vias de acesso minguam e o analfabetismo alastra... que importa? Tudo isso e muito mais não passa de *ninharias* comparado com a necessidade de termos uma lei que nos ponha a marcar passo.

Quando ela estiver implantada, firmemente implantada, o Poder, o Governo, o Bloco Central, certa classe política e todos os bobos da corte, respirarão fundo. «Ouf, conseguimos...», dirão. Voltar-se-ão então para outras tarefas: presidenciais, aliança com este ou com aquele, partilha do bolo aqui e acolá, tacho p'ra mim, tacho p'ra ti. Terão tempo para as realizar?

O povo assiste à farsa cada vez mais preocupado. Na sua sabedoria sabe bem que é a brincar, a brincar que... o Diabo as vai tecendo. O fantasma do aparecimento de um *botas altas* qualquer fá-lo tremer (alguns há que não...) e pensar. O que mais o assusta é que o *botas altas*, se vier, nem terá necessidade de arranjar uma lei para melhor o manietar. Esta, a do dr. Soares e do prof. Mota Pinto, serve-lhe perfeitamente.

CONTINUAM OS MILIONÁRIOS NOS CONCURSOS DO FINAL DE ÉPOCA DO FUTEBOL

Uma imagem que se repete semanalmente.
Mais um totalista do TOTOBOLA

Desta vez foram mais 7. E, como prometemos na passada semana, estamos aqui hoje a falar de si, feliz totalista do Concurso n.º 26 desta semana do TOTOBOLA e que arrecadou a bonita quantia de 1 191 688$00, total de cada 13 escrutinado.

Falamos de si, sr. Gabriel Costa, de Lisboa, e de si, sr. Francisco Reis, com estabelecimento e Agência do TOTOBOLA na Rua Fernão Lopes, n.º 25-loja 2, também na capital.

Como também gostaríamos de personalizar os outros 5 totalistas de Faro, Maia, Póvoa de Varzim, Almada e Lisboa que, entretanto, preferiram o anonimato..

Mas, indiferentes ao anonimato estavam os apostadores da Matriz que foi assinada pelo sr. Francisco Reis, da Agência do TOTOBOLA.

Vivia-se um ambiente de Festividade no Centro Comercial onde está fixada a Agência do TOTOBOLA do sr. Francisco Reis. É que 10 dos logistas deste Centro Comercial concorrem periodicamente a todos os concursos do TOTOBOLA. Entre eles é feita uma rotação: cada semana é um a preencher o bilhete do TOTOBOLA, que vai sempre assinado pelo Agente do TOTOBOLA.

Desta feita, foi ao sr. José Gonçalves Fernandes, empregado do snack bar do Centro Comercial, a quem coube o privilégio de fazer os 13 resultados certos.

Feliz por ele e pelos colegas, o sr. José Fernandes, que vai agora de férias à sua terra, manifestou o seu veemente desejo de nos voltar a ver.

Também nós, sr. José Fernandes, teremos imenso prazer em voltar a revê-lo bem como a muitos mais milionários, para levar a felicidade que o TOTOBOLA proporciona a muitos apostadores.

E você!, não desista! Continue a apostar nos concursos do final da época — os tais que fazem milionários.

Contamos visitá-lo para a semana.

NOTA: Os apostadores com 12 resultados certos receberão a quantia de 27 530$00 cada um.

A justiça das embaixadas

O programa «Sept sur Sept», da TV francesa disse mal da Justiça portuguesa. Criticou os tribunais, os juízes e os advogados. Crítica talvez injusta pela generalização, mas como todos sabemos com fundamento.

O ministro Rui Machete achou de mais. E vá de reclamar a pronta intervenção... da Embaixada de Portugal em Paris.

Conhecemos todos o pó que os processos acumulam nas prateleiras dos tribunais, os dias incontáveis que uma regulamentação processual caduca (como o Ministério da Justiça já reconheceu, quando a tentou reformar) faz perder a quem com o aparelho judicial contacta.

Sabe-se, de ouvir dizer a amigos ou conhecidos, ou por conversas surpreendidas em transportes públicos, que um conhecimento numa secretaria judicial, um empenho num tribunal, por vezes umas luvas, fazem a justiça mover-se mais depressa. E que esses são, não raro, os últimos dos recursos de quem quer ver as coisas a funcionar, perante a olímpica serenidade do aparelho judicial.

Em suma, os franceses talvez tenham exagerado. Mas no fundo, todos temos razões de queixa suficientes para compreendermos os exageros dos franceses.

O ministro Machete, a quem compete obviar aos males da justiça, perante uma crítica substancialmente justa, não hesita. Apela à Embaixada de Portugal em Paris.

Esperemos que a moda não pegue. Senão, amanhã o sr. Rosado Correia, quando cair outra ponte, em vez de recorrer ao técnico Edgar Cardoso, pode-se lembrar de invocar o sr. embaixador na Santa Sé.

E pior será quando o eng. Abecasis, na expectativa da ruína de outro prédio em Lisboa, não chamar os bombeiros mas pedir os bons ofícios do cônsul de Portugal em Sucupira.

J.M.V.

Onde es

STA pres mai polí que, lémica, foi expr do de negociaç guraram, o voto

É uma «ma te, para servir emana desta «I corresponde à p ral, por qualque

Com algum quanto à campa seguiu à contab Governo — o da toral — do Parti é, em relação à produzido, uma

*Fraude de gislação penal ca»não poupa e contestavelmen portuguesa. Qua a **crise** com os que se pretende da situação eco governamental ums culpabiliza pelo PSD. O que ca do PSD pelo posição que tinh panha eleitoral, dade de negocia do».*

Nascido de ideológicas, de ção do PS (Mário «maioria parlame espírito de coope ria parlamentar» pação do Poder» existe.

Foi o que se casos, despenali Segurança Interr do CDS terá, igua tam, como no CD tas» na tarde, ou Dos «socialistas» ta, da oposição, sembarcaram da do «desenvolvim problemas de co lumbram, ao cont ça Interna abre a gresso às «pides gal para a univers

Carta

Manuel Pinto dos

Pela secretária do ral passam os grande do Exército. Do home se senta dependem luções.

A prisão do Tenen Otelo Saraiva de Car culpa formada, deve sadamente sobre a c do CEME que mais mente se tem oposto ções do poder polític militar. Imaginamos q caso, passado à marg competência, o deve nestes dias de tama cula. Na verdade, m tempos, quando o pró ral Comandante-Chef cito vê escapar-se-lhe ponto de lhe prender ciais sem o seu expre cito conhecimento.

Este caso de Otelo entre os muitos que desabam ciclicamente a sociedade democr tanto lhe deve quises -lo em vida para depo reduzir ao bronze dum Aguardemos que a le a justiça saiam limpas cadas de mais esta a bom nome desse hom ração grande, a quem dade dos seus ideais fica a dever.

Além desse liga-se à dade de pôr em march canismos administrativ

política de A a Z

Onde está a «maioria»?

ESTA «maioria parlamentar» não resultou da expressão, em votos, de uma opção francamente maioritária ou de uma convergência de vontades políticas; nem corresponde ao sentido do voto que, nas urnas, após uma campanha eleitoral polémica, foi expresso. Esta «maioria parlamentar» é o resultado de negociações que contrariaram, ou, pelo menos, desfiguraram, o voto expresso nas eleições legislativas.

É uma «maioria parlamentar» constituída, negocialmente, para servir de suporte a um Governo. E o Governo que emana desta «maioria parlamentar», é um Governo que não corresponde à política prometida, durante a campanha eleitoral, por qualquer dos partidos que se coligaram para governar.

Com alguma crueldade de julgamento, embora com rigor quanto à campanha eleitoral e ao contexto negocial que se seguiu à contabilização dos votos, poderíamos dizer que **este** *Governo — o da coligação contra a lógica da campanha eleitoral — do Partido Socialista e do Partido Social Democrata, é, em relação à campanha eleitoral e ao discurso político nela produzido, uma fraude (política).*

Fraude de um tipo que o legislador não previu e que a legislação penal não contempla, mas que a «prática política»não poupa e a ética política condena. E dela derivam, incontestavelmente, alguns dos actuais equívocos da política portuguesa. Quando — por exemplo — se pretende remontar a **crise** *com os erros da governação PSD-CDS, e se recorda que se pretendeu o discurso de Estado de análise e balanço da situação económico-financeira, esquece-se que a solução governamental adoptada, a «coligação PS-PSD», excluía uma culpabilização severa do anterior Governo AD, liderado pelo PSD. O que, realmente, se solicitava era a censura pública do PSD pelo Presidente da República. Eanes assumiria a posição que tinha sido a do Partido Socialista durante a campanha eleitoral, deixando ao «partido acusador» a possibilidade de negociar a partilha do Poder com o «partido acusado».*

Nascido de equívocos programáticos, de ambiguidades ideológicas, de irreprimíveis ambições pessoais, a negociação do PS (Mário Soares) com o PSD (Mota Pinto), criou uma «maioria parlamentar», mas não criou entre o PS e o PSD um espírito de cooperação, afinidades, relações claras. A «maioria parlamentar» só se manifesta como suporte de uma «ocupação do Poder». Em casos politicamente significativos, não existe.

Foi o que se passou com a legislação que, em reduzidos casos, despenalizou o aborto. Será, também, o caso da Lei de Segurança Interna. Neste caso, a «crítica» e contraprojecto do CDS terá, igualmente, o seu efeito. Mas, no PSD, não faltam, como no CDS, aqueles que se descobriram «democratas» na tarde, ou a altas horas da noite, de 25 de Abril de 1974. Dos «socialistas», são muitos os que vêm da luta antifascista, da oposição, da resistência. Aqueles deputados que desembarcaram da Acção Nacional Popular» ou descamisados do «desenvolvimentismo marcelista», hoje vinculador sem problemas de consciência à «ocupação do Poder», não vislumbram, ao contrário dos democratas, que a Lei de Segurança Interna abre a via do «Estado autoritário e policial». É o regresso às «pides» e ao domínio do arbitrário. A cobertura legal para a universalidade e vaguidão repressiva, é o véu ténue que ligeiramente oculta a prática pré-totalitária do Poder-de-Estado.

A «maioria parlamentar» não existe para defender a Democracia, nem para governar. Sonhou a «remodelação» numa competição conflituosa. Aprovou a «estabilização» da «estabilidade instável» e a recondução dos ministros reprovados pelo PS e pelo PSD.

A «maioria parlamentar» obedece a líderes nos quais não acredita e joga no líder do PS contra o líder do PSD, e vice-versa. O equilíbrio da «maioria parlamentar» tem um precário fundamento: é uma aliança de co-gestão do «Poder político». Um modo (irracional) de racionalizar e de partilhar as vantagens da governação.

Só neste desígnio a «ocupação do Poder» — os promotores da «maioria parlamentar» estão de acordo. Estão «coligados» para sobreviverem. E, porque sobrevivem, continuam a ser Governo, não governando; na realidade, desgovernando.

No caso da Europa — solução no domínio do imaginário, como sabeis — os partidos da «maioria parlamentar», agem, avançam, sofrem derrotas, celebram triunfos, indiferentes à indiferença nacional. Essa «Europa» não interessa aos trabalhadores e não interessa aos empresários. Não interessa aos trabalhadores porque estão (ou estavam) numa Europa que, em virtude das suas próprias dificuldades e da sua dinâmica económica, os expulsa; não interessa aos empresários porque a concorrência europeia os asfixia. É uma Europa — muito para burocratas internacionais e estadistas que perseguem fantasmas.

E, também, em relação a fantasmas a «maioria parlamentar» se sente paralítica ou tem a consciência de estar dividida. É o caso das «Empresas Públicas». Não as teme o PS; o ministro Veiga Simão reconhece que, na maioria, são úteis, necessárias, rentáveis. Mas, nos arraiais do PSD, a gente ligada aos grandes e velhos interesses, os antigos servidores da banca privada e de privados monopólios, erguem o clamor condenatório, e, sempre que promovidos, pela lógica da partilha partidária, a gerirem empresas públicas, conduzem-nas a situações de crise. Dir-se-á que, para o PSD, a sabotagem é um objectivo, e que, para o PS, é uma consentida cumplicidade.

Outra questão, em relação à qual a «maioria parlamentar» se divide, é a apreciação do carácter, oportunidade e consequências da «operação policial» comandada pelo ministro Rui Manchete. Dir-se-á, à fé das aparências, que se esqueceu o Presidente da República, se tirou partido da ausência do Primeiro-Ministro, se votou a um apagado papel o ministro da Administração Interna. Rui Machete e Carlos Picoito, o ministro da Justiça e o director-geral da Polícia Judiciária, com o apoio de Mota Pinto, vice-primeiro-ministro, decidiram uma vasta operação policial cujo contorno político não é claro e que, por esse mesmo motivo, parece indiciar uma grave incapacidade das autoridades policiais. Disfarçam, com o espectáculo público, o penoso insucesso de investigações que se arrastam há anos.

A «maioria parlamentar», também neste ponto, não atina com uma posição concordante. Mário Soares queria **outra** *operação repressiva. Mota Pinto, cioso de autoridade, queria* **qualquer** *operação repressiva. O que não é claro, para a «maioria parlamentar» e para a opinião pública, é saber quais as razões que levaram Rui Machete a ter querido* **esta** *operação repressiva.*

ponto a ponto

O **Navio-Escola Sagres** foi vedeta num documentário de duas horas que a Canadian Broadcasting Corporation (CBC) passou domingo à noite na sua rede de Televisão nacional.

O veleiro português participou com mais 65 navios de dezassete países numa parada ao longo do rio S. Lourenço, integrada nas comemorações do 117.° aniversário da independência do Canadá.

Esta espectacular parada de veleiros foi presenciada por mais de 500 mil pessoas.

MILITARES dos três ramos iniciaram na Terceira um exercício combinado destinado a testar a capacidade das Forças Armadas portuguesas na defesa da ilha. As manobras, que terminam quinta-feira e envolvem meios aéreos e navais, decorrem na **Base Aérea das Lajes**, Cinco Picos e Achada.

Estes tipos de exercícios conjuntos assumem, para o comando-chefe das Forças Armadas nos Açores, grande importância no quadro de um hipotético conflito convencional ou acções de sabotagem. Manobras semelhantes desenrolaram-se já na ilha de Santa Maria.

O chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, recebeu ontem, em visita de cortesia, o embaixador da Guiné-Bissau, Leonel Sebastião Vieira.

A Comissão Política do **PPM** decidiu pedir a instauração de um inquérito a Mário Guedes, do Porto, por considerar recentes declarações suas «altamente lesivas da dignidade» do partido.

A comissão política monárquica, reunida para debater a situação interna do partido após o seu recente congresso, deliberou enviar para a comissão de admissão e disciplina cópia das declarações públicas de Mário Guedes, «afim de lhe ser instaurado inquérito» – afirma em comunicado.

Aquele órgão do PPM decidiu também encarregar a comissão executiva de dinamizar a aplicação dos novos estatutos, tendo em vista a eleição directa de delegados concelhios ao conselho nacional, órgão máximo entre congressos.

AS corvetas «Honório Barreto» e «João Roby» fizeram-se ontem ao mar em viagem de instrução de cadetes, visitando as Repúblicas de **Cabo Verde**, S. Tomé, Guiné-Bissau e Costa do Marfim.

O agrupamento operacional da Marinha de Guerra Portuguesa é comandado pelo capitão de fragata Leiria Pinto, embarcado na corveta «João Roby».

As duas unidades têm a bordo 40 cadetes do primeiro ano da Escola Naval, do Curso Marquês de Niza.

O governador de Macau, contra-almirante Almeida e Costa, chega amanhã a Lisboa, cerca das 15 horas.

Carta aberta ao general chefe do Estado-Maior do Exército

Manuel Pinto dos Santos

Pela secretária do meu general passam os grandes problema do Exército. Do homem que nela se senta dependem as suas soluções.

A prisão do Tenente-Coronel Otelo Saraiva de Carvalho, sem culpa formada, deve actuar pesadamente sobre a consciência do CEME que mais agressivamente se tem oposto às infiltrações do poder político no meio militar. Imaginamos quanto este caso, passado à margem da sua competência, o deve absorver nestes dias de tamanha canícula. Na verdade, mal vão os tempos, quando o próprio General Comandante-Chefe do Exército vê escapar-se-lhe o poder, a ponto de lhe prenderem os oficiais sem o seu expresso ou tácito conhecimento.

Este caso de Otelo é mais um entre os muitos que sobre ele desabam ciclicamente, como se a sociedade democrática, que tanto lhe deve quisesse destruí-lo em vida para depois, então, reduzir ao bronze duma estátua. Aguardemos que a legalidade e a justiça saiam limpas e dignificadas de mais esta ameaça ao bom nome desse homem de coração grande, a quem a frontalidade dos seus ideais tanto lhe fica a dever.

Além desse liga-se à necessidade de pôr em marcha os mecanismos administrativos indispensáveis à promoção **antecipada** ao posto de coronel, do tenente-coronel Amilcar Ferreira da Silva Lúcio. Não vai ser fácil promover, até Setembro, seis dezenas de tenentes-coroneis, com o único fito de «salvar» aquele oficial, da passagem à situação de adido permanente ao quadro, com a inevitável perda das condições de promoção ao posto imediato. No entanto, é já do domínio público, dentro do Exército, que essa promoção vai ser assegurada em dois quadrimestres consecutivos pra que a «avalancha» de promoções não dê tanto nas vistas. Pela «necessidade imperiosa» de repescar aquele oficial, algumas dezenas de outros tenentes-coroneis vão ser arrastados para a promoção. Antecipadamente. E esfregando as mãos de contentamento, pela ocorrência de duas circunstâncias muito simples: a existência, por um lado, dos actuais limites de idade de passagem à situação de adido e, por outro lado, a providência divina, que faz surgir de vez em quando, um «eleito de Deus», uma dessas estranhas criaturas intocáveis, diante de quem as leis se vergam surpreendentemente.

Sabemos, meu General, quanto este caso lhe deve envenenar as horas e os dias porque, olhe a gente a coisa pelo prisma que quiser, apresenta-se-nos sempre como um caso de «abuso de poder» na área da administração do pessoal e dificilmente ficará a coberto da chancela acusatória da «corrupção moral».

Imaginamos, meu general, quão pesada lhe será a caneta ao apor sua poderosa assinatura nos diplomas que irão sancionar aquelas promoções! Mas como no caso da prisão do Ten. Cor. Otelo, também aqui, presumimos, o General CEME estará a ser ultrapassado pelo aparelho (do Estado ali, militar aqui), aparelho que tem sido, em todas as circunstâncias, dono e senhor das situações.

O caso das **promoções-por-avalancha** prende-se intimamente com a problemática do QP-QC, a qual envolve os oficiais do quadro permanente oriundos de milicianos, e o fatídico Dec. Lei 329/A, que,a 30 de Junho de 1975, veio reduzir drasticamente os limites de idade em cada posto, afectando gravemente as perspectivas de carreira daqueles oficiais. Tal medida administrativa, visando o «rejuvenescimento» dos quadros, foi e é a mais rematada manifestação de incapacidade em termos de gestão de pessoal, porque não visa o reajustamento das estruturas a uma efectiva política de Defesa Nacional, nem protege os interesses da própria instituição, mas tenta apenas obter aquele absurdo «rejuvenescimento», quase que unicamente à custa do afastamento dos ex-milicianos É uma medida elitista, contrária à ética e à justiça, de que o meu General deverá ser o primeiro defensor. E é também uma forma subtil de preterição ou de margnalização, a que o meu General, por razões bem recentes e de poucos conhecidas, deve ser bastante sensivel e frontal opositor.

A manutenção do actual estado de coisas e a demora na promulgação do projecto de legislação que visa a suspensão da situação de «adido por idade», animam ostensivamente intuitos de «corrupção moral», subjacentes às expectativas que se abrem periodicamente com aquelas promoções-por-avalancha; não olham ao interesse global e estrutural do Exército; e estão marcadas por um tal ferrete de injustiça, que ferem os mais elementares princípios de ética e da dignidade militares.

Esperamos, meu General, em nome de tudo aquilo quanto acreditamos, que a sua chancela não venha a servir apenas para dar cobertura legal àquela escabrosa onda de promoções, mas que sirva igualmente para a formalização de um acto de justiça que dela depende.

Dizem-nos que a retroacção daquela projectada legislação sobre os elementos caídos na situação de reserva desde 1 de Janeiro de 1982, é o actual pomo de discórdia e o fulcro da objecção dos seus opositores. No entanto, quantos meu General, virão a beneficiar dos efeitos retroactivos da Lei? Cinco, seis, sete, talvez uns dez, não mais. E quantos deles, a serem promovidos ou simplesmente reintegrados, não transitarão de novo, e quase de imediato, para a situação de reserva, nos postos de major ou ten-cor.? Serão assim tantos e tão perturbadores do escalonamento dos oficiais, que mobilizem tanta má-vontade contra a retroacção da Lei?

Não, meu General. A retroactividade é um argumento tão bom ou tão mau como qualquer outro. Se ele não existisse outros seriam alegados. Porque o essencial é não mexer no actual «status quo» ou adiar, se possível para as calendas gregas, a promulgação do projecto em questão. É que os limites de idade, para a situação de adido, não afectam os oficiais oriundos de cadetes e quando o fazem, dá-se quase sempre a mobilização do aparelho para a repescagem dos atingidos.

É ou não é uma situação cem por cento favorável a esses oficiais, uma vez que afasta os ex-milicianos, facilitando os seus projectos carreiristas e até motiva a aceleração das suas promoções?

É ou não é uma situação com todas as características de «corrupção moral», que compromete a dignidade do Exército?

Para quando, então, uma solução? Será o seu mandato, tal como os anteriores, cúplice desta situação tão claramente anómala?

E a Lei do Serviço Militar para quando a sua aplicação sem os sofismas ridículos das interpretações que têm vindo a ser feitas do seu articulado? Está escrito na Lei, meu General – sabe-o tão bem como nós – que o tempo de comando de tropas em campanha, contará **para todos os efeitos** e não apenas para os estritos efeitos do acerto de tempos de serviço. **Para todos os efeitos** engloba, necessariamente, o efeito da antiguidade pressuposta pelo tempo de serviço. Negar isto, é dizer que o preto é branco, que onde se diz **sim** se deve ler **não.**

Porque se trata de uma lei da República, os militares que se sentem prejudicados pelas distorcidas interpretações e decisões do EME, hão-de recorrer a todas as instâncias judiciais, a todos os órgãos do aparelho do Estado para que lhes seja pres-

Continua na pág. 25

Em ambiente de emoção

PR inaugura porto de abrigo na ilha de Porto Santo

O Presidente da República regressou ontem a Lisboa, depois de ter inaugurado o porto de abrigo de Porto Santo, no âmbito de uma visita oficial de dois dias à Madeira.

Na deslocação à pequena ilha de Porto Santo, o general Ramalho Eanes fez-se acompanhar pelo ministro da República, Lino Miguel, presidentes da Assembleia e do Governo, Emanuel Rodrigues e Alberto João Jardim, respectivamente.

O Chefe do Estado foi recebido numa sessão de boas-vindas nos paços do concelho, onde entrou saudado por muitas pessoas que se encontravam estacionadas no largo fronteiro ao edifício da câmara. Já à sua chegada ao aeroporto, o Presidente Eanes teve oportunidade de agradecer um simpático acolhimento que lhe foi dispensado pela população.

Na sessão de boas-vindas, que decorreu no salão nobre da câmara municipal, o presidente da edilidade, Jorge Nogueira, destacou a presença do Chefe do Estado no seio da comunidade «orgulhosa e honrada com a presença de sua excelência o Presidente da República». No discurso que proferiu, Jorge Nogueira referiu-se ao «longo período de abandono» e ao «silêncio dos séculos» de que foram vítimas os porto-santenses, praticamente entregues a si próprios e «vítimas de assaltos, pilhagens e raptos por parte de marroquinos, argelinos e corsários franceses», que por ali passaram.

Por sua vez, o Presidente da República considerou ser-lhe «extremamente grato» visitar esta terra «onde — como disse — começa a sentir-se a brisa do desenvolvimento».

Eanes prestou depois homenagem aos «homens de rija têmpera que conseguiram manter-se apesar de ataques diversos a que submeteram» a ilha do Porto Santo.

Depois de um almoço que decorreu nos jardins da residência do Governo Regional, o Presidente da República inaugurou o porto de abrigo de Porto Santo, num ambiente festivo e de grande emoção. Eanes foi recebido com toques de sirenes, foguetes e com os pesqueiros ostentando as bandeiras da Região Autónoma e de Portugal. Nesta cerimónia usaram da palavra Alberto João Jardim, o delegado do Governo da ilha, um deputado e o presidente do conselho de gerência da empresa adjudicatária das obras.

Ramalho Eanes percorreu no final da cerimónia o cais da nova infra-estrutura portuária à frente de uma multidão que assistia à inauguração do porto de abrigo.

Condecorações

No primeiro dia da sua visita oficial à ilha da Madeira, o Presidente Eanes condecorou o presidente do Governo Regional e mais cinco personalidades madeirenses que se distinguiram nos campos do ensino e do trabalho em prol do desenvolvimento regional. Alberto João Jardim foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante e, a título póstumo, Fernando Ribeiro Pereira, com o grau de comendador da Ordem do Infante. Foram ainda condecorados os professores Alfredo Nóbrega (comendador da Ordem da Instrução Pública), Bernardete Jardim e Aldora Militão (oficiais da Ordem da Instrução Pública). Luís França Brazão, técnico do Governo, recebeu a Ordem do Infante D. Henrique.

Neste dia, ainda, Eanes visitou, durante meia-hora a Expomadeira/84, mostra das actividades económicas regionais, em que participam 63 expositores espalhados por 96 pavilhões e encerrou o I Congresso das Comunidades Madeirenses de que demos notícia na nossa edição de ontem.

SPD também fundou o PS português

A Fundação Friedrich Ebert, próxima do Partido Social-Democrata da Alemanha Federal (SPD), contribuiu para a consolidação dos Partidos Socialistas de Portugal e Espanha — afirma o semanário «Der Spiegel».

No seu último número, a revista realça que ambos os partidos se encontram actualmente no Governo dos respectivos países.

Assegura que graças ao presidente do SPD, Willy Brandt, a Friedrich Ebert teve um começo fácil na Península Ibérica, ao contrário de outras fundações como a democrata-cristã, Konrad Adenaur, a Liberal Friedrich Naumann ou a Hans Seidel, próxima dos sociais-cristãos bávaros.

O semanário declara que juntamente com Mário Soares, então no exílio, os sociais-democratas de Brandt fundaram o Partido Socialista Português em 1973, na pequena localidade de Bad Muenstereifel, a oeste de Bona.

Em Espanha — prossegue — o SPD encarregou-se de promover um jovem advogado praticamente desconhecido, Felipe Gonzalez, e o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE).

A revista salienta o papel-chave desempenhado pelo responsável da Friedrich Ebert em Espanha, Dieter Koniecki, grande conhecedor da cena política e sindical do país e a quem pedem conselho em segredo político do extremo ideológico oposto, como o bávaro Franz-Josef Strauss.

Koniecki foi recentemente agraciado com a grã-cruz da Ordem do Mérito Civil de Espanha, mas há quem, como os comunistas e os franquistas, o acuse de se ter imiscuído, com enormes somas, nos assuntos internos espanhóis.

O visado não concorda e afirma que o seu trabalho «é apenas uma pequena reparação pelos grandes investimentos feitos pela Alemanha de Hitler para apoiar Franco e derrubar o Governo democrático e livremente eleito» de Espanha.

Secretário de Estado revela

Indústrias do Norte trabalham para a Defesa

Serviço militar obrigatório e princípios gerais que orientam as Opções Estratégicas em termos de defesa foram as duas questões que o secretário de Estado da Defessa abordou ontem no Porto.

Figueiredo Lopes falava numa conferência sobre «Indústria e Defesa Nacional» destinada a empresários nortenhos e onde se referiu concretamente a estes dois assuntos em debate governamental e que em breve serão apresentados à Assembleia da República.

O secretário de Estado começou por falar da economia como factor de desenvolvimento e como factor estratégico importante para a Defesa Nacional.

«A defesa — disse — tem um ocnteúdo que ultrapassa em muito o sentido de defesa militar e a defesa tem em vista a independência nacional».

Para Figueiredo Lopes, a independência nacional «pode perder-se com a economia».

No que diz respeito à dependência do país em relação ao exterior, do ponto de vista económico, o orador afirmou que «é uma vulnerabilidade que não pode deixar de ser atacada e considerada no âmbito do Conceito Estratégico de Defesa nacional».

Disse ainda que é importante que o Governo abra a discussão sobre os efeitos económicos das despesas com as ForçaS Armadas».

Figueiredo Lopes disse também que um conceito importante da defesa nacional é «a criasção de uma capacidade autónoma de defesa».

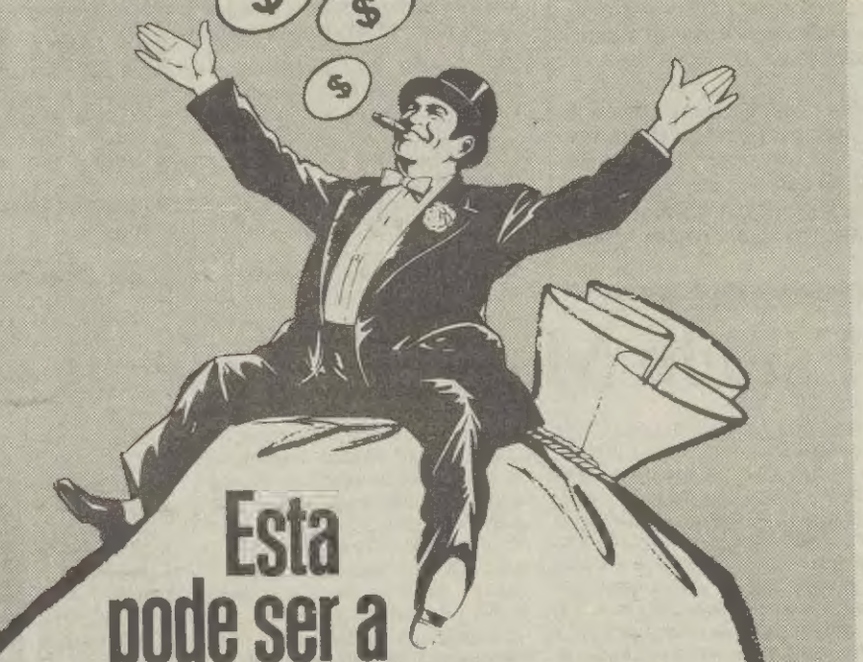
«Também no domínio da indústria gostaríamos de ter autonomia para o reequipamento das nossas Forças Armadas. É sabido que a indústria aplicada à defesa nacional é normalmente uma fonte extremamente frutuosa para o desenvolvimento tecnológico pela evolução da tecnologia aplicada á defesa», acrescentou o orador.

Quanto ao serviço militar, o secretário de Estado disse que ele constitui a forma mais directa de que os cidadãos dispõem para participar na defesa do seu país e da sua pátria.

Falou também do relacionamento que existe entre industriais nortenhos com as Forças Armadas e, a propósito, disse que já há indústrias no Norte a trabalhar para elas no fornecimento de matérias-primas e nos domínios dos transportes, calçado, alimentação, entre outros.

O secretário de Estado da Defesa esteve no Porto a convite do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais.

antena



Esta pode ser a última oportunidade de se tornar MILIONÁRIO

APOSTE NOS CONCURSOS DE FINAL DA ÉPOCA DE FUTEBOL

totobola

CONCURSOS Nº 27 (8 de Julho) • 28 (15 de Julho) • 29 (22 de Julho) • 30 (29 de Julho)

CARTÃO *RAIL EUROP SENIOR*

A EUROPA NA MÃO!

A Senhora já tem 60 anos de idade?
E o Senhor, já completou os 65?
Nesse caso, muitos Parabéns.
Porque, agora, basta-lhe adquirir o novo Cartão Dourado para obter o cartão "Rail Europ Senior"...
e partir em viagem por essa Europa fora, a preços muito, muito acessíveis. Basta dizer que o Cartão "RES" abrange 19 países europeus e as suas reduções vão até 50%!

Informe-se já na Estação mais próxima. Aproveite o Cartão "RES" para ter a Europa na sua mão...
...e Boa Viagem!

VIAJE A PREÇOS REDUZIDOS
ADQUIRA JÁ O SEU CARTÃO "RES"

CP

Comboio, a opção inteligente

CP/Design

O texto base

Un a in

Distribuído a Abrantes, o texto- em todo o País é u teriza suficientem te compreender aquela nova força introdução de uma modo genérico a esta tarefa se par profunda do Todo

Essa crise não é s e financeira, em ter «mas tem a ver tan modo de funcioname tuições, com a crec Estado, com as relaç humanas, enfim uma de valores culturais, ciais e humanos, o q re uma dimensão m transcendente de cris afecta e perturba de vez mais inquietante lações entre o Estad dade, como o próp mento do aparelho de mecanismos de regul lações entre indivíd grupos e classes soc tes».

Prossegue sublin toda esta situação se formas de comportam e cultural que confer dade portuguesa cont «uma paisagem cinze marcada por sentime ralizados de descrenç em todos, de cansaço lavras demasiado ga gestos demasiado rep

Depois de se referir ça que «alastra per sobre todo o corpo s forma «particularmen como se reflecte nos alusão «à despreocu ponsabilidade com q plos sectores sociais, proliferação de activi tas de toda a ordem, t tureza fiscal, económ ceira, como de naturez moral; ao displicente p medíocre quadro ofe certas áreas culturais municação social, on culação e a intriga se frequentemente à seri dependência e à criati

Os homens da CNA gam à conclusão de qu gueses perderam a es que é em torno desta q partir dela, que se torn rio organizar «um novo referências» no plano co, económico, social «capaz de mobilizar a dos portugueses na s capacidade e criar um melhor, mais harmon justo e mais humano, vontade de preparar mais digno, uma socie equilibrada, onde os v damentais da democra berdade, do Progresso ça se convertam de m rências abstractas ou gnos ideológicos, en efectivas na actividade , na vida das empresas colas, no tecido comple lações sociais e cultura

Sublinham depois q refa não pode depend ou mais «iluminados», resultar de «um esfor vamente organizado e propostas capazes perspectivas novas, nível das análises com luções concretas».

«Nestas condições documento — acres que existem alternativa realistas à presente si crise, ao bloqueio, ao Este é o desafio maior de enfrentar, dez anos

O texto base da CNARPE

Um documento que defende a independência nacional

Distribuído aos mais de 120 participantes da reunião de Abrantes, o texto-base da CNARPE que vai agora ser discutido em todo o País é um documento não exaustivo, mas que caracteriza suficientemente a situação política que vivemos e permite compreender com suficiente clareza o que propõe fazer aquela nova força política emergente. Começa com uma breve introdução de umas quatro páginas, em que é analisada de um modo genérico a situação em que vivemos e afirma que «para esta tarefa se parte da constatação de uma situação de crise profunda do Todo Português».

Essa crise não é só económica e financeira, em termos globais, «mas tem a ver também com o modo de funcionamento das instituições, com a credibilidade do Estado, com as relações sociais e humanas, enfim uma crise geral de valores culturais, políticos, sociais e humanos, o que lhe confere uma dimensão mais grave e transcendente de crise moral que afecta e perturba de modo cada vez mais inquietante tanto as relações entre o Estado e a Sociedade, como o próprio funcionamento do aparelho de Estado e os mecanismos de regulação das relações entre indivíduos ou entre grupos e classes sociais diferentes».

Prossegue sublinhando que toda esta situação se reflecte em formas de comportamento social e cultural que conferem à sociedade portuguesa contemporânea «uma paisagem cinzenta e triste, marcada por sentimentos generalizados de descrença em tudo e em todos, de cansaço face às palavras demasiado gastas e aos gestos demasiado repetidos».

Depois de se referir à indiferença que «alastra perigosamente sobre todo o corpo social», e à forma «particularmente grave» como se reflecte nos jovens, faz alusão «à despreocupada irresponsabilidade com que, em amplos sectores sociais, se verifica a proliferação de actividades ilícitas de toda a ordem, tanto de natureza fiscal, económica e financeira, como de natureza social ou moral; ao displicente permissivo e medíocre quadro oferecido em certas áreas culturais ou de comunicação social, onde a especulação e a intriga se sobrepõem frequentemente à seriedade, à independência e à criatividade».

Os homens da CNARPE chegam à conclusão de que os portugueses perderam a esperança» e que é em torno desta questão, e a partir dela, que se torna necessário organizar «um novo quadro de referências» no plano ético-político, económico, social e cultural, «capaz de mobilizar a confiança dos portugueses na sua efectiva capacidade e criar um presente melhor, mais harmonioso, mais justo e mais humano, e na sua vontade de preparar um futuro mais digno, uma sociedade mais equilibrada, onde os valores fundamentais da democracia, da Liberdade, do Progresso e da Justiça se convertam de meras referências abstractas ou meros signos ideológicos, em práticas efectivas na actividade do Estado, na vida das empresas ou das escolas, no tecido complexo das relações sociais e culturais».

Sublinham depois que esta tarefa não pode depender de um ou mais «iluminados», mas deve resultar de «um esforço colectivamente organizado em torno de propostas capazes de abrir perspectivas novas, tanto ao nível das análises como das soluções concretas».

«Nestas condições – afirma o documento – acrescentamos que existem alternativas sérias e realistas à presente situação de crise, ao bloqueio, ao impasse. Este é o desafio maior que temos de enfrentar, dez anos passados sobre o 25 de Abril, data que marcou historicamente o renovar de uma esperança que então parecia perdida e que hoje se impõe fazer renascer no coração de todos os portugueses».

Estes homens acreditam que «é preciso restituir a esperança aos portugueses» e que a alternativa é possível.

Novo modelo de sociedade

Ao apelar para um novo modelo de sociedade, o texto-base da CNARPE fala de um modelo de sociedade «realmente alternativo» e deixa claro que não se trata de construir, «em abstracto» um novo sistema de poder, ou de criar, a partir do nada, um novo projecto de sociedade. «Temos de partir das realidades, reconhecer as capacidades do mundo real, as resistências oferecidas pela sociedade e as inércias existentes».

Explica que se trata de pôr em evidência princípios e valores que poderão constituir, se devidamente organizados e hierarquizados e coordenados a nível do Estado e da Sociedade, a estrutura de base de um modelo de sociedade que apresente potencialidades alternativas reais e que o primeiro desses princípios diz respeito ao problema da «democratização real da sociedade».

Critica a revisão constitucional de 1980 «que veio introduzir efectivamente, na arquitectura do sistema de Governo em Portugal, elementos de fluidez e de insegurança que se traduziram na perda de competências do Presidente da República e num consequente reforço aparente da componente parlamentar e que explicam, em grande medida, as actuais tendências partidocráticas com tudo o que comportam de enfraquecimento do sistema global do poder, de diminuição de confiança dos cidadãos na acção política do Estado, na perda de coesão e eficácia do sistema político no seu todo, no relaxamento das articulações entre o Estado e a Sociedade».

Por isso o documento advoga a necessidade de introduzir reformas constitucionais com reforço da componente parlamentar e que consagrem «estruturas e procedimentos de representação democrática real, para além das que estão asseguradas pelos partidos políticos – assegurando formas de participação cívica e política mais alargadas e mais profundas, de modo a garantirem, tanto a nível local e regional como a nível nacional, um cada vez mais aperfeiçoado e democrático processo de formação de decisões, quer no plano político como administrativo, quer no plano das empresas como no das múltiplas instituições da sociedade civil».

Noutra passagem afirma «o primado do homem sobre a economia ou, dito de outra forma, a ideia de que a economia deverá estar ao serviço do homem e da sociedade, e não o contrário».

Novo diálogo

O documento é também uma aposta na capacidade dos portugueses quando afirma que, a partir da verificação de uma crise mundial do funcionamento da economia, se tem tentado explicar as nossas dificuldades em função dessa crise e dar-lhe resposta «em função de uma visão excessivamente tecnocrática e mecanicista, no sentido em que raramente teve em conta a especificidade da sociedade portuguesa, as suas capacidades e os seus recursos, a originalidade da sua cultura, a riqueza da sua imaginação, a prodigalidade da sua inteligência criadora».

Afirma por outro lado o documento que este princípio se relaciona directamente com outro que é «o do trabalho como valor essencial de uma sociedade que sofre de atrasos estruturais enormes».

Segundo os pontos de vista da CNARPE «o trabalho, sério, aplicado, metódico, é condição fundamental para um novo processo de acumulação que não vise o arbitrário enriquecimento de alguns à custa do esforço da maioria, mas que tenha como objectivo primordial a criação de condições económicas, funanceiras e sociais a médio e longo prazo capazes de lançar os fundamentos de uma estratégia de desenvolvimento que resulte em benefício de toda a sociedade. Há neste capítulo que ensaiar novas modas de diálogo entre o poder e os sindicatos, entre o poder e os empresários, entre estes e os sindicatos, no interior das empresas, quer públicas quer privadas».

O documento sublinha que se refeem a «estratégias de diálogo» que nada tendo a ver com1a chamada colaboração de classes», se fundam na ideia de que não haverá progresso sem o mínimo de solidariedade social, não se vencerá a pobreza e o subdesenvolvimento com o sacrifício e o esforço consciente de todos, não se sairá do círculo vicioso do endividamente e da dependência externos em que caímos sem um autêntico esforço de ressurgimento nacional em que todas as energias, todos os recursos, todas as vontades, têm de ser postas ao serviço da reconstrução nacional».

Mas outro princípio que observa, como decorrente do primeiro, é o da «afirmação sem ambiguidades», de «uma política de repartição equitativa dos custos económicos e sociais da crise, bem como de uma repartição justa dos benefícios que forem alcançados».

O «reconhecimento do papel do mercado como regulador fundamental do sistema económico» é também reconhecido «sem ambiguidades», afastando decididamente «todas as tentações ou fantasmas colectivistas» mas reconhece-se igualmente «o papel primordial do planeamento como elemento corrector decisivo nos mecanismos de regulação da economia, e condição básica para o estabelecimento das articulações indispensáveis entre o económico e o social».

Uma atenção importante é dedicada também à cultura apresentada como condição base para uma real mudança nas estruturas sociais.

«A cultura nesta perspectiva deixa de ser um apêndice, ou um adorno na acção governativa (tatas vezes incómodo, pelos elementos de inconformismo que lhe são inerentes), para passar a constituir um factor estratégico de mudança e de transformação da vida, com todas as consequências que daí derivam, a todos os níveis, incluindo o da mobilização dos meios humanos, financeiros, materiais, etc.

Não às políticas recessivas

A CNARPE diz também neste seu documento um «não firme» às políticas recessivas que têm vindo a ser aplicadas, afirmando, por outro lado, que «não eram inevitáveis e, além de provocarem efeitos negativos, estão também a ter consequências estruturais perversas, designadamente contribuindo para a destruição do capital produtivo nacional, a desindustrialização da economia, o agravamento da dependência face ao exterior, a extroversão crescente da economia e o desvio para o estrangeiro de parcela considerável do rendimento nacional».

Afirma-se que a internacionalização crescente das economias nacionais é um facto e que a imposição das regras do jogo ao seu funcionamento por parte do capital internacional é, hoje, «uma servidão real» para a generalidade das economias periféricas.

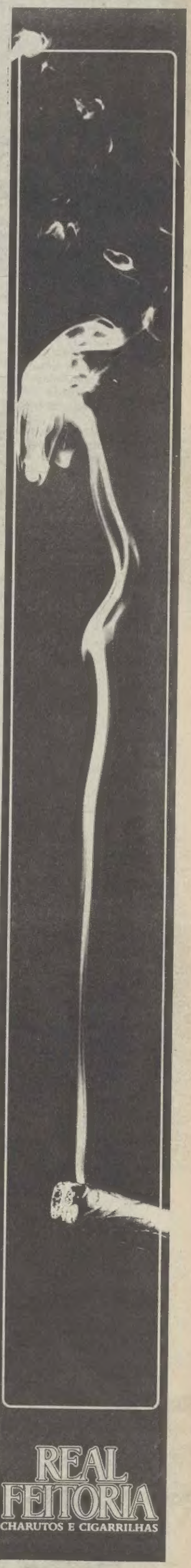
«Nada nos obriga porém, a aceitar níveis de integração na economia mundial que possam comprometer a autonomia e o poder de decisão dos centros nacionais. Tão-pouco a situação de devedores, em que presentemente nos encontramos face ao exterior, nos deve levar a subalternizar os nossos próprios interesses aos dos nossos credores. Até porque, para podermos honrar os compromissos assumidos, temos de encontrar caminhos de intensificação da produção interna e de melhoria considerável dos nossos níveis de produtividade».

Ao longo das suas 42 páginas o documento aborda muitos aspectos com especial relevo para as questões económicas. Defende o desenvolvimento mas sem comprometer o equilíbrio ecológico e neste aspecto manifesta-se contra a construção de centrais nucleares, não só por razões ecológicas como também pela dependência e endividamento externo que provocariam.

Na polémica questão do sector público e da iniciativa privada defende claramente a iniciativa privada, que deve ser apoiada tal como o sector público e o sector cooperativo.

No seu conteúdo geral o documento exprime uma clara forma nacionalista, num sentido positivo, ou seja, é uma aposta na capacidade do povo português desde que lhe seja restituída a confiança e se estabeleça uma nova relação entre o Estado e a sociedade.

Augusto Vilela



Uma carta, um "post-scriptum" e a verdade informativa

Lisboa, 29-6-84
Exmo. Senhor Director do «Diário de Lisboa»

Como leitora assídua de um jornal que ao longo de 48 anos de opressão e obscurantismo, conjuntamente com o «República», preencheu os fins de tarde de desesperança de todo o cidadão antifascista e democrata deste país, considero meu direito interpelar o vosso/nosso jornal por um facto que se me afigura perigosamente insólito na Imprensa portuguesa – **a ausência de informação completa** sobre acontecimentos graves da vida nacional e, neste caso, mais concretamente, **a ausência de dados biográficos dos juízes ou juiz** que determinam detenções de cidadãos em circunstâncias «misteriosamente» atentatórias da sua liberdade num Estado de Direito cujo Governo se afirma **democrático e defensor dos Direitos Humanos.** Refiro mais concretamente as recentes detenções de militantes de uma organização legalizada (FUP) e de um militar no activo, tenente-coronel operacional do 25 de Abril de 1974, Otelo Saraiva de Carvalho.

Não é certamente esta a primeira vez em que a ausência de informação referida me perturba nestes últimos 10 anos em que, como cidadã de pleno direito, considero atentatória à minha/nossas consciência e inteligência, escamotearem-nos uma parte dos dados que (talvez!) nos viessem a auxiliar na resolução do puzzle que nos propõe.

Este processo de escamoteação recorda-me amargamente o passado recente? em que sempre se encontrava um juiz (ou um médico...) pronto a por a sua assinatura (ou a tomar o pulso ao preso no acto da tortura) num processo mais ou menos forjado instaurado pela PIDE/DGS de má memória e que levaria ou não o preso ao tribunal plenário.

Eram então esses juízes (esses médicos) homens sem rosto, sem passado, presente ou futuro, sem família ou amigos que os pudessem identificar como a qualquer outro cidadão comum, porque o receio de retaliações (que, aliás, nunca se concretizavam) os levará a não **se** assumirem perante os seus concidadãos.

Porque razões **agora**, 10 anos volvidos sobre o 25 de Abril, ignoramos nós, para além de apelidos mais ou menos conhecidos ou vividos, a identidade civil e profissional dessas autoridades? Não ficaria a Democracia mais prestigiada se cada um de nós tomasse sobre os ombros as responsabilidades que a cada um cabe e compete assumir e a **todos os outros o direito de julgar?**

Porque não havemos nós de lhes ver a fotografia, a cara, saber se são altos, baixos, gordos, magros, como se processa a sua vida familiar e, **sobretudo,** a profissional? – quais os antecedentes, as suas crenças e ideologias?

Será que têm, medo?

Mas como poderá um homem com medo sentir-se bem na pele de juiz dos outros? – Não, não pode ser – não têm medo. Então porque não identificarem-se perante os seus concidadãos? – Será que só a mim se põe esta interrogação perplexa?

– Será que só eu sentirei esta surpreendida curiosidade por poder saber e conhecer as caras e vidas dos «presumíveis, culpados e sentir pesar este silêncio atentatório às minhas/nossas liberdades constitucionais **sobre os julgadores?**

Gostaria que estas perguntas fossem feitas aos vossos leitores para que eu própria ajuizasse da sua justeza.

– Será que também **isto** é pedir demasiado?

– Será que vivi tão dolorosamente e tão demasiado de perto e por dentro o passado, para agora não ter o direito de inquirir o presente?

Ponho todas estas interrogações à Vossa consideração e continuarei a procurar nas vossas páginas as respostas que, **estou certíssima,** não serei apenas eu a desejar que sejam dadas.

Pelo direito à livre e total informação, pela dignidade dos jornalistas cujo trabalho muito prezo, **como sempre** tenho esperança, e envio-lhes os cordiais cumprimentos da leitora fiel e atenta que sou e, como tal, com direito a uma leitura crítica.

Desde já grata e confiante com os cumprimentos cordiais, a cidadã **independente.**

P.S. – Após ter escrito esta carta, leio no semanário «O Jornal» uma pequena nota biográfica sobre o Juiz Martinho de Almeida Cruz, o que me leva a pensar que o que talvez deva fazer é esperar 7 dias para que um jornal semanário nos informe sobre aquilo que mais minuciosamente desejamos conhecer.

Sempre grata

Luísa Irene Dias Amado

N.R. – *O semanário informou... O semanário informa melhor. Tem a leitora, no seu imediato juízo, razão natural. Mas será o nome, a vida e a face do Juiz que explicam a acção e os silêncios?*

Preparando o debate que começa amanhã em S. Bento

PS debate segurança interna

A Comissão Política do Partido Socialista reúne-se, hoje, à noite, na sede do partido no Largo do Rato. A Lei de Segurança Interna será o principal assunto em debate e prevê-se que cause grande polémica, dado que os socialistas se encontram divididos quanto a este tema, ou melhor, quanto às soluções concretas propostas pelo Governo à Assembleia da República.

A convocação da Comissão Política foi decidida ontem de manhã, durante uma reunião da Comissão Permanente, depois de Sottomayor Cardia ter ameaçado convocar aquele órgão com um requerimento assinado por um terço dos seus membros incluindo elementos de todas as sensibilidades partidárias.

No entanto, a Ordem de Trabalhos da reunião inclui um outro ponto relevante, que pode dificultar a discussão da Proposta de Lei do Governo sobre Segurança Interna. Ele incide sobre a análise da situação político-económica e é provável que nele Soares e os outros membros do Governo que, com maior ou menor intensidade, têm apoiado a Lei de Segurança, procurem criar um ambiente que torne mais difíceis as críticas ao Executivo.

Com efeito, antes da discussão da questão da segurança interna, serão objecto de debate a adesão à CEE, o novo acordo com o FMI e o plano de recuperação económico-financeira, sectores em que o Executivo pensa ter obtido indiscutíveis êxitos.

A Comissão Política concluirá os seus trabalhos com a preparação da próxima reunião da Comissão Nacional do partido, marcada para o dia 7 de Julho.

Em declarações ontem prestadas à ANOP, alguns dirigentes socialistas renovaram as críticas à proposta de diploma entregue no parlamento pelo Governo de Mário Soares.

Manuel Alegre reafirmou que o projecto contém disposições inconstitucionais, viola o Estado de Direito e não serve para o combate ao terrorismo.

Cardia afirmou que a eventual votação favorável do documento «depende de um conjunto de circunstâncias que não estão ainda perfeitamente definidas».

Raul Rego, apesar de ter subscrito a convocatória da Comissão Política, declarou que nem o projecto contém inconstitucionalidades, nem a sua entrada em vigor, tal como está, põe em perigo a democracia. Reconheceu, ao mesmo tempo, a utilidade de se introduzir em, sede de especialidade, algumas modificações.

Aliás, esta ideia parece ser consensual no Grupo Parlamentar socialista. O projecto será aprovado na generalidade, tal como anunciámos a semana passada, e depois alterado na especialidade em pontos fundamentais.

Discussão

A discussão na Assembleia da República inicia-se amanhã às 10 horas. Estarão em debate três projectos – o do Governo, o do CDS e um da ASDI sobre o estado de sítio.

O debate não terá limite de tempo e em princípio prolonga-se por quarta, quinta e, ainda pela manhã de sexta-feira, terminando com uma votação nominal.

Romeu Francês apresenta requerimento ao Tribunal

Advogado de Otelo Saraiva de Carvalho não foi recebido em Caxias

O advogado de Otelo Saraiva de Carvalho não foi ontem recebido em Caxias por não haver conhecimento, no Forte, do teor do esclarecimento feito, na quinta-feira passada, pelo juiz de Instrução Criminal a propósito do despacho que regulamenta as entrevistas dos advogados com os detidos na operação policial contra as «FP-25». Conforme na altura noticiámos, o juiz Almeida Cruz atribuiu a um equívoco o facto daquelas entrevistas serem realizadas na presença de um agente da Judiciária que as escutava. Nos termos do despacho, sublinhou, o agente deverá limitar-se a ver o que se passa nas conversas, não devendo ouvir o que nelas se diz.

O juiz de Instrução Criminal referiu ainda que os detidos terão uma reparação pelo facto dessas disposições não terem sido cumpridas. Recorde-se que, segundo o despacho citado, os presos apenas podem ter um encontro de 30 minutos com os seus advogados, durante os vinte dias em que se encontram incomunicáveis.

Foi no sentido de obter a reparação prometida que Romeu Francês ontem se deslocou a Caxias para se avistar, de novo, com Otelo Saraiva de Carvalho. Como o encontro lhe foi negado, o advogado requereu ao tribunal que oficiasse formalmente o forte de Caxias, esperando poder avistar-se ainda hoje com Otelo.

Entretanto, um bilhete manuscrito atribui às FP-25 o assalto a um armazém de produtos alimentares em Portimão. Um funcionário da empresa «Carry-Sul» comunicou domingo à PJ o assalto ao armazém, onde os assaltantes tentaram, sem êxito, abrir o cofre forte, acabando por levar apenas produtos alimentares, cujo valor não foi ainda calculado. No interior do armazém foi encontrado um bilhete escrito à mão que dizia: «Otelo não tem nada a ver connosco. Forças Populares-25 de Abril».

Desmentido do PCP

A Secção de Informação e Propaganda (SIP) do PCP afirmou serem falsas as afirmações atribuídas a Álvaro Cunhal por órgãos de Comunicação Social, entre os quais o «Diário de Lisboa». Com efeito, na nossa edição de ontem, dizíamos que o secretário-geral do PCP afirmou, no discurso de encerramento da primeira assembleia da Organização Regional de Setúbal, afirmou que «Mário Soares, com a sua operação contra o terrorismo, visava liquidar a extrema-esquerda e Otelo Saraiva de Carvalho e atirar aleivosias contra o PCP, mas a provocação falhou-lhe».

Segundo a SIP do PCP, o que Álvaro Cunhal disse foi: «Se o objectivo de Mário Soares e do Governo ao lançarem a operação não era liquidar o terrorismo, qual poderia ser então? Liquidar a chamada 'extrema-esquerda'? Liquidar Otelo Saraiva de Carvalho? Também não parece plausível. E não parece plausível porque a chamada 'extrema-esquerda' e Otelo têm desempenhado e podem continuar a desempenhar um papel divisionista e anti-PCP que só tem aproveitado e pode continuar a aproveitar à reacção em geral e ao Governo Soares/Mota Pinto em particular (...) Não podemos deixar de ter presente as repetidas insinuações provocatórias de Mário Soares procurando apresentar as FP-25 como um instrumento do PCP.»

Por seu lado, a Comissão Política da FUP reuniu no fim-de-semana para fazer o ponto da situação política e orgânica resultante «da aparatosa investida do poder contra a organização». Num comunicado ontem distribuído, a FUP agradece a solidariedade que tem recebido «de vários quadrantes ideológicos» e anuncia a decisão de abrir novamente sedes em Évora e Setúbal.

A FUP anunciou ainda que os detidos em greve de fome são sete, uma vez que aderiram à greve Eduarda Silva e Manuel Albino Soares.

Para o CDS...

Recuperação da economia portuguesa não pode ser comandada do exterior

O CDS considera não ser de «bom augúrio» que o designado Programa de Recuperação Económica e Financeira esteja apoiado sobre uma instituição internacional.

«O modo oculto, burocrático e timorato com que se está a elaborar o «chamado» Programa de Recuperação Económica, mais uma vez apoiado sobre uma instituição internacional mas não numa vontade política decidida, também não é de bom augúrio» – lê-se num documento ontem apresentado pelos líderes centristas.

Trata-se de um documento – síntese sobre «as condições estruturais de regeneração económica e social de Portugal», aprovado na reunião do domingo do Conselho Nacional do CDS e que – segundo Lucas Pires – «resume, sintetiza e desenvolve as posições do partido nos últimos 12 meses».

O documento salienta que sem a revisão económica e social da Constituição, tal programa de recuperação poderá «melhorar o socialismo, mas de pouco servirá, no médio e longo prazos, ao renascimento económico e social do País».

Neste contexto, o CDS afirma que apresentará na Assembleia da República a sua proposta de revisão económica da Constituição, «logo que considere voltar a haver condições reforçadas da sua aprovação».

Para o CDS, as condições estruturais da regeneração económica e social de Portugal são a «reforma global do sistema fiscal, a diminuição drástica da despesa do Estado e uma paralela reforma da Administração Pública, a implementação de um modelo de desenvolvimento aberto e uma política económica global e coerente de modernização da economia».

A prossecução destes objectivos – segundo o documento – passa, nomeadamente, por uma «política económica e financeira que restabeleça a confiança pela reconversão do papel do Estado e pelo relançamento do novo espírito empresarial e de novas empresas».

O CDS considera também fundamental «a revisão da concepção da legislação e a responsabilidade do Estado no plano social e laboral».

Neste sentido, é preconizada a criação de três instrumentos principais: «A criação de um Conselho Económico e Social, a alteração da base das políticas salarial e laboral e a implementação de uma política contra a injustiça, o desemprego e a pobreza».

Quanto ao Conselho Económico e Social, o documento sublinha ser «radicalmente diferente» do Conselho de Concertação Social, recentemente criado pelo Governo.

Para o CDS, o Conselho de Concertação Social «à moda corporativa», pretende chamar trabalhadores e empresários para «debaixo do chapéu do Governo».

«O Governo trata o Conselho como uma sala de audiências e como uma mera forma de compromisso das organizações sociais com a sua política» – refere o documento.

Os centristas consideram que o Conselho Económico e Social «ou transcende o Governo ou não cumprirá a sua função».

Por outro lado, as políticas salarial e laboral – segundo o CDS – «não devem ter base corporativa, política ou sindical, mas devem basear-se na produtividade».

«Hoje, o peso político é mais relevante na negociação de aumentos salariais do que a produtividade, o trabalho ou o mérito» – sublinha o documento.

No documento é também afirmado que a austeridade do actual Governo «não fortaleceu, mas enfraqueceu ainda mais a economia, pois não chegou para se restabelecer a confiança, para ultrapassar a economia paralela e eliminar o artificialismo da situação económica».

Neste sentido, o líder centrista Lucas Pires afirmou, na apresentação do documento, que «à semelhança de outras anunciadas liberalizações deste Governo, também a simbólica e recente liberalização das taxas de juros «nada veio alterar à situação económica portuguesa».

Autarcas fazem acusação directa

Soporcel polui praia do Osso da Baleia

Nafta e detritos de madeira inundam desde a passada quinta-feira a praia do Osso da Baleia, no concelho de Pombal, poluindo-a em considerável extensão.

O presidente da Junta deFreguesia de Carriço atribuiu as responsabilidades da poluição, que se estende do sul da Leirosa até às proximidades de pedrógão, à Soporcel. O autarca Júlio Gaspar, afirmou à NP ter apanhado meio quilo de resíduos de madeira e fotografado a saída da conduta poluente.

«Não podemos ter confiança nesta gente, porque ao fim e ao cabo isto tem sido aqui uma poluição desgraçada», afirmou Júlio Gaspar, que lamentou não haver «uma pessoa da freguesia do Carriço a trabalhar na Soporcel».

O presidente da Câmara de Pombal, por seu turno, disse que a edilidade está a estudar a hipótese de accionar um processo-crime contra a Soporcel.

Guilherme Santos revelou ainda que o município vai «forçar o Governo a tomar uma atitude» e acrescentou tencionar pedir uma entrevista ao ministro da Qualidade de Vida.

«Iremos até ao limite da nossa capacidade de intervenção nesta matéria», disse Guilherme Santos, realçando que não adivinha «bom fim» às relações entre a Câmara de Pombal e a Soporcel, «dada a forma como esta está a actuar».

Este autarca censurou a maneira como aquela empresa agiu na admissão de pessoal, frisando que tiveram prioridade os trabalhadores das empresas falidas, e que não foi admitida qualquer pessoa do concelho de Pombal.

A agência NP contactou a Soporcel, mas uma funcionária disse estar a decorrer uma reunião e que nenhum responsável da empresa podia ser ouvido.

Em causa as

Amea em to

A Federação de ros do distrito de É çou, pela voz do dente, José Reis, paralisação de act caso de se regis ções sobre os bo Reguengos de Mo não pagamento de passada pela GN cidade.

«É verdade que isso» – concretizo manhã José Reis não implicará qua juízos para as popu outras maneiras coisas».

As declarações ponsável surgem de um processo qu apreensão de três cias naquele distrit da Brigada de T GNR. No entanto, cia dos bombeiro guengos foi a prim pertença de uma co ser envolvida na ac

Cerimónia na

Islamita

Cerca de 2500 m participaram na do fim do Ramadão, pela comunidade is Mesquita de Lisboa, construção.

O presidente da c islâmica de Lisboa,

NISSA
*com ar co
O MELH

DC-3 adap
ENTREPOST
Praça José Queirós, 1 Oliv

Em causa as apreensões feitas pela GNR

Ameaça de "greve" de ambulâncias em todo o distrito de Évora

A Federação dos Bombeiros do distrito de Évora ameaçou, pela voz do seu presidente, José Reis, fazer uma paralisação de actividades no caso de se registarem sanções sobre os bombeiros de Reguengos de Monsaraz pelo não pagamento de uma multa passada pela GNR daquela cidade.

«É verdade que eu disse isso» – concretizou-nos esta manhã José Reis – «mas tal não implicará quaisquer prejuízos para as populações. Há outras maneiras de fazer as coisas».

As declarações deste responsável surgem no decurso de um processo que já levou à apreensão de três ambulâncias naquele distrito por parte da Brigada de Trânsito da GNR. No entanto, a ambulância dos bombeiros de Reguengos foi a primeira que é pertença de uma corporação a ser envolvida na actuação policial.

«A ambulância dos bombeiros de Reguengos foi apreendida porque na altura transportava de boleia o filho do comandante» – recordou José Reis, para mais adiante se interrogar sobre «os transportes que diariamente as viaturas do Exército e GNR fazem com as esposas e filhos dos graduados, levando-os às compras e à escola».

Para o responsável pela Federação de Évora, esta situação, apesar de ser idêntica, «é mais grave, pois os directores e comandantes dos bombeiros, ao contrário dos militares, não auferem qualquer ordenado no desempenho das suas funções».

A actuação da GNR sobre a ambulância dos Bombeiros de Reguengos de Monsaraz foi feita no dia 8 do mês passado e a multa respectiva deveria ter sido satisfeita até ao dia 14. Tal não aconteceu e a decisão final, ao que nos disse José Reis, deverá agora caber aos tribunais.

Não há subsídios desde Janeiro

José Reis lamentou ainda o facto de, desde Janeiro, a Federação dos Bombeiros do distrito de Évora não receber dos serviços médico-sociais nenhum dinheiro respeitante aos quilómetros feitos no serviço de transporte de doentes.

Sobre esse assunto adiantou ainda que os 12.50 por quilómetro actualmente pagos às corporações são insuficientes para pagar a deslocação, o motorista e o desgaste das viaturas.

Na opinião de José Reis, «para as corporações não ficarem a perder no serviço de transportes de doentes, o quilómetro terá que aumentar, pelo menos para os 20 escudos».

Por último, salientou em tom de alerta para a GNR, que «sempre que se apresentar um doente credenciado, os bombeiros não hesitarão nem recusarão o seu transporte».

A ambulância dos Bombeiros de Reguengos de Monsaraz foi apreendida com a alegação de que na altura «estava a efectuar um transporte colectivo».

A automaca transportava um doente credenciado para uma consulta para o Instituto de Oncologia em Lisboa, facto que levou a corporação a não pagar a multa aplicada no valor de 40 mil escudos.

Em nenhum dos casos de apreensão de ambulâncias, as entidades proprietárias liquidaram as multas aplicadas, pelo que se aguarda uma decisão judicial. Está envolvida, além da Misericórdia do Vimieiro a Junta de Freguesia de Azaruja.

Julgamento de Mohamed Rashid aguarda comarca sem serviço

A advogada de Mohamed Rashid ou Al Awad disse que o novo julgamento do seu constituinte aguarda a designação da comarca e do novo tribunal que o vai julgar.

«Nenhum dos membros do anterior tribunal poderá figurar no novo julgamento de Mohamed Rashid, pelo que se tem de aguardar a designação da comarca e do novo juiz» – acrescentou.

Devido a férias judiciais, Fátima Pontes admitiu que o novo julgamento só possa realizar-se depois de Setembro ou «ainda este mês, se for designada uma comarca que não se encontre bloqueada com serviço».

Mohamed Rashid, que anteriormente era conhecido pelo nome de Al Awad, foi julgado no Tribunal de Albufeira sob a acusação de assassínio do dirigente da OLP, Issam Sartawi, ocorrido em Montechoro, em Abril de 1983.

O Supremo Tribunal de Justiça anulou, na passada quarta-feira, o julgamento de Mohamed Rashid, tendo sido dado como não provado a autoria do assassínio de Issam Sartawi.

Rashid tinha anteriormente sido condenado pelo Tribunal de Albufeira a três anos de prisão por uso de passaporte falso.

Governador civil na crista

Viseu anda com medo de apetites coimbrões

A Assembleia Municipal de Viseu repeliu uma tomada de posição da Câmara Municipal de Coimbra contra o teor de uma entrevista dada pelo governador civil de Viseu a um semanário de Lisboa.

O governador civil acusou Coimbra de procurar tornar-se pólo centralizador da região e de tentar segurar para si estruturas que preferencialmente deveriam situar-se noutras cidades.

Reagindo à acusação, o executivo municipal de Coimbra deliberou, dia 25, desmentir o seu fundamento.

Uma moção aprovada na quinta-feira pela Assembleia Municipal de Viseu repete que «os factos ocorridos nos últimos anos comprovam a real apetência de Coimbra para se transformar num novo pólo centracionário, substituindo realmente o «Terreiro do Paço pelo terreiro da erva».

A moção, aprovada por unanimidade, manifesta solidariedade ao governador civil de Viseu «pela sua tomada de posição em defesa dos interesses reais de Viseu e sua região».

Cerimónia na mesquita em construção

Islamitas assinalaram fim do Ramadão

Cerca de 2500 muçulmanos participaram na cerimónia do fim do Ramadão, promovida pela comunidade islâmica na Mesquita de Lisboa, ainda em construção.

O presidente da comunidade islâmica de Lisboa, Suleiman Valy Mamede, fez uma intervenção sobre «A tolerância no islamismo», em que afirmou que o Islão condena «qualquer tipo de fanatismo, a intolerância, a exploração do homem pelo homem e qualquer tipo de segregação».

«Quem diz que a religião islâmica é um obstáculo ao progresso e ao modernismo está completamente errado» – disse ainda Valy Mamede. Segundo ele, é precisamente a «tolerância do Islão que faz com que seja sempre actual e adaptável a todas as épocas».

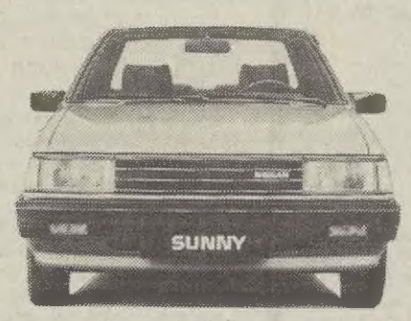
A cerimónia, a que assistiram muçulmanos de várias nacionalidades, destinou-se a assinalar o fim do mês que os muçulmanos dedicam à meditação, à penitência e à reconciliação.

CARTEIRA ROUBADA NO METRO já não faz falta. Os documento sim, ainda mais porque havia uma carta de condução cuja substituição se torna difícil. Esta é uma espécie de apelo feito por um nosso colega do semanário «Expresso» José Henriques Coimbra, que agradece notícias ou a devolução para o seu local de trabalho (Av. Duque Palmela, 37, 2.°, tel. 535968).

NISSAN SUNNY: 1300-1500*

*com ar condicionado de série

O MELHOR AMIGO DA FAMÍLIA

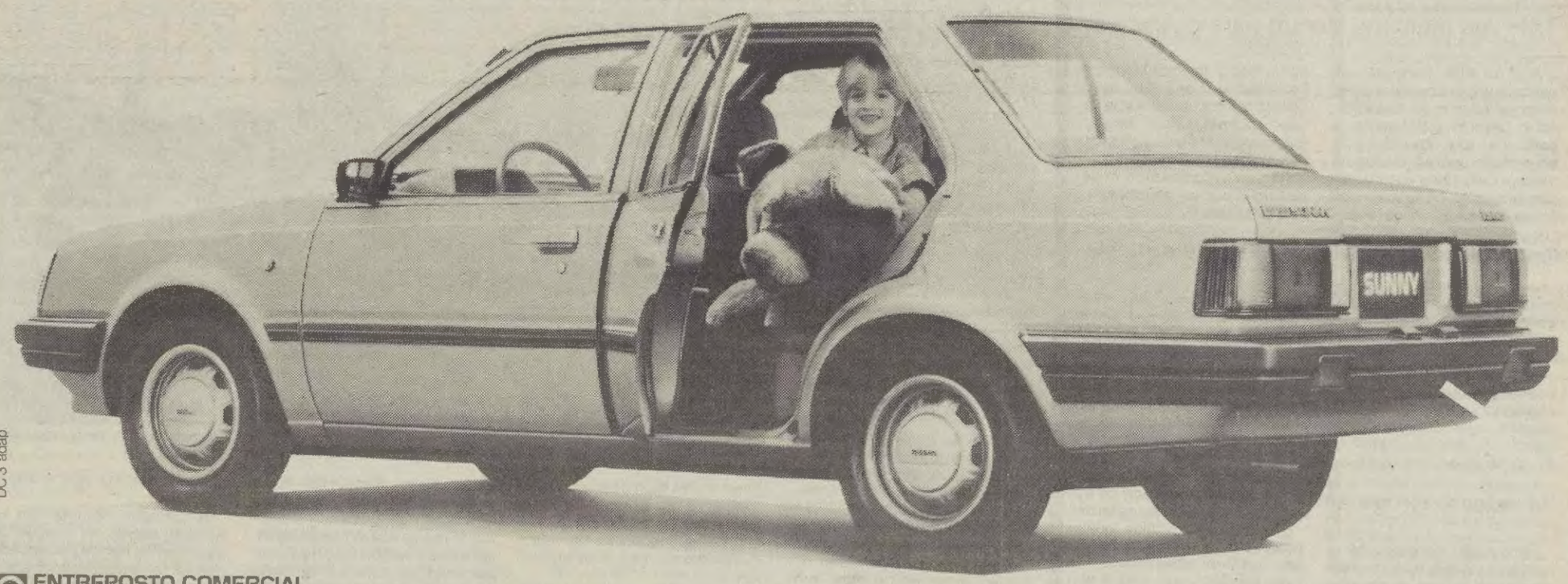


Agora que o pai comprou o novo NISSAN SUNNY, quando se fala em ir dar um passeio, está sempre toda a gente pronta. Até a avó já perdeu o medo que tinha de andar de carro! É MUITO BEM ACABADO, MUITO COMPLETO, TEM RÁDIO e como é o 1.500 até tem AR CONDICIONADO. O pai diz que o SUNNY é muito seguro, que o motor puxa bem, a suspensão é muito confortável e que não gasta quase nada (fomos ao Porto e voltámos sem gastar todo o depósito – 4,9 litros, aos 100 Kms*). A mãe acha que se guia muito bem na cidade e a mana até dorme nas viagens grandes, agarrada ao urso felpudo.

Faça como o pai do Miguel, experimente o novo Sunny em qualquer dos Concessionários Nissan.

* À velocidade estabilizada de 90 Kms horários

NISSAN SUNNY: O MELHOR AMIGO... DA SUA FAMÍLIA



DC 3 adap

ENTREPOSTO COMERCIAL
veículos e máquinas sarl
Praça José Queirós, I Olivais Sul 1899 LISBOA CODEX

NISSAN: A perfeição tecnológica

NISSAN NISSAN

de ontem para hoje

«Gil Eanes» não tem comprador apesar da sua brilhante história

O antigo navio-hospital «Gil Eanes», actualmente utilizado no transporte de bacalhau seco da Noruega para Portugal, não tem compradores – afirmou o vice-presidente da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau (CRCB). O vice-presidente da CRCB, Manuel Guerra, adiantou entretanto que não apareceram propostas para a compra do navio, avaliado em 60 mil contos, desde que o comprador ficasse também com a tripulação. A Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau vai dialogar com o Governo no sentido de negociar directamente a venda do navio salvaguardando os interesses da CRCB e da tripulação do navio. O mesmo informador acrescentou que o «Gil Eanes», desde que pertence à Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau tem prejuízos acumulados na ordem dos 300 mil contos.

Soldado morre afogado no Varosa

Um soldado do Curso de Operações Especiais (Lamego) morreu durante um exercício militar que consistia na passagem em «slide» da barragem do rio Varosa – informou ontem o Estado-Maior do Exército. Aquele militar, Carlos Alberto Videira de Gouveia, largou a corda que o ligava ao «slide», acabando por desaparecer nas águas do rio. Os bombeiros de Lamego e mergulhadores do Porto continuam as buscas do corpo, infrutíferas até ao momento.

Vamos tentar «exportar» termas

Directores dos Centros de Turismo de Portugal no estrangeiro iniciaram ontem uma visita a oito termas portuguesas com o fim de apreciarem as condições para o seu lançamento na Europa. A visita dos responsáveis pelos Centros de Turismo Português em Espanha, França, Benelux, Itália, Grã-Bretanha, Irlanda, República Federal da Alemanha, Áustria, Suíça e Escandinávia é promovida pela Associação Nacional dos Industriais de Águas Mineromedicinais e de Mesa, TAP, Direcção-Geral do Turismo e a Avis. As termas a visitar são as do Vimeiro, Monte Real, Luso, Curia, S. Pedro do Sul, Vidago, Caldelas e Monfortinho.

Recusou devolver a amêijoa ao mar...

O Comando da Zona Marítima do Norte informou a apreensão de quatro embarcações que se encontravam a cerca duas milhas a oeste de Espinho na apanha de bivalves e amêijoa branca, sem licença. «Trindade Gomes», «Mónica», «Joaquim Pequeno» e «Nova Família Portista» foram as quatro embarcações apreendidas pelo navio «Rosário», atribuído ao Comando da Zona Marítima do Norte, no decurso de uma missão fiscalizadora. À excepção do mestre da «Joaquim Pequeno» todos os outros devolveram ao mar a amêijoa branca. Por motivo de recusa em cumprir a ordem de devolução, o mestre daquela embarcação foi detido.

A morte às três da tarde

Um indivíduo morreu ontem à tarde em consequência de um acidente de viação ocorrido na Avenida da Índia, em Lisboa, envolvendo três viaturas. A vítima seguia num automóvel, no sentido Cascais, Lisboa, e embateu de frente numa carrinha que se deslocava no sentido inverso. A carinha – segundo uma testemunha – saíra da sua faixa de rodagem para uma ultrapassagem e embateu frontalmente no automóvel, tendo ainda atingido uma outra carrinha. A testemunha disse ainda que o condutor vitimado esteve entalado nos destroços do seu automóvel cerca de 20 minutos, antes de ser retirado pelos bombeiros. Eram três horas da tarde...

TAP voa mais (no Veraõ) para o Algarve

A TAP-AIR Portugal vai efectuar voos especiais para o Algarve durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, a partir de segunda-feira. Os voos serão operados com um avião «Twin Otter», com capacidade para 14 passageiros e realizar-se-ão duas vezes por semana, ligando Lisboa a Portimão e Faro. Os voos destinam-se a apoiar a operação normal de fim-de-semana, com vantagem para os passageiros com destino à zona de Portimão, para onde partem todas as segundas e sextas-feiras.

Curso de mestrado em produção agrícola

O Instituto Superior de Agronomia vai realizar, no próximo ano lectivo, o IV Curso de Mestrado em Produção Vegetal. Este curso é essencialmente destinado a licenciar em engenharia agronómica, e engenharia silvícola, ou em cursos equivalentes, e tem a duração de um ano. Consta da realização de uma dissertação que terá de ser efectuada num período máximo de dois anos num departamento do Instituto Superior de Agronomia ou num organismo de investigação por ele recomendado. Os pedidos de inscrição podem ser efectuados no Instituto Superior de Agronomia entre 15 de Julho e 15 de Agosto.

PJ «ataca» droga em Foz de Côa

Uma acção de detecção e repressão contra o uso de estupefacientes está a ser desenvolvida em Vila Nova de Foz Côa (Guarda) pela Polícia Judiciária. A acção incide sobretudo sobre a população juvenil, tendo a ANOP apurado junto da Polícia a existência de processos instaurados pelo uso de estupefacientes. O subinspector da PJ na Guarda, Eduardo Pereira, confirmou esta acção, acrescentando que o consumo daqueles produtos é registado um pouco por todas as comarcas da sua área de acção».

No dia em que fechou, duas propostas de reabertura

Panda-Bingo "morto" Panda-Bingo "posto"

Lisboa tem destas originalidades: no próprio dia em que era encerrado o Panda Bingo, na Avenida de Paris, por decisão camarária, surgiam de parte da vereação propostas no sentido de ser encontrada uma solução para a sua reabertura.

Concretamente, há duas propostas que vão ao encontro da deliberação governamental que autorizou a instalação da sala de jogos naquela zona residencial: uma dos vereadores socialistas, outra dos do PSD.

A proposta dos vereadores socialistas, dizem eles próprios, visa «compatibilizar os legítimos interesses dos moradores da zona e os da Junta de Freguesia com a necessidade de encontrar soluções para tráfego eventualmente gerado pela abertura desta sala de bingo».

«Para nós, trata-se de uma proposta que visa salvaguardar a posição governamental» — dir-nos-ia um vereador da APU, a propósito. E a propósito de uma outra proposta do PSD, que aprova o encerramento mas prevê a abertura até que...: «Essa é uma proposta tipo pescadinha com rabo na boca».

Ou seja, a proposta do PSD entende que o encerramento é justo mas que a reabertura deve ser concretizada até que sejam estudadas as questões do tráfego geradas, o problema dos estacionamentos, e até o da insonarização das paredes da sala.

A nova feição que as duas vereações parecem querer imprimir ao problema ameaça mesmo passar por questões tão elementares como será a impossibilidade de construir qualquer auto-silo no logradouro do quarteirão onde se encontra a sala. Os moradores têm direito sobre a área, tanto mais que pagaram 12 por cento sobre o preço das suas residências, exactamente para terem direito ao uso do terreno.

A votação das duas propostas está prevista para amanhã, numa sessão extraordinária da Câmara de Lisboa.

Moro e Berlinguer ruas em Lisboa

Os vereadores socialistas marcariam os seus «pontos» na sessão de ontem ao verem aprovada uma proposta que tinham apresentado no sentido de que Aldo Moro e Enrico Berlinguer tivessem os seus nomes consagrados em artérias de Lisboa.

«O terrorismo internacional tem provocado um conjunto de vítimas em vários países, designadamente na Europa Ocidental, com consequências negativas para a estabilidade das instituições democráticas» — justificaram os homens do PS na apresentação da sua proposta.

O assassínio de Aldo Moro foi «uma data negra para a democracia e um marco importante na acção do terrorismo internacional» e Enrico Berlinguer foi importante no plano do diálogo e do pensamento político, acrescentam os socialistas.

Resultado da votação: PS e PSD a favor; APU em abstenção; CDS contrário.

Ainda como resultado da reunião de ontem, assinale-se que a Câmara de Lisboa repete este ano uma derrama do ano passado que incide sobre a colecta da contribuição predial rústica e urbana, contribuição industrial e imposto de turismo, incidindo este nos serviços prestados nos hotéis e estabelecimentos hoteleiros de cinco e quatro estrelas, restaurantes, estabelecimentos de bebida e salas de dança de luxo.

Por fim, a aceitação de uma proposta socialista para que se estabeleça um novo tipo de ligação com as Juntas de Freguesia, com contactos periódicos nas áreas dos abastecimentos, obras e viação, através dos fiscais municipais.

Com 22 corais já em actividade

"Moda" alentejana cria raízes na área da Grande Lisboa

A formação de grupos corais no seio das comunidades alentejanas migradas em redor da chamada Grande Lisboa foi um fenómeno que conheceu um significativo incremento no pós-25 de Abril de 1974. Para esse incremento foi decisiva a acção da «Casa do Alentejo», a partir de então gerida por directores com preocupações culturais, que passaram a acarinhar, e a promover, os grupos existentes, em número de vinte e dois, criando espaços recriativos em cujos programas se torna quase sempre «obrigatória» a exibição de um coral.

Nos primeiros anos de Abril, dada a dinâmica e o real valor dos seus componentes, o Grupo Coral da Sociedade Filarmónica da Amadora transformou-se em justo «porta-bandeiras» desses agrupamentos,tornando-se a sua presença imprescindível em múltiplos convívios não só na casa mãe como um pouco por todo o País, e até no estrangeiro, junto de núcleos alentejanos e não só. Ultimamente, porém, um outro grupo (o Coral da Damaia, «Os Alentejanos», constituído em 1980) tem vindo também a destacar-se pela pujança das suas criações, quase todas originais e da autoria dos seus próprios elementos.

José Simão, de 38 anos, natural do Escoural, empregado de mesa na Cervejaria Trindade e finalista do Curso de Medicina, autor de muitas dessas «modas» originais, é o porta-voz do grupo. Grupo que é integrado por pedreiros, estudantes, carpinteiros, operários metalúrgicos, sobretudo da Sorefame, funcionários de serviços e antigos camponeses, com idade entre os 20 e 65 anos. O seu ensaiador inicial foi José Barroso que, há pouco regressado ao Sobral da Adiça, sua terra natal, acabou por passar o testemunho ao seu patrício «Zorrito».

Integrado por cantadores oriundos de diversas zonas, logo portadores de influências múltiplas, pois o folclore alentejano não é uno, o Grupo Coral da Damaia que, no próximo sábado, a partir das 14 horas, comemorará o seu 4.º aniversário, com um desfile etnográfico e coral, procura manter um estilo que, sendo embora uma amálgama dessas múltiplas influências vocais e étnicas, não fira de morte a pureza original do canto. Neste momento o grupo tem uma sede onde já funciona uma escola de canto e instrumental para crianças e adolescentes, de ambos os sexos, filhos de alentejanos. «Procuramos perpetuar nos nossos filhos a alma do Povo Alentejano, uma ideia de comunidade, porque todos nós somos em regressar um dia às nossas terras. E a cultura – diz-nos José Simão será o veículo que irá mantendo viva essa ideia de retorno nas gerações vindouras».

O Grupo da Damaia: um dos 22 corais alentejanos existentes na capital, ou nos seus arredores, neste momento a comemorar o 4.º aniversário da sua formação.

Os «fantasmas» do antigamente

José Simão falou-nos depois no «difícil e doloroso» passo, a partir do final da década de cinquenta, que foi a migração primeiro (Barreiro, Baixa da Banheira, Lavradio, Amadora) e, depois, a emigração (França, Alemanha, Suíça, Canadá) de um Povo tão arreigado como o Alentejano ao seu chão.

«O fascismo – recorda José Simão – transportava para o resto de Portugal a ideia de que o alentejano era uma espécie de «cigano» no sentido negativo do termo, um árabe não cristianizado, um malandro sempre a virar as costas ao trabalho, um revoltoso, daí que a integração dos nossos pais nas novas comunidades tivesse sido tão dolorosa. E hoje, infelizmente, o Poder tenta ressuscitar essa imagem de marca, esses fantasmas do antigamente, procurando marginalizar-nos de novo, através de campanhas movidas, por exemplo, contra a Reforma Agrária. Daí que se torne necessário criar certas autodefesas, indo beber mais assídua, e intensamente às nossas fontes, à nossa árvore original. Porque o alentejano nunca se deixou espezinhar e muito menos aculturar».

E desse beber às fontes fazem parte excursões frequentes ao Alentejo (a última foi a Moura durante a Conferência em Defesa da Barragem do Alqueva) onde o grupo entoou quadras a rigor. Apenas dois exemplos: São rubras papoilas para além do Tejo / são gritos vermelhos lá no Alentejo / Lá no Alentejo ouvem-se gritos / Homens e mulheres de punhos no ar; Escoural e Baleizão onde existiu a metralha / Terra de gente sofrida onde perdeu a vida gente simples que trabalha / Em Baleizão Catarina no Escoural Caravela / Nossa bandeira heroína eles morreram por ela.

A bandeira heroína. De um Alentejo escrito no sangue dos seus heróis. Heróis perpetuados nos versos e romances dos seus poetas e prosadores. E nas vozes dolentes e inconfundíveis, dos seus cantadores. Numa luta persistente, e diária, contra a marginalização e o obscurantismo.

Manuel Geraldo

Machete quer processar TV francesa

Walter Rosa deverá visionar filme que ataca a Justiça portuguesa

A Embaixada de França em Portugal distanciou-se das críticas formuladas pelo programa televisivo francês «7/7» sobre a instituição judiciária portuguesa a propósito da detenção de um casal de franceses condenados a 16 e a 12 anos. E aqui, quanto ao peso das penas aplicadas, começa a primeira grande divergência entre aquele apreciado programa da televisão francesa e as autoridades portuguesas.

O programa «7/7» fez chegar a casa dos telespectadores franceses a ideia de que Joseph Damiens e sua mulher Rose Corrales Dubois foram condenados àquelas penas por terem, apenas, sido detidos numa residência cujo dono guardava armamento proibido; as autoridades portuguesas asseguram, ao contrário, que ambos faziam parte de uma quadrilha de assaltantes de residências e automóveis no Algarve e que foram condenados por doze delitos dessa natureza.

O director-geral dos Serviços Prisionais veio ontem a público esclarecer, do ponto de vista português, cuja justiça foi desusadamente atacada no «7/7», que os detidos, Joseph Damiens Dubois, de 43 anos, e Rose Marie Corrales Dubois, de 32, faziam parte de uma quadrilha de cinco indivíduos, entre eles um português (Virgílio Rodrigues Candeias), o único membro do bando que conseguiu escapar à polícia.

Os outros dois também de nacionalidade francesa, George Vigne e Nathalie Germainé Mayer, encontram-se presos, respectivamente em Vale de Judeus e em Tires. Os membros da quadrilha, utilizando documentos de identidade falsos, efectuaram numerosos assaltos no Algarve, em 1980 e 1981, tendo furtado vários automóveis, cujas matrículas falsificaram, e uma pistola marca «Savage», pertencente a um cidadão português, que veio a ser encontrada juntamente com outras armas de grande calibre na posse dos detidos.

Ordem e Machete

A gravidade das acusações transmitidas pelo programa «7/7» está a ser avaliada, a pedido do ministro da Justiça e da Ordem dos Advogados, cujo bastonário entrou ontem em contacto com a Embaixada de França em Portugal, pelo nosso representante diplomático em Paris, Walter Rosa.

O embaixador de Portugal na capital francesa foi incumbido pelo ministro Rui Machete de visionar o filme para poder prestar ao ministro da Justiça todas as impressões susceptíveis de levarem o Governo português a proceder judicialmente contra o «7/7». No programa além da justiça portuguesa ter sido considerada «arcaica» e «corrupta», como ontem referimos, foi também afirmado que os advogados portugueses eram «incompetentes e ladrões». Daí aquela diligência da Ordem dos Advogados junto da missão diplomática francesa em Lisboa.

A Embaixada da França, como atrás se disse, distanciou-se criticamente do programa. Com efeito, em declaração ontem prestada, a missão afirmou «dessolidarizar-se completamente com os juízos formulados sobre a instituição judicial em Portugal» a propósito das críticas do programa televisivo francês «7/7». O porta-voz da missão, Alain Gouhier, frisou que a «Embaixada tem com a instituição judiciária em Portugal, sobretudo no que se refere às condições dos cidadãos franceses detidos, as relações da maior confiança e utilidade».

O bastonário da Ordem dos Advogados contactou ontem a Embaixada, manifestando, como também já assinalámos, a sua indignação por afirmações feitas no «7/7». O bastonário, Osório de Castro, sublinhou que solicitara ao embaixador de França, em Lisboa, Jacques Chazelle, uma informação sobre o teor e o contexto das referências feitas naquele programa de televisão. Nessas referências terão sido atingidas de forma particularmente afrontosa, segundo notícias vindas a público, a Justiça portuguesa, os seus magistrados e os advogados.

Foi também pedida uma informação sobre quem recai a responsabilidade de semelhantes afirmações.

Presos em 1981

Os franceses que estão na origem de todo este incidente, o casal Dubois, foram presos, segundo a DGSP, em 19 de Fevereiro de 1981, e julgados em Portimão em 10 de Março de 1983. Fixaram residência no concelho de Lagoa (no Algarve) em Dezembro de 1980, dedicando-se especialmente a assaltar casas de estrangeiros.

A sentença do Tribunal da Comarca de Portimão que condenou Joseph e Rose Marie Dubois, respectivamente, a 14 anos e seis meses e a 11 anos de cadeia, foi confirmada pelo Tribunal da Relação, para o qual os réus interpuseram recurso, a 22 de Junho de 1982.

O director dos Serviços Prisionais disse ainda que «as autoridades portuguesas foram avisadas pela Polícia francesa da possibilidade de uma tentativa de evasão dos presos, com auxílio exterior, chamando a atenção para a necessidade de vigilância especial aquando do transporte dos detidos em carros celulares».

«Trata-se de presos de perigosidade reconhecida» — adiantou aquele responsável, que classificou de «inadmissíveis» as afirmações proferidas no programa «7/7» do Canal Um da televisão francesa.

De acordo com Castelo Branco, «os franceses não são objecto de qualquer discriminação. Pelo contrário, podem ser visitados por pessoas estranhas à família. As visitas dos familiares são prolongadas em relação às dos familiares dos portugueses, uma vez que as pessoas se deslocam do estrangeiro».

Castelo Branco acrescentou ainda que a cela onde Joseph Dubois se encontra detido «é rigorosamente igual às dos outros presos», afirmando ainda que «as autoridades consulares e diplomáticas francesas visitam os presos sempre que querem e nunca apresentaram reclamações acerca da situação dos detidos».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

O táxi fez uma travagem brusca que me lançou contra o pára-brisas. Entretanto, o condutor aumentou o som da telefonia.
– Não ouviu? – perguntou, excitadissimo.
– Que foi? – quis eu saber alarmadissimo.
– O Maradona!
– Maradona o quê?
– O Maradona vai abandonar o Barcelona. Que granda bronca! Felizmente, no Telejornal desmentiram. «Não passa de mero boato – terá dito o presidente do grupo catalão – Maradona está no Barça e no Barça continuará».
Entretanto, as pessoas voltaram a interessar-se por algumas questões sem importância, como por exemplo a **Lei Sobre Segurança Interna**. *Quando, muitas delas já minimamente começavam a entender o que se passava, a Imprensa publicou declarações do próprio Maradona. O jogador via com bons olhos a sua ida para Itália. Não suportava mais o ambiente espanhol. Não apenas um, mas todos os jornais manchetaram: «Maradona com um pé na Itália». O Telejornal, entre uma entrevista com Mário Soares e um depoimento de Mota Pinto (ou vice-versa, já não me recordo bem) deu a noticia da venda provável de Maradona à Itália, mas ressalvava a possibilidade de Felipe Gonzalez vir, ele próprio, a ocupar-se do assunto. Teria mesmo afirmado que devolveria Maradona ao povo espanhol no caso de este o libertar do compromisso do referendo sobre a NATO.*
Nesse mesmo dia, através do último boletim informativo, a gentil locutora afirmava que havia acordo entre o Barcelona e a Maratona. Nem corrigiu. A inocência tem destes excessos. Então, mais tranquilas, as pessoas começaram a procurar entender o que pretendia dizer na sua Emâni Lopes quando discursava, a propósito da entrada da CEE em Portugal, desculpem!, da entrada de Portugal na CEE: «As pequenas e médias empresas têm de se capacitar de que...» De quê? De que têm de desaparecer? De morrer? E a quem entregarão elas a alma? Ao doutor Mário Soares?
Mas eis que novamente se inquieta porque a Rádio informa que Maradona se avistou com responsáveis italianos. Os jornais adiantam verbas: um milhão de contos. **Telejornal** *dá o caso por encerrado: Maradona já calcifica. Também o «Brado Celestial», órgão da minha paróquia, é peremptório: missas às 7 e às 9, novenas todos os dias e Papa. Maradona na Itália, supõe-se que por intercessão do Papa. Paroquianos, dormi-vos! Finalmente, havia algum tempo para pensar nas questões nacionais. Mas não: notícia da última hora apresentava Maradona de pedra e cal no Barça. Todas as agências ocidentais davam a notícia. Quase imediatamente desmentida por todas as agências: Maradona ia para a Itália. Garantido. Um milhão e quatrocentos mil contos. Ufff! Pois, como eu ia dizendo, o perigo da Lei de Segurança Interna está em que... Mas Maradona irá mesmo?...*

comunicação social

Contra bloqueio do CCT

Voto secreto dos jornalistas no dia 12

A Direcção do Sindicato dos Jornalistas decidiu consultar a classe por voto directo e secreto sobre as formas de luta a adoptar em caso de bloqueio das negociações do CCT.

A consulta foi decidida numa reunião ontem efectuada, alargadaaos corpos gerentes, a qual debateu as consequências das últimas das assembleias gerais convocadas e que não puderam funcionar por falta de «quorum».

A consulta será feita no próximo dia 12, através de uma assembleia descentralizada, com urnas nas Redacções.

A proposta a votar será divulgada nas Redacções nos próximos dias.

PM recebe Clube dos Jornalistas

Os primeiros corpos gerentes do Clube de Jornalistas são recebidos hoje, à 17 horas, no Palácio de S. Bento, pelo Primeiro-Ministro, a quem vão apresentar cumprimentos por motivo do início das actividades do Clube e expor brevemente os objectivos da sua associação..

Para idêntico fim, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, receberá mais tarde a Comissão Executiva do Clube.

Guarda carece de Centro Emissor da RDP

A edilidade da Guarda aprovou uma proposta na qual defende a criação de um Centro Emissor da Radiodifusão Portuguesa nesta cidade – anunciou à ANOP Abílio Curto, presidente da câmara municipal.

A proposta surgiu na sequência da criação em Bragança de um Centro Emissor Regional, tendo sido afirmado pelos responsáveis municipais da Guarda que a «RDP deve criar idêntico centro nesta cidade, onde existem já instalações minimamente equipadas».

Abílio Curto:

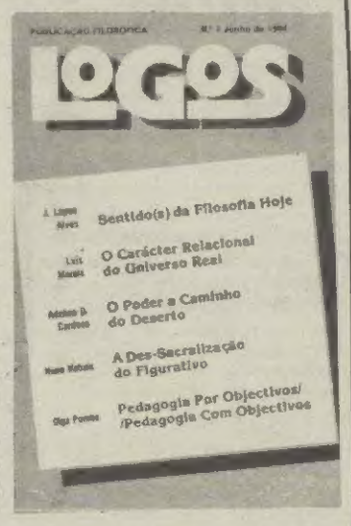
«É um factor de desenvolvimento regional e uma forma de o interior ser ouvido.»

Este autarca considerou que o Nordeste Transmontano está a ser beneficiado, enquanto a área da Beira Interior e Guarda carece de idêntica infra-estrutura.

Abílio Curto manifestou esta aspiração junto do ministro de Estado, Almeida Santos, que é também presidente da Assembleia Municipal da Guarda.

"Cores e Formas"

Foi inaugurada no passado dia 29 do corrente, na Galeria «JN» (Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, Porto), uma exposição de fotografia «Cores ¡ Formas», de Paulo Roberto. O certame encontra-se aberto ao público, de tarde e à noite.



"Logos"

Com a colaboração da Direcção Geral de Divulgação, acaba de sair a publicação filosófica «Logos», tendo como directores Adelino D. Cardoso, Carlos Fontes e Luís Pedro Morais.

Lê-se, em breve nota de abertura:

«É conhecida a inapetência da instituição universitária para, entre nós, abrir espaços de diálogo com um público não-universitário. Esta constatação não visa anular ou esvaziar de sentido os passos consistentemente dados num outro sentido de há alguns anos a esta parte.

«No campo específico da filosofia, a revista «Análise» é o último e, a nosso ver,o mais significativo ensaio de colocar à disposição de um público mais ou menos vasto as investigações em curso na Universidade Nova de Lisboa.

«Logos» é, para o colectivo que promove o seu lançamento, a produção de um novo espaço de reflexão, aberto ao contributo de todos quantos, dentro ou fora da instituição universitária, encaram a prática da Filosofia como modo de estar na cultura que, entre nós, se faz. É nossa intenção alargar este espaço, dar voz aos professores de Filosofia do Secundário que encaram o ensino da Filosofia como forma específica de produção filosófica».

Honduras: "não" à EFE

As Honduras declararam o enviado especial da EFE, Juan António de Lucas, «persona non grata», depois de o obrigarem a sair do país e lhe negarem posteriormente a reentrada.

A direcção da agência protestou, em mensagem ao Governo de Tegucigalpa, contra o que considerou «decisão totalmente contrária à liberdade de imprensa» – e pediu a sua revogação ao ministro hondurenho dos Negocios Estrangeiros, Edgardo Paz Barnica.

RFA: edições reduzidas

Numerosos diários da Alemanha Federal voltam a sair amanhã em edição reduzida, devido às greves estratégicas em diversas empresas.

Segundo o divulgado pelo Sindicato dos Tipógrafos e Gráficos, que conta com 145 mil filiados, a nova convocatória de greve abrange vários milhares de assalariados da Imprensa.

ensino

Em 84/85 mais de 500 ficarão "de fora" na Secundária da Portela

Mais de 500 alunos do sétimo ano unificado não terão vaga no próximo ano lectivo na Escola Secundária da Portela.

A situação de ruptura vem-se arrastando há uns anos. Já em 82/83, dos 518 alunos provenientes da Preparatória Gaspar Correia, 295 tiveram vaga na sede da Secundária da Portela, 169 foram colocados no anexo junto ao Ralis e 54 tiveram de ser colocados noutras escolas.

No ano lectivo passado, o número de alunos que transitou para junto do Ralis foi 187 e, para outras escolas, 254.

«Como necessariamente a população escolar continuará a crescer, a única possibilidade de os filhos dos moradores da Portela terem, nos próximos anos, acesso a uma escola secundária na área da sua residência, é que seja imediatamente iniciado o processo de construção na Portela, de uma nova escola secundária com capacidade suficiente para abarcar a população escolar desta área e de Moscavide», afirma a associação de pais e encarregados de educação da Secundária da Portela.

Além da falta de espaço, esta escola, que entrou em funcionamento há 5-6 anos como solução provisória para três anos, altura em que deveria ser construída a escola de raiz, apresenta actualmente um tal estado de degradação que já professores e alunos caíram nos buracos do chão de algumas salas.

Estores e parte da vedação estão também degradados, tendo o conselho directivo diligenciado junto das direcções-gerais do Ensino Básico e Secundário, Construções Escolares e Equipamento Escolar, para que procedam às necessárias reparações, mas até agora sem resultado. Os pais admitem ter eles próprios de se movimentar «para exigir dos responsáveis governamentais a sua concretização».

A escola foi construída sem ginásio e não tem qualquer capacidade para ministrar um programa mínimo de Educação Física.

O CD propôs ao C. Pedagógico e à Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário que todos os alunos passem a frequentar uma vez por semana aulas de Educação Física no ginásio do anexo junto ao Ralis. Mas, além dessa solução improvisada obrigar à deslocação dos alunos para uma área fora da sua residência, o «ginásio» do anexo tem deficiências de cobertura que é urgente reparar.

Na Secundária da Portela apenas é ministrado o curso unificado, ou seja, até ao nono ano de escolaridade obrigatória; para frequentar os 10.°, 11.° e 12.°, os alunos têm de deslocar-se por vezes para zonas bastante distantes da sua área de residência, como Chelas, Alcântara, etc.

Por todas estas razões os pais consideram urgente a construção da escola secundária definitiva, tanto mais que, embora o ME objecte verbalmente com a inexistência de terreno para a construção da escola definitiva, a Câmara Municipal de Loures informou que há espaços disponíveis para o efeito.

Na Preparatória de Pombal faltam três pavilhões além de obras

O presidente do conselho directivo da Escola Preparatória de Guia-Oeste, Pombal, disse à ANOP que a abertura do novo ano escolar corre perigo se até Outubro o Ministério da Educação não construir três novos pavilhões.

Vítor Azenha afirmou que a escola necessita também que o Ministério desbloqueie uma verba prometida de 600 mil escudos, destinada a obras de reparação da cantina escolar.

Esta escola, que abrange franjas dos concelhos da Figueira da Foz, Leiria e Pombal, precisa também de uma verba de 128 contos imprescindível para a EDP fazer a ligação de energia eléctrica aos pavilhões já edificados.

Vítor Azenha disse que depois de uma reunião no Ministério da Educação, onde estiveram presentes 17 partes interessadas, ficou acordado que o Ministério pagará ao anterior proprietário destas instalações uma verba de 48 mil contos, em prestações semestrais e sujeita a actualização, segundo os juros de lei.

ME distribuiu prova de Matemática incompleta

A secretária de Estado Adjunta do ministro da Educação mandou averiguar as anomalias da prova escrita de Matemática, para exame do ensino particular e cooperativo, – Curso Geral Nocturno (antigo 5.° ano) marcada para ontem à tarde.

Já os alunos tinham começado a prova quando, se aperceberam que além de deficiências na parte de Álgebra, não eram reproduzidas no ponto as figuras geométricas sobre as quais incidiam algumas perguntas da parte de Geometria.

Face aos protestos, o Ministério da Educação mandou anular a prova. Esta manhã, contactado telefonicamente, o gabinete de imprensa do ME apenas informou que estavam a decorrer averiguações. Inscreveram-se para esta prova 4.284 alunos. A repetição do exame será automaticamente a 2.ª chamada.

A prova correspondente para o ensino oficial, que também decorreu ontem, à tarde, não apresentava erros.

Universidade do Algarve

«Após a sua criação, há cinco anos, pela Lei n.° 11/79, a Universidade do Algarve é uma instituição com instalações e equipamentos insuficientes e dispersos por quatro edifícios da cidade», afirma o sindicato dos professores da Zona Sul.

As insuficiências apontadas limitaram a frequência dos três cursos existentes a 93 alunos e comprometem para o próximo ano lectivo, o aumento da frequência.

As dotações insuficientes reflectem-se na qualidade do ensino, impedem a investigação, não há apoios de natureza social, não avança o projecto de construção na zona do Pontal.

O SPZ5 manifesta o seu apoio à instituição, concluindo que «a criação e instalação da Universidade ter servido, em algumas ocasiões, para promoção política (...)».

CGTP-INTERSINDICAL U.S.S.

Dia 5 Julho 84 – concentração junto ao Governo Civil às 17 horas. Para os trabalhadores com salários em atraso, despedimentos, encerramento de empresas, repressão, viabilização das empresas.

CIS

PROMOVIDA PELA UNIÃO SIND. SETÚBAL

POR UMA NOVA POLÍTICA/UM NOVO GOVERNO

SETÚBAL, 2 de Julho de 1984

O SECRETARIADO

00

ortela

bjecte verbalmente com a
tência de terreno para a
rução da escola definitiva,
mara Municipal de Loures
ou que há espaços dispo-
para o efeito.

reparatória
ombal faltam
pavilhões
de obras

residente do conselho di-
o da Escola Preparatória
ia-Oeste, Pombal, disse à
que a abertura do novo
scolar corre perigo se até
ro o Ministério da Educa-
ão construir três novos pa-
s.
r Azenha afirmou que a
a necessita também que o
tério desbloqueie uma
prometida de 600 mil es-
, destinada a obras de re-
ão da cantina escolar.
a escola, que abrange fran-
s concelhos da Figueira da
Leiria e Pombal, precisa
ém de uma verba de 128
s imprescindível para a
fazer a ligação de energia
ica aos pavilhões já edifi-
.
r Azenha disse que depois
na reunião no Ministério da
ação, onde estiveram pre-
s 17 partes interessadas.
acordado que o Ministério
rá ao anterior proprietário
s instalações uma verba de
il contos, em prestações
strais e sujeita a actualiza-
segundo os juros de lei.

oleta

rensa do ME apenas infor-
u que estavam a decorrer
eriguações. Inscreveram-se
a esta prova 4.284 alunos. A
etição do exame será auto-
ticamente a 2.ª chamada.
prova correspondente para o
sino oficial, que também de-
reu ontem, à tarde, não apre-
tava erros.

ve

não avança o projecto de
strução na zona do Pontal.

SPZ5 manifesta o seu apoio
stituição, concluindo que «a
ção e instalação da Universi-
e ter servido, em algumas
siões, para promoção política
»

CIS

CRETARIADO

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

Relatório do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR do Exercício de 1983

1. Introdução

A resolução dos problemas que afectam a economia mundial tem exigido um continuado recurso a medidas do âmbito da política monetária e financeira, as quais, pela sua natureza, condicionam a actividade das instituições de crédito. Também no nosso País as medidas de carácter monetário e financeiro têm vindo a exercer um papel cada vez mais decisivo no quadro da política económica nacional, situação que condiciona naturalmente a actividade bancária.

Justifica-se, nestas circunstâncias, que o Relatório do Conselho de Gestão comece por fazer uma breve referência à conjuntura económica externa e interna em que a actividade do Banco se desenvolveu ao longo do exercício.

2. Economia Internacional

2.1.
A Conjuntura Económica em 1983

As perspectivas de melhoria que começaram a desenhar-se nos derradeiros meses de 1982 não foram totalmente iludidas em 1983. Apesar de não ter sido possível afastar completamente o espectro da recessão económica, deram-se alguns passos importantes no sentido de consolidar as bases indispensáveis para o relançamento da economia nos países da OCDE.

No domínio da inflação, que tem constituído a principal condicionante da política económica nos últimos anos, verificou-se ao longo de 1983 uma convergência gradual para um ritmo inflacionista mais lento, embora tenham persistido disparidades ainda impeditivas da aplicação de políticas concertadas com vista a atingir um ritmo de crescimento económico mais expressivo. A taxa de inflação do conjunto dos países da OCDE regrediu para um valor médio de 5,3 %, nível jamais conseguido desde 1972 e que corresponde a menos de metade do valor atingido em 1980.

A produção industrial manifestou também uma significativa melhoria, tendo o seu volume aumentado cerca de 3,5 %, o que contrasta com uma quebra de 4,4 % no ano precedente. Porém, este aumento resultou mais de um esforço de racionalização da capacidade produtiva instalada do que propriamente de um acréscimo de investimento. Com efeito, não obstante ter-se verificado uma generalizada melhoria do clima de confiança dos agentes económicos, o nível do investimento realizado não foi ainda suficiente para sustentar uma sólida retoma e proporcionar a criação de emprego de modo a inverter a tendência para o agravamento do desemprego que tem vindo a verificar-se.

A balança de transacções correntes do conjunto dos países da OCDE apresentou também uma certa melhoria traduzida numa contracção do seu défice de cerca de 30 para 24 mil milhões de dólares.

As trocas intra-OCDE manifestaram igualmente uma evolução favorável, tendo o seu volume aumentado cerca de 4 % relativamente ao ano anterior. Esta situação, porém, não teve correspondência no fluxo do comércio internacional, que se ressentiu não só do sobreendividamento dos países em vias de desenvolvimento e dos problemas monetários mundiais, mas principalmente do recrudescimento das tentações proteccionistas por parte das economias industrializadas.

Apesar de se terem verificado os aspectos positivos já assinalados, que permitem acalentar uma mais fundada esperança em que tenha sido dobrado o ponto crítico do ciclo depressivo que a economia mundial tem atravessado, existem ainda obstáculos importantes a vencer, sem o que não será possível encetar uma fase duradoira de recuperação económica.

De facto, não só as pressões inflacionistas não foram ainda suficientemente desactivadas, como também existem desequilíbrios que não foram devidamente atenuados, sobretudo ao nível das taxas de juro e de câmbio, bem como das políticas orçamentais, apesar de também nestes domínios se terem operado progressos.

Por outro lado, permanecem sem resposta os principais problemas monetários e financeiros mundiais.

Como consequência das elevadas taxas de juro praticadas pelos Estados Unidos, prosseguiu o ciclo ascendente da paridade do dólar, que registou cotações recordes em várias praças do mundo, agravando, assim, a situação dos países com dívidas externas mais expressivas.

A situação dos países da Comunidade Económica Europeia também apresentou alguns sintomas de melhoria. Principalmente na primeira metade do ano, a actividade económica mostrou uma certa reanimação, embora desigualmente repartida pelos vários países da Comunidade e basicamente sustentada por um aumento do consumo privado, a par de uma reconstituição de «stocks». Em termos globais, no entanto, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto, em volume, ter-se-á situado apenas ao nível do ano anterior (cerca de 0,5 %), o que se deve, em grande parte, às variações negativas registadas nalguns países, designadamente na Bélgica, França, Grécia e Itália.

O ritmo de crescimento dos preços foi também consideravelmente atenuado nos países da CEE, situando-se o valor médio anual da taxa da inflação em 5,6 %, contra 8,7 % no ano anterior. Para esta desaceleração terá contribuído principalmente a redução verificada nos custos salariais e o afrouxamento dos preços das importações.

Ao nível da balança de transacções correntes, também os resultados foram encorajadores, tanto do ponto de vista da posição externa global — que se traduziu por uma redução do défice de 14 para 4 mil milhões de dólares — como no que respeita à posição individual dos países membros.

Na esfera económica dos países da CEE, o Sistema Monetário Europeu funcionou dentro das normais exigibilidades, sem deixar de reflectir algumas perturbações induzidas nas moedas que o integram pelo comportamento do dólar. Apesar de tudo, o SME continuou a revelar-se como factor de homogeneidade e coesão e, principalmente, como instrumento coordenador das políticas monetárias da Comunidade. Refira-se, ainda, que em 21 de Março de 1983 teve lugar um novo realinhamento das paridades dentro do SME, tendo sido revalorizado o marco, o florim, a coroa dinamarquesa e o franco belga e luxemburguês e desvalorizada a lira italina e o franco francês.

2.2.
Perspectivas para 1984

Apesar dos resultados positivos já atingidos, não estão ainda preenchidas todas as condições necessárias para uma recuperação segura da economia mundial. Uma retoma consistente da economia só é possível através de uma adequada harmonização de políticas no quadro de uma sã cooperação económica multilateral, o que não se afigura viável enquanto permanecerem situações e comportamentos tão díspares como os que se verificam entre os países industrializados.

A melhoria já conseguida não reflecte ainda, de facto, a transformação estrutural indispensável. Os próprios sinais de recuperação da economia norte-americana parece resultarem essencialmente de acções conjunturais ligadas à actuação governativa, mais do que devido a alterações estruturais do seu aparelho económico.

Os efeitos benéficos para a economia mundial que poderiam advir de uma inversão da tendência altista do dólar, terão reduzidas probabilidades de ocorrer em 1984, apesar de esta divisa começar a dar sinais de enfraquecimento. Por outro lado, a tendência que se tem verificado para o reforço das medidas proteccionistas também não favorece a criação de um sistema comercial aberto e multilateral indispensável para sustentar a retoma e permitir a transição para um crescimento duradoiro.

De acordo com as perspectivas da OCDE, a taxa de crescimento do Produto da Zona aumentará cerca de um ponto percentual em relação ao valor atingido em 1983, continuando, no entanto, a depender basicamente do vigor das economias estadunidense e japonesa, para as quais se prevêem taxas de crescimento de 5 % e 4 %, respectivamente.

A dinâmica do comércio internacional continuará fortemente dependente, quer do nível da procura externa dos Estados Unidos, quer do grau de proteccionismo que vier a ser praticado pelos países tradicionalmente mais influentes no volume das trocas mundiais.

As previsões para os países da CEE apontam também para uma pro-

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

gressiva, embora moderada, revitalização da actividade económica. O acréscimo médio previsível para o volume do Produto é de 1,5 %, devendo ser mais substancial no Reino Unido e na República Federal Alemã. Este aumento resultará de um crescimento de 3,4 % das exportações e de 2 % do investimento, enquanto para o consumo privado se prevê uma estagnação. Prevê-se igualmente que a política salarial continue a ser orientada por uma rigorosa disciplina com vista a neutralizar a pressão inflacionista e conter os acréscimos salariais dentro de limites que não comprometam a consolidação da recuperação económica.

No capítulo das políticas monetárias e orçamentais, os objectivos prioritários para 1984 consistem em prosseguir as linhas de orientação já em vigor, procurando, à medida que a situação o permitir, conduzir as taxas de juro para um nível mais reduzido e, em simultâneo, prosseguir uma firme política no sentido de atenuar o desequilíbrio das finanças públicas.

3. Economia Portuguesa

3.1. A Conjuntura Económica em 1983

A debilidade da economia portuguesa e a sua grande vulnerabilidade aos efeitos induzidos por uma conjuntura internacional adversa têm vindo a provocar um crescente défice das trocas com o exterior, atingindo em 1982 um valor insustentável.

O quadro de referência da economia portuguesa consubstanciado nas Grandes Opções do Plano para 1983 apontava inicialmente para uma expansão económica idêntica à do ano anterior, traduzida num acréscimo do Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de 3 %, em termos reais. No entanto, o agravamento do desequilíbrio externo, as dificuldades de financiamento decorrentes do evoluir da própria crise financeira internacional e a alteração entretanto sobrevinda no plano político-governativo determinaram a introdução de ajustamentos na política económica, imprimindo-lhe um cariz bastante mais restritivo.

Foi nestes condicionalismos que Portugal firmou um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, no qual ficou consignado, como objectivo prioritário a atingir pela economia portuguesa em 1983, a contenção do défice da balança de transacções correntes dentro de um limite não superior a 2 mil milhões de dólares, o que representava uma quebra de 1,2 mil milhões de dólares em relação ao valor atingido no ano precedente.

Impondo-se, pois, a subordinação do crescimento económico aos imperativos da limitação do défice externo, foi posteriormente traçado um novo quadro de referência para a economia portuguesa, que preconizava como principais metas a atingir em 1983:

— uma contracção de 2,4 pontos percentuais da procura interna, com especial incidência na componente investimento, justificada pela nossa elevada dependência externa em bens de equipamento;
— um aumento de 9 % do volume das exportações de bens e serviços e, simultaneamente, um decréscimo de 3 % do volume de importações.

Para a consecução destes objectivos, que contêm implicitamente uma quebra de cerca de 2,5 pontos percentuais da taxa de crescimento do volume do PIB, tornou-se indispensável adoptar um vasto conjunto de medidas, designadamente no domínio da política monetária, financeira e cambial, bem como da política fiscal, orçamental e de preços.

Nesta conformidade, as taxas de juro activas e passivas foram aumentadas duas vezes (em Março e em Agosto), enquanto o escudo sofreu duas desvalorizações discretas (uma de 2 % em Março e outra de 12 % em Junho, em termos efectivos), subindo o ritmo de desvalorização deslizante de 0,75 % para 1 % ao mês, a partir de Março. No domínio da política orçamental e fiscal foram igualmente adoptados critérios de rigor por forma a reduzir o défice orçamental. Também no domínio da política de preços foram tomadas algumas medidas com vista a introduzir maior flexibilidade e realismo no processo de formação dos preços, através de uma redução progressiva dos montantes dos subsídios concedidos aos preços de alguns bens. Refira-se, ainda, que no plano das políticas sectoriais foram redefinidos os contornos delimitativos dos sectores público e privado.

A avaliar pelos elementos disponíveis, a evolução da economia portuguesa em 1983 ajustou-se de forma adequada às linhas de orientação traçadas no quadro das políticas de estabilização.

Em consequência das medidas adoptadas visando o enfraquecimento da procura interna, a actividade produtiva acentuou gradualmente ao longo do ano a tendência recessiva provinda já do ano anterior. Apenas os sectores industriais orientados para a exportação manifestaram um razoável dinamismo estimulado pela melhoria verificada na procura externa.

A componente mais activa do PIB foi sem dúvida a exportação, cuja taxa de crescimento nominal atingiu 52 %, enquanto as importações apenas cresceram 17,5 %. Assim, a taxa de cobertura melhorou de forma apreciável, tendo passado de 44 % em 1982, para 57 % em 1983. Mercê desta melhoria, o défice da balança de transacções correntes situou-se em valor inferior ao fixado no acordo com o FMI, não obstante uma evolução menos favorável de rubricas tradicionalmente importantes para atenuar o desequilíbrio das contas com o exterior, como tem sido o caso das remessas de emigrantes e das receitas do turismo.

Em resultado de causas diversas, das quais caberá destacar a política de flexibilidade de preços que foi prosseguida tendendo para a prática de preços reais, o desfavorável ano agrícola, e os efeitos da evolução da paridade do escudo perante as principais moedas estrangeiras, os preços no consumidor registaram uma subida mais expressiva do que nos anos anteriores, tendo a taxa de inflação atingido 25,5 %, o que traduz um aumento de 3,1 pontos percentuais em relação ao ano precedente.

Em correlação com as variáveis reais da esfera económica, também as variáveis monetárias acentuaram o afrouxamento do seu ritmo de crescimento, principalmente os depósitos a prazo. As causas deste comportamento residem não só na quebra registada nas remessas de emigrantes mas também no facto de se ter verificado uma crescente tendência para a procura de fontes diversificadas de aplicação de poupanças. Caberá referir, com efeito, que o mercado primário obrigacionista registou um comportamento meritório, sendo de realçar o êxito alcançado por algumas emissões públicas. Já o mercado accionista manteve uma manifesta situação de atonia, não tendo suscitado interesse bastante por parte dos aforradores para se tornar, como se impõe, um mecanismo que permita suprir de forma eficiente as carências de capitais próprios das empresas.

Os crescentes défices orçamentais verificados nos últimos anos têm constituído um dos principais factores de desequilíbrio, tanto interno como externo, da economia portuguesa. Com o objectivo de atenuar este impacto negativo para a economia, foi adoptada uma firme política de racionalização de despesas públicas. De acordo com os valores provisórios publicados, o peso do défice orçamental no PIB foi reduzido de 9,2 % em 1982 para 7,9 % em 1983, ficando, assim, também abaixo do valor constante do acordo com o FMI.

Em resultado da tendência altista do dólar e da política cambial o escudo sofreu uma depreciação efectiva de 23,2 %, mais 6,5 pontos percentuais do que no ano precedente. Esta depreciação foi particularmente acentuada perante o dólar e o iene, em relação aos quais ultrapassou a barreira dos 30 %.

3.2. Perspectivas para 1984

A economia portuguesa enferma de uma frágil estruturação no que se relaciona com o seu padrão de especialização internacional, situação que se não for devidamente corrigida poderá redundar numa incapacidade cada vez maior para suplantar os problemas com que se tem debatido..

Por razões de ordem múltipla não tem sido possível, nos últimos dez anos, encontrar o indispensável eixo comum entre as políticas conjunturais e estruturais, o que tem impedido a criação das necessárias condições para que a economia portuguesa possa preparar-se para enfrentar os desafios que a «terceira revolução industrial» lhe vai necessariamente lançar.

O ano de 1984 apresenta-se, pois, como um ano verdadeiramente crucial para a economia portuguesa. Por um lado, porque se impõe o início de reformas com vista à criação das necessárias condições que permitam enfrentar os desafios do futuro e, por outro lado, porque persistem razões que justificam o prosseguimento de políticas restritivas dirigidas à contenção do investimento e do consumo.

Com efeito, a redução do défice da balança de transacções correntes para um valor não superior a 1,25 mil milhões de dólares, assim como do défice do Sector Público Administrativo para cerca de 6,5 % do Produto Interno Bruto, são objectivos prioritários da economia portuguesa para 1984. Objectivos que são incompatíveis com a aplicação de uma política dirigida ao crescimento e à modernização da nossa estrutura produtiva.

Por estas razões, 1984 não poderá ser ainda o ano da recuperação da economia portuguesa.

As Grandes Opções do Plano para 1984 apontam para uma quebra da

taxa de crescimento do PIB, em volume, de 1,4 %, com maior incidência na componente investimento, o que vai exigir a prossecução de uma política de austeridade. A conciliação desta política com a necessidade de proceder ao lançamento das indispensáveis alterações da nossa estrutura produtiva pressupõe um acrescido esforço de racionalização dos recursos financeiros. Neste contexto, a política monetária e financeira vai continuar a ter um papel decisivo no quadro da política económica global.

O fraco dinamismo que se prevê para a procura interna permite perspectivar uma lenta desaceleração do ritmo de crescimento dos preços, que poderá ser favorecida pela atenuação do impacto resultante das medidas que foram tomadas neste domínio em 1983.

A consecução dos objectivos que continuam a ser prioritários para a economia portuguesa pressupõe, pois, a continuação de uma conjuntura deprimida, incompatível com a criação de emprego suficiente para evitar o agravamento da nossa taxa de desemprego, que se situa em redor dos 8 % da população activa.

Porém, a avaliar pelos resultados já alcançados a nível das contas com o exterior e do défice orçamental, prevê-se que as condições que determinaram a aplicação deste «tratamento de choque» continuem a atenuar-se até ao final do ano. Se assim acontecer, em 1985 estar-se-á em condições de poder enveredar pela implementação de políticas dirigidas ao crescimento económico, ainda que em termos moderados.

4. A Actividade do Banco

A necessidade de conter o endividamento externo dentro de limites comportáveis exigiu o reforço das medidas dirigidas à redução do nível da despesa interna. O acentuar do cunho restritivo da política monetária e financeira obrigou, porém, as instituições de crédito a um redobrado esforço de racionalização por forma a atenuar o impacto negativo resultante da intensidade das soluções tomadas. Apesar de tudo, o Banco procedeu sempre por forma a manter uma adequada margem de flexibilidade, sem prejuízo da política de rigor que se impôs prosseguir em articulação com as determinações superiores.

A quebra significativa que se verificou no ritmo de crescimento dos depósitos, aliviando embora a pressão sobre os excessos de liquidez verificada nos anos anteriores, não evitou que se agravassem substancialmente os factores que vêm impedindo uma adequada rendibilidade das instituições de crédito, em consequência da degradação progressiva e generalizada da situação económica e financeira das empresas.

A actuação do Banco foi norteada por dois princípios fundamentais: contribuir para a consecução dos grandes objectivos da política económica nacional e, simultaneamente, prosseguir o indispensável apetrechamento das estruturas para poder encarar os desafios do futuro. A nova era de que estamos a viver os alvores — a que se chama já a «terceira revolução industrial» — e cujos contornos prenunciam enormes mutações sociais e tecnológicas, impõe-nos que comecemos a desenvolver esforços de modo a preparar o amortecimento do choque que vai resultar da inevitável confrontação num futuro próximo. Neste sentido, e apesar das limitações decorrentes de uma conjuntura eivada de dificuldades diversas, o Banco propôs-se encetar um processo de reestruturação com vista a criar condições que lhe permitam aumentar no futuro a sua eficácia no plano interno e internacional.

4.1. A Actividade do Banco em Portugal

Área comercial — Prosseguindo linhas de orientação traçadas já no exercício anterior, o Banco apostou decididamente no reequilíbrio da sua estrutura de depósitos, condição indispensável para afrouxar o enorme agravamento do custo dos recursos verificado nos últimos anos. Assim, um dos principais objectivos fixados no Plano para 1983 consistia na intensificação dos esforços dirigidos à captação de depósitos à ordem, podendo os resultados alcançados nesta área considerar-se francamente positivos. Embora os depósitos a prazo e de poupança tenham continuado a manter um ritmo de expansão superior ao dos depósitos à ordem (20,4 % contra 13,5 %), a diferença entre as taxas de crescimento reduziu-se de modo considerável em relação aos anos anteriores, e o agravamento da estrutura dos depósitos ficou bastante abaixo do nível médio verificado nos bancos comerciais.

A carteira de depósitos apresentou um aumento anual de 18,9 %, atingindo um volume de 269 412 milhares de contos, dos quais 56 996 milhares de contos à ordem e 212 416 a prazo e de poupança.

Na área do crédito, também os objectivos constantes do Plano foram particularmente ambiciosos. Correspondendo aos apelos da política económica e financeira nacional, o Banco procurou orientar sectorial e regionalmente as suas operações activas, em consonância com as reconhecidas necessidades macroeconómicas. A selectividade do crédito foi, na realidade, uma das preocupações permanentemente reafirmadas nas orientações da actividade comercial do Banco.

Em termos de fluxos, o Banco concedeu 439 milhões de contos de crédito, ou seja, mais 26,8 % do que no ano anterior. As actividades mais beneficiadas foram naturalmente as dos sectores produtivos mais influentes na redução da nossa dependência externa, designadamente o sector primário, as indústrias transformadoras e as actividades turísticas.

O abrandamento do ritmo de crescimento dos depósitos resultante de uma quebra verificada nos depósitos de emigrantes, em conjugação com o aparecimento de fontes de aplicações alternativas, tornou possível uma evolução mais equilibrada entre o crescimento do crédito concedido e dos depósitos totais. Não obstante se ter contraído progressivamente o excesso de liquidez, o Banco manteve uma participação activa quer no Mercado Monetário Interbancário, quer no Mercado Interbancário de Títulos, cujos saldos das aplicações médias diárias representou uma percentagem global de 13,6 %, relativamente ao total do Sistema Bancário.

Particular realce merece, todavia, o contributo que o Banco deu para a dinamização dos mercados de capitais. Tradicionalmente vocacionado para intervir nesta esfera de acção, o Banco desencadeou ao longo do ano iniciativas que, pode afirmar-se, constituíram o principal propulsor, quer do mercado primário quer do secundário. Alguns indicadores representativos da actuação do Banco no mercado de títulos permitem-nos verificar que dos 36 milhões de contos de obrigações tradicionais colocadas à subscrição pública nos balcões de toda a Banca, foram subscritas por nosso intermédio 8,4 milhões de contos (cerca de 23,3 %); dos 3,8 milhões de contos reservados à subscrição de investidores institucionais, colocámos mais de 1,6 milhões de contos (mais de 42 %); dos cerca de 19,6 milhões de contos de operações realizadas dentro e fora da Bolsa foram concretizados por nós 7 milhões de contos, ou seja, 35 % do total.

De entre as iniciativas do Banco neste domínio permitimo-nos destacar o lançamento da «Conta de Gestão de Títulos» pelo êxito e excelente acolhimento que obteve junto dos investidores. Tendo entrado em vigor no início do segundo trimestre, atingiu no final do ano mais de 6,4 milhões de contos de aplicações provenientes de mais de 8000 investidores. A partir de princípios de Dezembro, todavia, o Banco teve de suspender temporariamente a abertura de novas contas e proceder a ajustamentos ao esquema implementado, em cumprimento de determinações do Banco de Portugal.

Desejamos ainda referir a nossa participação no aumento do capital da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, SARL, que constituiu a primeira emissão pública de acções depois de 1974. Apesar de não ter atingido todos os fins a que se propunha, em consequência de factores que a influenciaram negativamente, constituiu, apesar de tudo, uma acção importante na apreciação e estudo de medidas tendentes à dinamização do lançamento de futuras emissões.

Não podemos deixar de fazer também uma referência aos produtos financeiros lançados pelo Banco em anos anteriores, designadamente o cartão SOTTOMAYOR e o Cheque-Auto, que continuaram a manifestar uma crescente preferência do Público.

No domínio das actividades promocionais, desenvolvemos uma intensa actividade nos mais diversificados campos, cabendo aqui referir, expressamente, pelo êxito que alcançaram: o apoio dado à realização da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, o lançamento de uma colecção de Medalhas alusivas a esta histórica exposição e a realização do I Seminário «O Jornalista e a Economia», iniciativa que mereceu referências muito elogiosas por parte da imprensa portuguesa. Além da promoção destas iniciativas, o Banco esteve presente num vasto conjunto de feiras e outros certames e apoiou mais de 70 congressos, seminários e realizações afins. Caberá ainda referir que procedemos ao aumento do seguro de depositante de 1000 para 5000 contos, continuando assim a sermos pioneiros nesta iniciativa, e que assinámos um protocolo com o Fundo de Fomento do Desporto visando o lançamento de uma linha de crédito para investimento desportivo.

Área Administrativa — Como já atrás foi afirmado, colocámos particular empenho na preparação das estruturas do Banco com vista a dotá-lo dos meios necessários para

poder vir a competir no futuro em pé de igualdade com os seus congéneres nacionais internos e externos.
Cientes de que a informatização vai constituir um factor decisivo nos próximos anos, demos início a um ambicioso projecto, concebido com base numa filosofia de informatização integrada, alargada aos balcões e aos serviços. A sua concretização, cujo calendário de realização abrange os próximos três anos, vai permitir dotar o Banco com modernos equipamentos para teleprocessamento. Prevê-se que até ao fim de 1984 estes equipamentos sejam instalados em 40 balcões.
Ainda no plano de informatização do Banco cumpre-nos assinalar algumas realizações com reflexos positivos na melhoria dos serviços, de entre as quais se refere:

— a dotação de 11 balcões com novos equipamentos «a disco» na área das posições;
— a inauguração do Centro Informático do Banco;
— a entrada em funcionamento de uma nova aplicação no domínio da contabilidade;
— o início da segunda fase do SWIFT (Society for Worlwide Interbank Financial Telecommunication), o que permitiu iniciar o tratamento informatizado dos créditos documentários.

No domínio das instalações, importa referir que foram concluídas e inauguradas instalações novas em diversas agências, ao mesmo tempo que se procedeu à aquisição de espaços tendentes à remodelação de outras consideradas saturadas. Por outro lado, prosseguiu-se o plano de dotação de cofres de recepção de depósitos e de retardadores de abertura e alargou-se a rede de balcões com cofres de aluguer.
Com vista a melhorar o grau de funcionalidade dos serviços do Banco foram introduzidas alterações na sua estrutura orgânica, das quais julgamos dever mencionar a criação de uma Direcção de Participações Financeiras e outra de Sistemas de Pagamento.

Área de Planeamento — Aprofundar as acções de planeamento que temos vindo a desenvolver, orientadas por princípios que visam aperfeiçoar e incrementar a capacidade do Banco de modo a torná-lo uma empresa dinâmica e preparada para enfrentar os desafios do futuro, continuou a ser uma das nossas principais preocupações. A natureza dos problemas conjunturais que atravessámos e a percepção das transformações que, no domínio da actividade bancária, estão a processar-se nos países mais avançados, aconselharam, porém, a reformular as bases em que assentava o Plano de Médio Prazo 82/85. Com efeito, perante a reconhecida distância da banca portuguesa em relação à banca europeia, e em face das perspectivas que se nos abrem com a adesão de Portugal à CEE, considerou-se indispensável iniciar desde já um plano de transformação qualitativa que nos possa colocar a par da banca europeia no final da presente década.
Para proceder aos estudos inerentes à concretização do ambicioso plano de longo prazo do Banco foi criada uma Comissão de Planeamento, que iniciou já os seus trabalhos.

Área dos Recursos Humanos — Prosseguindo as linhas de orientação traçadas para a política de pessoal, o programa desenvolvido ao longo do exercício contemplou um diversificado conjunto de acções visando especialmente a valorização dos recursos humanos, das quais destacamos:

— a promoção da formação profissional;
— a melhoria de regalias sociais;
— a intensificação das acções de medicina preventiva.

A formação profissional continuou, pois, a merecer especial atenção. Quer no plano da formação interna quer no da formação externa, foram desenvolvidas ao longo do ano aproximadamente 600 acções de formação que contemplaram cerca de 4700 empregados.
No domínio das regalias sociais, importa referir: a atribuição do prémio de antiguidade aos trabalhadores que completaram 15, 25 e 35 anos de serviço, de que beneficiaram, neste primeiro ano, mais de 1800 trabalhadores; a atribuição de bolsas de estudo a trabalhadores e seus filhos a frequentar o ensino superior; a revisão dos Estatutos do Fundo Social que possibilitou um maior apoio financeiro por parte do Banco, e a continuação da instalação de refeitórios, encontrando-se já em funcionamento um no Porto e outro em Lisboa.
O binómio homem/função mereceu uma atenção permanente, não só tendo em vista melhorar o bem-estar dos trabalhadores, mas também numa perspectiva de projecção no futuro, através do lançamento e aperfeiçoamento de instrumentos de gestão, designadamente a notação profissional e a análise de qualificação de funções.
As medidas implementadas com vista à redução do absentismo e do trabalho extraordinário tiveram efeitos positivos, particularmente no que respeita a este último, que registou uma quebra de 11,4 % relativamente ao ano anterior.
Depois de contabilizada a movimentação verificada no quadro de pessoal, o número total de empregados da Instituição em Portugal, era de 6804 no final do ano.

Expansão Geográfica — Durante o exercício, procedemos à abertura de duas novas agências, localizadas em Alcáçovas e Poceirão. O número total de estabelecimentos do Banco em Portugal, elevou-se para 126, sendo 117 Agências e 9 Postos de Câmbios permanentes. O Banco está já autorizado a abrir agências em Nogueira da Maia, São Martinho do Porto e Luso, o que deverá concretizar-se dentro de pouco tempo.

Análise do Balanço, Conta de Exploração e de Lucros e Perdas — A análise das principais rubricas do Balanço, comparativamente com a situação verificada no exercício anterior, permite concluir que a situação patrimonial do Banco cresceu de forma bastante expressiva e equilibrada, com destaque para a melhoria verificada na relação crédito concedido/depósitos totais, que subiu de 68,3 % para 76,9 %. Ainda que uma parte da subida deste «rácio» se deva ao lançamento da Conta de Gestão de Títulos, que captou poupanças que, de outro modo, teriam aumentado os depósitos, a explicação não reside apenas neste facto. Na realidade, mesmo que todas as poupanças canalizadas para a Conta de Gestão de Títulos tivessem sido acrescidas aos depósitos, o crescimento destes teria sido de 21,7 %, enquanto o saldo do crédito concedido aumentou 33,9 %. Esta situação traduz antes o bom aproveitamento demonstrado pelo Banco nas variáveis que concorrem para a determinação dos limites à expansão do crédito.
O aumento do volume de depósitos traduziu-se em 42,8 milhões de contos, correspondendo a 6,8 milhões de depósitos à ordem e 36 milhões de depósitos a prazo e de poupança. O valor do Activo registou um acréscimo de 28,2 %, passando o crédito concedido a representar uma percentagem de 57,2 % contra apenas 54,8 % no ano anterior.
Elaborada de acordo com as regras estabelecidas referentes à especialização de exercícios, os valores da Conta de Exploração reflectem uma degradação relativamente ao exercício anterior, apesar de porfiados esforços de contenção de custos, situação que resulta principalmente da desproporcionalidade verificada entre o crescimento do custo das operações passivas (44,3 %) e o dos proveitos das operações activas (37,9 %).
Os custos com os depósitos, que no ano anterior já representavam 84,6 % do total dos custos, mantiveram sensivelmente o mesmo peso (84,8 %). Os custos com pessoal registaram um acréscimo de 41,8 %, valor que traduz uma ligeira redução (de 10,1 % para 9,9 %) do seu peso nos custos globais.
A redução verificada na margem de juro não foi suficientemente compensada pelo acréscimo de proveitos resultante de outras fontes de rendimento, designadamente, de proveitos de serviços bancários, de outras operações bancárias e de rendimento de títulos de crédito e de participações financeiras.
Não obstante terem-se agravado as condições indispensáveis a uma normal situação de rendibilidade da actividade bancária, o Banco conseguiu um volume de resultados financeiros de 2971 milhares de contos. Assim, foi possível afectar 438 milhares de contos a reintegrações do activo fixo e constituir provisões no valor de 1911 milhares de contos, sendo o lucro de exploração de 621 835 contos.
Após a devida movimentação das rubricas da Conta de Lucros e Perdas, o resultado do exercício atingiu 622 071 contos.
Tendo sido autorizado por despacho do Senhor Secretário de Estado do Tesouro, de 21 de Março de 1983, o Banco procedeu ao aumento do seu capital social para 5500 milhares de contos, por incorporação de reservas.

4.2.
A Actividade do Banco no Estrangeiro

Melhorar e intensificar a capacidade de intervenção do Banco nos mercados externos manteve-se como um dos nossos principais objectivos. Nesta conformidade e dando sequência a iniciativas vindas já do exercício anterior, concretizámos a abertura de um escritório de representação em Londres e de uma Sucursal em Macau, acontecimentos significativos não apenas porque permitem alargar substancialmente a nossa esfera de acção, mas sobretudo porque tornam efectiva a nossa presença em duas praças financeiras de relevância inegável. Paralelamente, continuámos a desenvolver esforços tendentes a melhorar a capacidade de actuação da Sucursal de Paris, para o que procedemos à sua reestruturação orgânica, merecendo também especial destaque o

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

plano de informatização a que demos início e que visa implementar o sistema de teleprocessamento nos nossos estabelecimentos instalados em território francês. Por outro lado, continuámos a diligenciar no sentido de melhorar progressivamente as condições de acolhimento da clientela.

No plano da actividade desenvolvida pelos estabelecimentos do Banco no estrangeiro caberá referir que, apesar das limitações conjunturais que se verificaram interna e externamente, continuámos a prestar um efectivo apoio, quer às empresas nacionais públicas e privadas, quer à colónia portuguesa radicadas nas regiões onde actuamos.

Especialmente através da Sucursal de Paris, o Banco continuou a exercer, a par de outras actividades de âmbito interno e internacional, uma acção meritória no financiamento de importações de bens essenciais para o País.

Cumpre-nos registar aqui a actividade relevante que continuaram a desenvolver as nossas delegações e representações no estrangeiro no domínio da recolha de poupanças dos portugueses ali fixados e a sua canalização para Portugal. Mercê da porfiada actuação que tiveram tanto a Sucursal de Paris e seus estabelecimentos como as nossas restantes delegações designadamente de Dusseldorf, Newark, Lausanne, Montreal e Toronto, além da Banque Portugaise à Luxembourg — Ex-Banque Interatlantique — nosso associado, o Banco Pinto & Sotto Mayor continuou a manter uma posição de destaque no encaminhamento das remessas de emigrantes para o nosso País.

Tendo em vista oferecer à clientela do Banco, em França, um novo serviço que tem vindo a registar uma procura crescente, foi solicitada a admissão da Sucursal de Paris no Grupo Carte-Bleue.

4.3.

Balanço e Resultados Consolidados

Consolidado em conformidade com as regras estabelecidas superiormente,o balanço do exercício reflecte uma evolução equilibrada das suas rubricas mais representativas.

A carteira de depósitos aumentou 29,4 %, tendo atingido o expressivo móntante de 331 807 milhares de contos, e o saldo do crédito concedido elevou-se para 280 817 milhares de contos, ou seja, mais 33,7 % do que o valor registado no exercício anterior.

O activo total subiu para 448 246 milhares de contos (mais 34,4 % do que no ano anterior), passando o crédito concedido a representar 62,6 %, contra 60,7 % no exercício precedente.

A conta de exploração do exercício apresenta um total de proveitos de 65 264 milhares de contos, e um montante de custos, excluindo as dotações para amortizações e provisões, de 62 082 milhares de contos. Os resultados financeiros do exercício ascenderam a 3182 milhares de contos. Após a afectação de 475 milhares de contos a reintegrações do imobilizado e 2078 milhares de contos a provisões, o lucro de exploração do exercício traduziu-se em 628 917 contos.

A Conta de Lucros e Perdas reflecte um resultado do exercício de 584 388 contos, para o qual, de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 513/77, o Conselho de Gestão propôs a seguinte aplicação:

— 10 % para reforço do capital próprio, pela sua transferência para a Conta de Reserva Legal;
— colocar o remanescente à disposição do Ministério das Finanças e do Plano destinando-se, em princípio, à remuneração do Capital Próprio e ao reforço das Reservas.

5. Nota Final

O rigor da política económica que tem vindo a ser aplicada para vencer os desequilíbrios da economia portuguesa e as perturbações geradas aos mais diversos níveis por estes mesmos desequilíbrios, têm-se convertido num processo cumulativo, auto-sustentado, com incidências na degradação do tecido económico e social, visível especialmente na situação financeira das empresas.

Estas dificuldades sentidas por um número crescente de empresas e as limitações conjunturais e estruturais que a nossa economia enfrenta, apresentam-se como o principal obstáculo no caminho da necessária reconversão que urge empreender. Com efeito, as profundas transformações que estão já a operar-se no panorama económico mundial, como resposta às rupturas monetárias, energéticas, e mesmo culturais, prenunciam o advento de um novo modelo de crescimento económico, cuja assimilação implica a reestruturação do nosso aparelho produtivo. Esta reestruturação, todavia, não pode ter lugar no quadro de uma política monetária e financeira acentuadamente restritiva, posto que exige, em primeiro lugar, condições favoráveis à retoma do investimento, o que pressupõe, também, a existência de mecanismos eficientes de apoio à promoção desse mesmo investimento nas condições desejáveis.

O acentuar das dificuldades financeiras dos agentes económicos, porém, tem vindo a provocar um desmesurado aumento de activos não recuperados pelas instituições de crédito, situação que não só restringe a sua capacidade de intervenção na actividade económica, como também concorre para a degradação do seu equilíbrio financeiro.

Perante a necessidade de conter o agravamento desta situação, adoptámos as soluções que considerámos mais adequadas com vista a promover uma recuperação mais eficaz do crédito vencido e não regularizado, ao mesmo tempo que intensificámos, até limites minimamente toleráveis, o rigor da política de contenção de custos. Consideramos, no entanto, estar praticamente esgotada a viabilidade de prosseguir a compressão de despesas, sob pena de pôr em causa o normal funcionamento da actividade do Banco.

Nestas circunstâncias e cientes de que as dificuldades que o País atravessa só poderão ser vencidas com a adopção de medidas de racionalização económica, a todos os níveis, propusemo-nos adoptar como linha de estratégia para 1984:

- Prosseguir a revisão profunda e completa da gestão do crédito mal parado;
- Continuar o rigor orçamental através da utilização racional dos recursos;
- Dar sequência ao plano de informatização;
- Consolidar o esforço de internacionalização;
- Privilegiar a valorização dos trabalhadores;
- Iniciar a regionalização do Banco.

Durante o exercício concluiu o seu mandato o Vogal do Conselho de Gestão, Senhor Dr. Miguel Krupenski, tendo sido reconduzido no desempenho das suas funções.

Por ter sido nomeado para Vice-Presidente da União de Bancos Portugueses, E.P., o Conselho de Gestão deixou de poder dispor da eficiente colaboração do Senhor Dr. José Manuel Castro Rocha.

Antes de terminar o seu relatório, o Conselho de Gestão exprime o desejo de poder continuar a contar com a confiança de todos os seus clientes, sem os quais o Banco não poderia ter atingido a projecção que já alcançou.

Deseja igualmente exprimir o seu reconhecimento a todos quantos, de alguma forma, contribuíram para a obtenção dos resultados alcançados, designadamente:

- Os trabalhadores do Banco e suas estruturas representativas, pela prestimosa colaboração dada;
- Os clientes, que continuaram a honrar a Instituição com a sua confiança;
- As Autoridades Monetárias, nas quais encontrou sempre a melhor abertura e compreensão;
- A Comissão de Fiscalização, pela atitude isenta e criteriosa que sempre assumiu no âmbito das suas atribuições.

Lisboa, 31 de Março de 1984

O CONSELHO DE GESTÃO

António José Nunes Loureiro Borges - Presidente
José de Oliveira Costa - Vice-Presidente
José Manuel Castro Rocha
Manuel Maçaroco Candeias
Miguel Krupenski
Mário Aires Gomes Martins
Maria Antónia Mendes de Mendonça Braga Simão

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983

Portugal

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS	ACTIVO LÍQUIDO
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	32 265 787 285$07		32 265 787 285$07
Valores a Cobrar	12 172 771 396$67		12 172 771 396$67
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	6 813 542 271$08		6 813 542 271$08
Depósitos no Estrangeiro	21 620 007 083$40		21 620 007 083$40
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	583 613 553$33		583 613 553$33
Crédito Concedido	207 098 319 726$14	7 413 309 796$95	199 685 009 929$19
Acções, Obrigações e Quotas	23 830 328 928$00	37 262 802$70	23 793 066 125$30
Aplicações de Recursos Consignados	21 409 612 421$20		21 409 612 421$20
Devedores	11 766 450 411$21		11 766 450 411$21
Participações Financeiras	115 439 694$00		115 439 694$00
Imóveis	5 187 861 547$95	494 459 206$93	4 693 402 341$02
Equipamento	1 866 202 800$12	797 860 438$90	1 068 342 361$22
Outras Imobilizações	1 886 246 304$79	860 070 681$26	1 026 175 623$53
Contas Diversas	15 453 923 685$66		15 453 923 685$66
TOTAL	362 070 107 108$62	9 602 962 926$74	352 467 144 181$88

CONTAS	PASSIVO	
Depósitos à Ordem	56 995 955 450$49	
Depósitos com Pré-Aviso	72 922 953$79	
Depósitos a Prazo	200 666 214 888$38	
Depósitos de Poupança	11 677 318 262$05	269 412 411 554$71
Cheques e Ordens a Pagar	3 528 472 033$60	
Empréstimos por Obrigações	3 943 500 000$00	
Recursos Consignados	21 409 612 421$20	
Outros Recursos	10 061 601 131$20	
Credores	5 860 939 668$36	
Contas Diversas	30 929 205 454$22	75 733 330 708$58
Provisões para Riscos Diversos		1 028 132 847$55
Capital	5 500 000 000$00	
Reservas	171 198 422$18	5 671 198 422$18
Resultado do Exercício		622 070 648$86
TOTAL		352 467 144 181$88

Contas Extrapatrimoniais

Valores Recebidos em Depósito	24 502 343 464$93
Valores Recebidos para Cobrança	12 117 013 028$49
Valores Recebidos em Caução	134 624 657 946$60
Garantias e Avales Prestados	50 318 844 648$34
Créditos Abertos	23 288 149 180$70
Valores Dados em Caução	2 382 906 078$25
Outras Contas Extrapatrimoniais	15 666 183 330$01

Demonstração de Resultados do Exercício de 1983

Conta de Exploração

DEBITO	MONTANTE
Custo de Operações Passivas	46 302 530 351$31
Custos com Pessoal.	
Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização	14 789 143$60
Remunerações de Empregados	4 378 188 562$91
Encargos Sociais Obrigatórios	983 296 134$20
Outros Custos com o Pessoal	74 361 612$80
Fornecimentos de Terceiros	264 462 541$85
Serviços de Terceiros	1 438 210 226$41
Outros Custos Bancários	954 567 904$79
Impostos	185 498 185$60
Custos Inorgânicos	12 997 852$70
Dotações para Amortizações	437 902 955$80
Dotações para Provisões	1 911 000 000$00
Lucro de Exploração	621 834 916$91
TOTAL	57 579 640 388$88

CRÉDITO	MONTANTE
Proveitos de Operações Activas	46 870 194 277$48
Proveitos de Serviços Bancários	1 471 683 735$65
Proveitos de Outras Operações Bancárias	4 872 447 257$24
Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras	4 162 080 658$02
Outros Proveitos Bancários	168 481 699$09
Proveitos Inorgânicos	34 752 761$40
TOTAL	57 579 640 388$88

Conta de Lucros e Perdas

DÉBITO	MONTANTE
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	1 335 978 939$11
Perdas Excepcionais	1 247 034 418$22
Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício	30 000 000$00
Resultado do Exercício	622 070 648$86
TOTAL	3 235 084 006$19

CRÉDITO	MONTANTE
Lucro de Exploração	621 834 916$91
Lucros Relativos a Exercícios Anteriores	190 447 749$22
Lucros Excepcionais	4 161 173$91
Provisões Utilizadas	2 418 640 166$15
TOTAL	3 235 084 006$19

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
L. F. Gonçalves da Cruz

O CONSELHO DE GESTÃO
António José Nunes Loureiro Borges - Presidente
José de Oliveira Costa - Vice-Presidente
José Manuel Castro Rocha
Manuel Maçaroco Candelas
Miguel Krupenski
Mário Aires Gomes Martins
Maria Antónia Mendes de Mendonça Braga Simão

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983

CONSOLIDADO

CONTAS	ACTIVO BRUTO	PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIA	ACTIVO LÍQUIDO
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	32 506 780 501$47		32 506 780 501$47
Valores a Cobrar	12 304 793 509$77		12 304 793 509$77
Depósitos e Aplicações noutras Instituições de Crédito no País	12 879 486 002$28		12 879 486 002$28
Depósitos no Estrangeiro	23 881 581 411$70		23 881 581 411$70
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	606 976 928$33		606 976 928$33
Crédito Concedido	280 817 324 489$94	7 592 377 232$45	273 224 947 257$49
Acções, Obrigações e Quotas	24 539 699 107$50	37 262 802$70	24 502 436 304$80
Aplicações de Recursos Consignados	21 409 612 421$20		21 409 612 421$20
Devedores	11 779 823 441$21		11 779 823 441$21
Participações Financeiras	115 439 694$00		115 439 694$00
Imóveis	5 187 861 547$95	494 459 206$93	4 693 402 341$02
Equipamento	1 981 673 481$22	871 489 609$70	1 110 183 871$52
Outras Imobilizações	2 283 107 436$59	1 018 302 627$46	1 264 804 809$13
Contas Diversas	17 951 688 646$56		17 951 688 646$56
TOTAL	448 245 848 619$72	10 013 891 479$24	438 231 957 140$48

CONTAS	PASSIVO	
Depósitos à Ordem	64 791 783 142$59	
Depósitos com Pré-Aviso	72 922 953$79	
Depósitos a Prazo	255 264 883 991$18	
Depósitos de Poupança	11 677 318 262$05	
Depósitos Obrigatórios		331 806 908 349$61
Cheques e Ordens a Pagar	3 574 504 719$70	
Empréstimos por Obrigações	3 943 500 000$00	
Recursos Consignados	21 409 612 421$20	
Outros Recursos	30 707 998 358$50	
Credores	5 925 503 008$06	
Contas Diversas	33 405 491 344$32	98 966 609 851$78
Provisões para Riscos Diversos		1 202 852 686$75
Capital	5 500 000 000$00	
Reservas	171 198 422$18	5 671 198 422$18
Resultado do Exercício	584 387 830$16	584 387 830$16
TOTAL		438 231 957 140$48

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS

Valores recebidos em depósito	24 502 343 464$93	Créditos abertos	24 572 099 684$40
Valores recebidos para cobrança	12 425 110 453$39	Aceites em circulação	23 981 331$50
Valores recebidos em caução	135 333 827 437$10	Valores dados em caução	2 382 906 078$25
Garantias e avales prestados	50 506 803 300$44	Outras contas extrapatrimoniais	15 666 183 330$01

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1983

CONSOLIDADO

CONTA DE EXPLORAÇÃO

DÉBITO	MONTANTE
Custo de operações passivas	52 567 187 297$01
Custos com pessoal:	
Remunerações dos órgãos de gestão e fiscalização	14 789 143$60
Remunerações de empregados	4 984 597 686$41
Encargos sociais obrigatórios	1 211 226 327$20
Outros custos com o pessoal	135 538 968$90
Fornecimentos de terceiros	321 100 114$65
Serviços de terceiros	1 683 013 768$01
Outros custos bancários	898 738 740$79
Impostos	241 511 838$10
Custos inorgânicos	24 443 226$20
Dotações para amortizações	475 369 760$40
Dotações para provisões	2 077 766 520$30
Lucro de exploração	628 917 048$21
TOTAL	65 264 200 439$78

CRÉDITO	MONTANTE
Proveitos de operações activas	54 280 378 263$08
Proveitos de serviços bancários	1 562 621 086$15
Proveitos de outras operações bancárias	4 981 091 777$64
Rendimento de títulos de crédito e de participações financeiras	4 233 542 982$22
Outros proveitos bancários	171 290 523$59
Proveitos inorgânicos	35 275 807$10
TOTAL	65 264 200 439$78

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO	MONTANTE
Perdas relativas a exercícios anteriores	1 420 841 886$11
Perdas excepcionais	1 256 211 355$02
Dotações para imp. s/lucros do exercício	30 000 000$00
Resultado do exercício	584 387 830$16
TOTAL	3 291 441 071$29

CRÉDITO	MONTANTE
Lucro de exploração	628 917 048$21
Lucros relativos a exercícios anteriores	206 441 652$52
Lucros excepcionais	4 483 754$41
Provisões utilizadas	2 451 598 616$15
TOTAL	3 291 441 071$29

Lisboa, 30 de Março de 1984

O DIRECTOR DA CONTABILIDADE
L. F. Gonçalves da Cruz

O CONSELHO DE GESTÃO
António José Nunes Loureiro Borges — Presidente
José de Oliveira Costa — Vice-Presidente
José Manuel Castro Rocha
Manuel Maçaroco Candeias
Miguel Krupensky
Mário Aires Gomes Martins
Maria Antónia Mendes de Mendonça Braga Simão

Encargos com o Funcionamento das Estruturas de Trabalhadores — Ano de 1983

Rubricas	Comissão de Trabalhadores	Secretariado Sindical de Empresa	Total
Custos com o Pessoal:			
Remunerações de Empregados	6 123 486$20	7 438 561$90	13 562 048$10
Encargos Sociais Obrigatórios	824 062$00	1 027 319$60	1 851 381$60
Outros Custos com o Pessoal	239 516$00	31 503$30	271 019$30
Fornecimentos de Terceiros	469 405$90	56 084$70	525 490$60
Serviços de Terceiros	3 420 452$00	513 117$60	3 933 569$60
TOTAL	11 076 922$10	9 066 587$10	20 143 509$20

	Comissão de Trabalhadores	Secretariado Sindical de Empresa	Total
Quantidade de Trabalhadores a Tempo Inteiro	11	12	23
Quantidade de Trabalhadores a Tempo Parcial	—	7	7
	11	19	30

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

Certificação Legal das Contas

Examinámos as Contas do Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., o Balanço Analítico em 31 de Dezembro de 1983, a Demonstração de Resultados Líquidos do exercício de 1983 e o respectivo Anexo, elementos preparados a partir dos livros, registos contabilísticos e documentos de suporte, mantidos em conformidade com os preceitos legais. O exame foi efectuado de acordo com as Normas Técnicas de Revisão Legal de Contas, publicadas no Diário da República III Série, n.º 204, de 5 de Setembro de 1983, e com a profundidade considerada necessária nas circunstâncias.

É nossa convicção que os citados documentos de prestação de contas apresentam de forma verdadeira e apropriada a situação financeira do Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., em 31 de Dezembro de 1983, bem como os resultados das suas operações referentes ao exercício findo naquela data, de acordo com princípios contabilísticos geralmente aceites, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior.

Lisboa, 31 de Março de 1984

Manuel J. de Matos Fazenda (R.O.C.)

Parecer sobre o Relatório, Balanço e Demonstração de Resultados do Exercício de 1983

Nos termos e para os efeitos da alínea *c*) do n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 729-F/75, de 22 de Dezembro, apresentamos o seguinte parecer sobre o Relatório, Balanço e Demonstração de Resultados do Exercício de 1983, do Banco Pinto & Sotto Mayor.

No exercício das funções que nos estão cometidas, procedemos com regularidade ao acompanhamento da actividade desenvolvida pela Instituição durante o exercício anterior, junto dos órgãos de decisão de nível mais elevado e através de reuniões e informações, da apreciação de indicadores de gestão para o efeito existentes e de outra documentação.

Participámos em todas as sessões ordinárias do Conselho de Gestão, para as quais sempre fomos convocados, e reunimo-nos periodicamente.

Tivemos a oportunidade de verificar que o Banco diligencia pelo cumprimento das disposições legais em vigor e da orientação expressa pela tutela e autoridade monetária.

O crescimento dos recursos foi menor que no ano anterior (facto para que contribuiu a conta gestão de títulos), com reflexos positivos na rendibilidade do Banco, embora a estrutura dos depósitos não tenha melhorado.

A dação do crédito, naturalmente selectiva e em ordem com a política superiormente definida, apresentou maior expressão relativa que em 1982 e dirigiu-se em especial para o apoio às actividades essenciais de abastecimento do país, assim como para os ramos tradicionais da clientela do Banco, situados nas áreas industrial e comercial. As provisões existentes cobrem o risco actual de boa cobrança, apesar de representarem expressão menor em relação ao crédito, devido à utilização daquelas efectuadas no exercício, em relação a créditos que realisticamente se entenderam de difícil cobrança. Doutro modo, a mesma expressão relativa seria superior à dos anos precedentes.

As variações dos recursos e crédito antes referidas permitiram uma menor intervenção nos mercados interbancários, monetário e de títulos, a qual ainda assim se manteve representativa no sistema.

A Sucursal de Paris manteve posição privilegiada na canalização das poupanças dos emigrantes e no financiamento das importações essenciais ao país, para além de uma procura de implantação local, objectivos que determinam a progressiva racionalização das estruturas existentes.

Assistiu-se a um aumento da internacionalização do Banco, pelo estabelecimento em importantes praças financeiras, à abertura de novos balcões no país, à actualização das instalações mais carecidas e ao início de programas de informatização adequados, no Continente e em França, cujos benefícios das primeiras realizações estarão a ser colhidos no final do presente ano.

Os correspondentes investimentos foram condicionados pela orientação tutelar, tendo em vista a contenção da procura corrente, e pelos meios próprios da Instituição.

Para além da contínua actualização nas áreas de organização e planeamento, a função pessoal foi merecedora de particular apreço, quer nos aspectos de equidade distributiva quer de valorização socio-profissional, destacando-se nestes últimos que passaram no período por acções de formação cerca de 70 % dos efectivos do Banco.

O processo da determinação das consequências patrimoniais e financeiras resultantes da integração do ex-Banco Intercontinental Português avançou no domínio da avaliação do imobilizado corpóreo, prosseguindo as negociações nos aspectos remanescentes que englobam compensações entre o Banco e a Finangeste, E.P.

Foi concretizado no exercício o aumento de capital de 1,5 milhões de contos já referido em 1982. Utilizaram-se provisões para riscos diversos constituídas anteriormente no valor de 1206 milhares de contos.

Na elaboração dos Balanços e Demonstração de Resultados foram observados os critérios valorimétricos adequados e as normas emitidas pela autoridade monetária para o sistema bancário. As contas de provisões apresentam valor ajustado à cobertura dos riscos adjacentes.

O «cash-flow» apurado no exercício atinge 3,182 milhões de contos, valor idêntico ao do ano anterior.

Após a constituição de dotações para amortizações e provisões respectivamente no valor de 475 e 2078 milhares de contos, os resultados correntes do exercício elevam-se a 629 mil contos e os resultados líquidos a 584 mil contos.

A situação líquida e as provisões livres, após a distribuição dos resultados proposta, eleva-se a 6 milhões de contos.

Em conformidade com a Lei, foi emitida a Certificação Legal das Contas.

É-nos grato salientar a colaboração que sempre encontrámos no Conselho de Gestão e a forma realista e eficiente como conduziu a actividade do Banco.

Permitimo-nos também referir a colaboração que nos foi prestada pelos quadros e pessoal e reconhecer o seu contributo para o desenvolvimento da Instituição.

Do que antecede, emitimos o parecer que:

1. Sejam aprovados o Relatório, o Balanço e a Demonstração de Resultados do Exercício de 1983.
2. Seja dado ao saldo da conta de Lucros e Perdas a aplicação proposta pelo Conselho de Gestão, em conformidade com o Decreto-Lei n.º 513/77.

Lisboa, 31 de Março de 1984

A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO

M. Pereira Guimarães - Presidente
M. J. Matos Fazenda (R.O.C.)
F. Teixeira de Almeida

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Factor de Progresso

Convers Gromyl

As conversações mantid ontem entre os ministros d Negócios Estrangeiros da Uni Soviética e Grã-Bretanha, re pectivamente Andrei Gromyko Geoffrey Howe, tiveram caract rísticas «extremamente duras» afirmaram fontes britânicas.

Num discurso pronuncia num almoço oferecido a How Gromyko criticou duramente política dos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Gromyko acusou os Estad Unidos de «espezinharem Carta da ONU» e de praticar um «terrorismo de Estad acrescentando que como a A ministração Reagan «não des negociações sobre desarm mento, cada vez que elas s propostas inventa condiç para as iludir».

Acrescentou – de acordo c as fontes britânicas – que prova disto é «a resposta ne tiva de Washington à propo soviética para o início de ne ciações visando impedir a mil rização do Cosmos».

Por seu turno, Howe defen um «rápido regresso da Un Soviética à mesa das negoc ções» e citou o caso de And Sakharov e de outros dissid tes que Gromyko conside «um assunto meramente terno».

Papandreu em Praga

O primeiro-ministro gre

As greves na Euro

— Regress — Endurec

Operários metalúrgicos de tugarda votaram a favor do fi greve de sete semanas que p lisou 450 mil trabalhadores e se fez parar a indústria autom na Alemanha Federal, anun hoje um prota-voz sindical.

O porta-voz da IG Metall q que mais de 54,52 por cento operários consultados — a centagem mínima necessá assegurar o regresso ao trab é de 25% — votaram a favo um plano de acordo, propost semana passada por uma co são especial de arbitragem, regresso aos seus postos de balho.

O compromisso, envolv fundamentalmente uma red de hora e meia na semana la de 40 horas a partir de Abril, aquém da reivindicação inici sindicato para uma semana horas de trabalho.

As fábricas alemãs de aut veis retomaram ontem a p ção, esperando-se que ante fim-de-semana todas as linh montagem estejam a funci após sete semanas de grev sector metalúrgico.

Crise em C

O governador de Caxemi mitiu o primeiro-ministro do do, Farouq Abdullah, anu em Nova Deli a agência PT

A agência noticiosa Press of Indi disse que o cunha Abdullah, G.M. Shah, tinha tado juramento como nov meiro-ministro do estado, p minantemente muçulmano.

Abdullah tinha antes fixa recolher obrigatório por tem definido na capital, Srinaga pois de 12 membros do mento estadual terem reti seu apoio ao governo loca sando-se para a oposição.

G M. Shah, o líder dos mentares desertores, p mais tarde juramento como tro chefe do eEstado. O g de Shah será apoiado pe membros do Partido do Co so (I) de Indira Gandhi no mento estadual.

Conversações "duras" Gromyko-Howe

As conversações mantidas ontem entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Soviética e Grã-Bretanha, respectivamente Andrei Gromyko e Geoffrey Howe, tiveram características «extremamente duras» — afirmaram fontes britânicas.

Num discurso pronunciado num almoço oferecido a Howe, Gromyko criticou duramente a política dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

Gromyko acusou os Estados Unidos de «espezinharem a Carta da ONU» e de praticarem um «terrorismo de Estado», acrescentando que como a Administração Reagan «não deseja negociações sobre desarmamento, cada vez que elas são propostas inventa condições para as iludir».

Acrescentou — de acordo com as fontes britânicas — que a prova disto é «a resposta negativa de Washington à proposta soviética para o início de negociações visando impedir a militarização do Cosmos».

Por seu turno, Howe defendeu um «rápido regresso da União Soviética à mesa das negociações» e citou o caso de Andrei Sakharov e de outros dissidentes que Gromyko considerou «um assunto meramente interno».

Papandreu em Praga

O primeiro-ministro grego, Andreas Papandreu, chegou ontem a Praga numa visita oficial de três dias para consultas centradas no desarmamento e comércio bilateral, revelaram fontes oficiais.

Papandreu foi recebido no aeroporto pela seu homólogo checoslovaco Lubomir Strougal, anunciou a agência noticiosa CTK.

A CTK disse que as relações bilaterais são um exemplo da cooperação frutuosa dos países europeus com dois sistemas sociais diferentes.

A Grécia juntou-se à Roménia, em Dezembro passado, no apelo para a anulação da instalação dos novos mísseis norte-americanos na Europa Ocidental e dos SS-20 soviéticos na República Democrática Alemã.

O líder socialista grego, que parte amanhã para Berlim, tornou já claro considerar os Estados Unidos como o principal instigador da corrida aos armamentos. Embora faça também algumas críticas a Moscovo, tem elogiado a União Soviética como sinceramente empenhada no desarmamento.

Armas anti-satélite

Os Estados Unidos estão dispostos a discutir a militarização do Espaço com a URSS, mesmo que Moscovo se negue a tratar outras questões — indicou o porta-voz da Casa Branca.

Larry Speakes disse que a contraproposta do presidente Ronald Reagan, para englobar as armas nucleares nas conversações sobre armas anti-satélite propostas pela União Soviética, não é impedimento para negociações sobre outros temas e convidou Moscovo a dar outra resposta.

Sexta-feira, Moscovo propôs aos Estados Unidos uma reunião em Setembro, em Viena, para discutir a proibição dessas armas. Washington aceitou, em princípio, mas adiantou como condição que as conversações abrangessem a limitação das armas nucleares estratégicas e de médio alcance.

A URSS, que em Dezembro abandonou as negociações de Genebra sobre estas armas declarando que só as retomaria se os euromísseis colocados fossem retirados, rejeitou domingo como inaceitável a contraproposta norte-americana.

O porta-voz da Secretaria norte-americana de Estado declarou, pela sua parte, que os Estados Unidos, continuam dispostos a participar num encontro em Setembro com os soviéticos, tal como eles propuseram.

Geraldine para a vice--presidência?

O candidato à nomeação presidencial pelo Partido Democrata, Walter Mondale, encontrou-se ontem com a congressista Geraldine Ferraro, tendo afirmado no final que ela está colocada na corrida para a candidatura à vice-presidência.

Mondale, que continua a procurar um «número dois» para a sua candidatura à Casa Branca, devendo hoje reunir-se com o líder negro dos direitos civis, Jesse Jackson, em Kansas City, refutou a afirmação de que estaria a sofrer pressões para designar uma mulher como candidata à vice-presidência.

O ex-vice-presidente repetiu a sua determinação de seleccionar o candidato mais qualificado, independentemente do sexo a que pertença.

Ferraro, 48 anos, advogada e mãe de três filhos, afirmou que as mulheres norte-americanas pretendem ver uma mulher na equipa que se candidata à Casa Branca e que ela própria gostaria de se ver incluída.

Mondale, que se encontrou com Ferraro durante três horas, reuniu anteriormente com a «mayor» de São Francisco, Dianne Feinstein, e deverá fazer o mesmo na próxima sexta-feira com a governador do Kentucky, Martha Layne Collins.

Com Geraldine

Conferência de imprensa de Walter Mondale e Geraldine Ferraro (Telefoto UPI/NP/DL)

lado, Mondale afirmou aos jornalistas, no final do encontro, que a congressista está em condições de ser nomeada como candidata à vice-presidência

Apelidou-a de «um dos dirigentes mais impressionantes» do Partido Democrata.

As greves na Europa

— Regresso ao trabalho na RFA — Endurecimento no Reino Unido

Operários metalúrgicos de Estugarda votaram a favor do fim da greve de sete semanas que paralisou 450 mil trabalhadores e quase fez parar a indústria automóvel na Alemanha Federal, anunciou hoje um prota-voz sindical

O porta-voz da IG Metall disse que mais de 54,52 por cento dos operários consultados — a percentagem mínima necessária a assegurar o regresso ao trabalho é de 25% — votaram a favor de um plano de acordo, proposto na semana passada por uma comissão especial de arbitragem, e do regresso aos seus postos de trabalho

O compromisso, envolvendo fundamentalmente uma redução de hora e meia na semana laboral de 40 horas a partir de Abril, ficou aquém da reivindicação inicial do sindicato para uma semana de 35 horas de trabalho.

As fábricas alemãs de automóveis retomaram ontem a produção, esperando-se que antes do fim-de-semana todas as linhas de montagem estejam a funcionar, após sete semanas de greve no sector metalúrgico.

A Volkswagen foi a primeira a lançar em rendimento pleno as suas cadeias de montagem de seis fábricas, depois de as ter suspendido em meados de Maio por falta de peças

Espera-se que a Porsche, a Daimler-Benz e a Audi iniciem hoje a sua laboração, suspensa desde que os trabalhadores de várias firmas fabricantes de peças para veículos se declararam em greve e suspenderam o fornecimento, em reivindicação da semana de trabalho de 35 horas.

As maiores perdas foram provocadas na Daimler-Benz (três mil milhões de marcos), desde a paragem da laboração a 17 de Maio. A Volkswagen, que parou a 28 de Maio, perdeu 2800 milhões de marcos, a BMW perdeu em 33 dias de paralisação cerca de 1500 milhões de marcos. A BMW deixou de produzir um total de cem mil veículos durante a greve, grande parte deles destinados à exportação.

Reino Unido

Os mineiros grevistas britânicos ameaçaram reforçar o bloqueio às siderurgias, depois dos sindicatos metalúrgicos terem rejeitado uma sua exigência de paralisar o trabalho

A ameaça, feita por Arthur Scargill, líder do Sindicato dos Mineiros, reacendeu os receios de nova vaga de violência nos piquetes, numa altura em que a greve nas minas de carvão entra na sua 17.ª semana

«Faremos agora tudo o que for preciso para intensificar o bloqueio às siderurgias, centrais energéticas e à indústria em geral — e estamos absolutamente certos de que sairemos vencedores da disputa», afirmou Scargill, antes de se reunir com dirigentes dos dois grandes sindicatos britânicos dos ferroviários, para discutir a escalada da sua acção.

Ao rejeitar o apelo dos mineiros para uma paralisação, Bill Sirs, presidente da Confederação Sindical dos Metalúrgicos, que conta 95 500 membros, indicou que tal acção «seria prejudicial à indústria e completamente inaceitável para os nossos filiados».

Crise em Caxemira

O governador de Caxemira demitiu o primeiro-ministro do estado, Farouq Abdullah, anunciou em Nova Deli a agência PTI.

A agência noticiosa Press Trust of Indi disse que o cunhado de Abdullah, G.M. Shah, tinha prestado juramento como novo primeiro-ministro do estado, predominantemente muçulmano.

Abdullah tinha antes fixado um recolher obrigatório por tempo indefinido na capital, Srinagar, depois de 12 membros do Parlamento estadual terem retirado o seu apoio ao governo local, passando-se para a oposiçao.

G.M. Shah, o líder dos parlamentares desertores, prestou mais tarde juramento como ministro chefe do eEstado. O governo de Shah será apoiado pelos 26 membros do Partido do Congresso (I) de Indira Gandhi no Parlamento estadual

O partido e o governo da senhora Indira Gandhi têm acusado Abdullah de encorajar os separatistas muçulmanos e os extremistas sikhs.

Entretanto, o exército e a polícia prenderam 70 alegados terroristas sikhs e quatro soldados desertores no Punjab, para além de terem capturado uma grande quantidade de armas e munições em seu poder, informou a agência indiana United News of India (UNI).

Por seu turno, o chefe do Estado-Maior do Exército indiano, general Vaidya, avisou os soldados sikhs para não se amotinarem, como protesto contra o ataque do Exército ao Templo Dourado, no mês passado, pois seriam condenados severamente, e assegurou-lhes que nada aconteceria as suas famílias, se se mantivessem fieis

O general Vaidya parte no próximo dia 10 de Julho para uma viagem aos Estados Unidos, naquilo que parece ser um grande esforço no sentido de aumentar os laços militares com Washington, que tem vendido grandes quantidades de armamento ao Paquistão.

Paralelamente, uma delegação militar indiana, chefiada pelo chefe do Estado-Maior da Força Aérea, marechal Katre, encontra-se em Moscovo, sobretudo para obter licença dos soviéticos para o fabrico na Índia de caças a jacto MIG-27.

A Índia pretende fabricar aquele caça para poder fazer frente aos aviões americanos F-16 de que dispõe o Paquistão. Também a França concordou em fornecer a Nova Deli 40 Mirage 2000, cujos primeiros seis serão entregues em Setembro próximo

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FUNDÃO

ANÚNCIO

Na execução ordinária que Sociedade Portuguesa do Ar Liquido, SARL com sede em Lisboa, move à executada António Santos Marques e Filho Ld.ª com sede no Fundão, foi designado o dia 25 de Julho às 14 horas para arrematação em 1.ª praça à porta deste Tribunal, dos bens seguintes: 21 centos de parafusos 3 × 16, 7560$00, 26 centos de parafusos 1/4, 15 065$00, 80 centos de parafusos 5 × 16, 67 540$00, 119 centos de parafusos 3 × 8, 113 975$00, 1276 rolamentos, várias marcas, 835 450$00, 123 latas de viton, cores diversas, 58 000$00, 13 lavatórios, cor branca, M/Bianco, 20 000/00, 5 lavatórios cor branca, Europa, 5 000$00, 900 eléctrodos Alplex, 21 × 315 mm, 35 000$00

Fundão, 22 de Junho de 1984

O Juiz de Direito

Fernando José Martins G. das Neves

O Escrivão da 1.ª secção

J. Serrasqueiro

DL 3/7/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

ANÚNCIO

3.º JUÍZO

Proc.º 703/84 2.ª Sec.

Faz-se saber que na Acção com Processo Sumário pendente na segunda secção do 3.º Juízo desta comarca de ALMADA, proposta pela autora ANA LUISA ESTEVES, residente na Courela da Caneira n.º 1 em Sobreda de Caparica, são citados os herdeiros desconhecidos de Domingos Manuel de Oliveira, residente que foi na Courela da Caneira n.º 1 em Sobreda da Caparica, para contestarem, apresentando a sua defesa, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contados da data da segunda e ultima publicação do anuncio, o pedido da autora e q. [illegible] em ser fixado à autora [illegible]

Almada, 7 de Junho d [illegible]

O JUIZ DE DIREITO

Jorge Mourão Mendes Leão

A ESCRIVÃ ADJUNTA

Alda C. Catarino Garcia Teodoro

«DL» – 3/7/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALCANENA

ANÚNCIO

No dia dezassete de Julho próximo futuro, pelas catorze horas, neste Tribunal Judicial, nos autos de carta precatória n.º 132/84 vinda do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Ovar, e extraida da execução sumaria n.º 137/83 — 1.ª secção, que a exequente F. RAMADA AÇOS E INDÚSTRIAS SARL, com sede em Ovar, move contra a executada PELCROMO — INDUSTRIA DE CURTUMES LDA, com sede em Vila Moreira, desta comarca, há-de ser posta em praça pela primeira vez para ser arrematada ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo: UMA MAQUINA DE ACAMURÇAR, equipada com motor eléctrico marca «Tuner» fabrico alemão, com o numero de referência Mm 6862, da qual é depositario o senhor José Cardoso Mateus, casado, industrial, residente na referida freguesia de Vila Moreira

Alcanena, 27 Junho 1984

O Juiz de Direito

(Dr. Afonso Manuel Pessoa dos Santos)

O Escrivão-Adjunto

(Rui Alberto C. Meneses Mescóso)

D.L. 3/7/84 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anuncio citando os réus para no prazo de 10 dias findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto e o seguinte: pagamento à Autora da quantia de Esc. 386 318$30, proveniente de venda de produtos do seu comercio

Acção SUMARIA n.º 4670 2.ª secção

Autor NOBRE & SILVA [illegible]

Réu J. EMILIO MATE [illegible] LDA, com ultima sede [illegible] Calçada de Santana, n.º [illegible] em Lisboa

Lisboa, em 21 de Maio de 1984

O Juiz de Direito

a) José Albino Caetano Duarte

P'O Escrivão de Direito,

a) Maria Helena J. Santos Pires

D.L. 3/7/84 — 2.ª Publicação

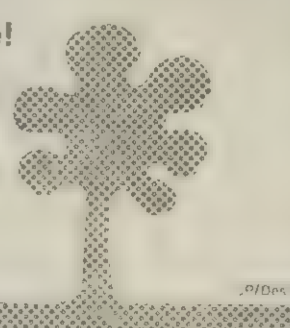
VIAJE VERDE

Viajé de comboio
nos PERÍODOS VERDES
Viaje a preços reduzidos

Os **periodos verdes** correspondem aos momentos em que o tráfego ferroviário é de menor intensidade. Isto é, cerca de 2/3 do ano! Viajar de comboio nestas circunstâncias representa, portanto, um acréscimo de tranquilidade, conforto, prazer. E, significa, também, beneficiar de preços reduzidos muito vantajosos.

Agora, programe as suas viagens de comboio em função dos **períodos verdes.**

Pense verde! Viaje verde!



cp

Comboio, a opção inteligente

RTP concurso

Nome ____ Idade ____ Tel: ____

Morada ____ Profissão ____

Tem Televisor ? ____ Nº Licença ____

Acompanhante ____ Idade ____

Profissão ____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex

INTER-RAIL

Caminhos de Ferro Portugueses

para jovens até aos 26 anos

30 DIAS E 20 PAÍSES DA EUROPA

quilometragem ilimitada

cp

Comboio, a opção inteligente

NOTARIADO PORTUGUÊS
1.º Cartório Notarial de Lisboa

Rua dos Douradores, 135-2.º

Notaria, Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva

É fotocópia parcial, que vai em conformidade com a parte reproduzida, extraida para efeitos de publicação, da escritura de quinze do corrente mês, exarada desde folhas vinte e seis, a folhas vinte e sete verso, do livro número cento e cinquenta e quatro - E, de escrituras diversas deste cartório, pela qual foi constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos adiante indicados.

Lisboa, dezanove de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro.

O AJUDANTE

Alberto Vila Rodrigues

ART.º 1.º — A sociedade adopta a denominação de «ROLOCOR — ARTES GRÁFICAS, LIMITADA», tem a sua sede e domicilio na Rua do Espirito Santo, número dezanove — A e B, freguesia de Odivelas, concelho de Loures, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

ART.º 2.º — O objecto especifico da sociedade, consiste no exercício da actividade de artes gráficas — tipografia.

ART.º 3.º — O capital social é de um milhão de escudos, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas, uma de setecentos mil escudos, pertencente ao sócio Carlos Alberto Sampaio Pereira Verissimo, e outra de trezentos mil escudos, pertencente à sócia Maria Joana Chaves Marques Pereira Verissimo.

ART.º 4.º — 1. É dispensado o consentimento da sociedade para as cessões e divisões de quotas entre sócios e herdeiros de sócios.

2. Nas cessoes de quotas a favor de estranhos, têm, a sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, direito de preferência na aquisição.

ART.º 5.º — 1. A administração da sociedade incumbe aos sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de prestar caução, e remunerados ou não, conforme for deliberado em assembleia geral.

2. A sociedade obriga-se com a intervenção conjunta de ambos os sócios-gerentes, por si ou através de mandatário ou mandatários, nas condições e limites das respectivas procurações, por eles outorgadas.

3. — Em actos de mero expediente, é suficiente, porém, a assinatura de qualquer gerente.

4. A sociedade pode constituir mandatários, designadamente nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, e pode, também, qualquer sócio-gerente delegar os seus poderes de administração, no todo ou em parte, em quem entender, nos termos e para os efeitos do que dispõe o número dois deste artigo.

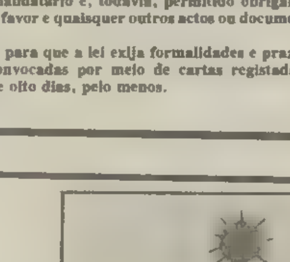
5. A nenhum gerente, delegado ou mandatário é, todavia, permitido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e quaisquer outros actos ou documentos estranhos aos negocios sociais.

ART.º 6.º — Com ressalva dos casos para que a lei exija formalidades e prazos especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias, pelo menos.

PROCURE

zonas sem rebentação

ou remoinhos



Antes da entrega d

Comba

Milícias cristãs e muçulma
confrontaram-se hoje ao lo
da linha que divide Beirute,
sar de um acordo para entr
rem as suas armas pesada
Exército.

Fontes policiais referiram
os confrontos, embora espo
cos, envolveram a maior p
das frentes de guerra de Be
e que várias granadas de
teiro explodiram em bairros
denciais nos sectores cr
(ocidental) e muçulmano
dental) da cidade. Não há
rém, notícias de vítimas.

Apesar dos combates, o
verno libanês tenciona i
hoje a implementação de
plano de segurança que as
cias rivais aceitaram.

No âmbito deste plano, as
grandes milícias de Be
(cristã, xiita e drusa) conc
ram em recolher e coloca
suas armas pesadas em a
zéns na capital, os quais fic
fechados. Cada uma das
chaves dos armazéns fica
posse da própria milícia
comissão de segurança.

Os armazéns serão gu
dos por um observador fran
por outro libanês e por repre
tantes da milícia envolvida

Cerca de nove mil sold
governamentais deverão
mir quarta-feira as pos
controladas pelas milícia
Beirute.

Uma granada foguete ati

Retirada de tropa

Pretór a acord

A retirada de tropa
irá ser completada tend
todo o apoio militar de
Segundo fontes sul-afr
lecido ontem, em Lusa
ram o ministro dos Neg
«Pik» Botha, e o minis
Rodrigues, «Kito».

Este encontro, que se r
quase seis meses depois
tabelecimento do p
acordo sobre a retirada
cana, foi descrito por «Pik
como «encorajador» e «m
em todos os aspectos». O
tro sul-africano declarou
«não se sentir demasiad
cupado» com o atraso
rada das tropas do seu p
deveria ter sido consum
fins de Maio último.

Embora não tenha
qualquer comentário sob
contro feito pela parte an
fontes sul-africanas indic
Luanda aceitou o **princ**

Hondura

As novas cúpulas m
hondurenhas dirigiram
mato à organização ant
nista FDN para que trans
fora das Honduras o se
de operações contra a
gua – afirma a imprens
-americana.

O ultimato teria sido m
pela recusa do Congre
Estados Unidos em ap
21 milhões de dólares
Casa Branca solicitou
ajuda suplementar à FD
Democrática Nicaragüe

As autoridades hond
parecem preocupadas c
negativa, que, na sua
implicaria a cessação d
rações dos anti-sandini
sultando num problema
para as Honduras – ma
mil «combatentes aban

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anuncio citando os réus para no prazo de 10 dias findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto é o seguinte: paga [illegible] à Autora da quantia de Esc. 386.318$50 proveniente de venda de produtos do seu comércio [illegible] secção [illegible] em Lisboa em 21 de Maio de 1984

O Juiz de Direito

a) José Albino Caetano Duarte

P/O Escrivão de Direito,

a) Maria Helena J. Santos Pires

D.L., 3/7/84 — 2.ª Publicação

Tel: [illegible]

são [illegible]

Idade [illegible]

artado 4315 — 1507 Lisboa Codex

PORTUGUÊS
otarial de Lisboa

adores, 135-2.º

de Martins Neto Lino da Silva

rmidade com a parte reproduzida, extraída quinze do corrente mês, exarada desde folhas ro numero cento e cinquenta e quatro - E, de al foi constituída uma sociedade comercial nos termos constantes dos artigos adiante

vecentos e oitenta e quatro.

DANTE

a Rodrigues

denominação de «ROLOCOR — ARTES de e domicílio na Rua do Espírito Santo, Odivelas, concelho de Loures, e durará por

ociedade, consiste no exercício da actividade

um milhão de escudos, está integralmente oma de duas quotas, uma de setecentos mil rto Sampaio Pereira Veríssimo, e outra de la Maria Joana Chaves Marques Pereira

sentimento da sociedade para as cessões e de sócios.

anhos, têm, a sociedade, em primeiro lugar, ência na aquisição.

sociedade incumbe aos sócios, que ficam r caução, e remunerados ou não, conforme

nção conjunta de ambos os sócios-gerentes, rios, nas condições e limites das respectivas

uficiente, porem, a assinatura de qualquer

rios, designadamente nos termos e para os quenta e seis do Código Comercial, e pode, seus poderes de administração, no todo ou para os efeitos do que dispõe o número dois

andatario é, todavia, permitido obrigar a favor e quaisquer outros actos ou documen-

para que a lei exija formalidades e prazos nvocadas por meio de cartas registadas, oito dias, pelo menos.

Antes da entrega das armas

Combates em Beirute

Milícias cristãs e muçulmanas confrontaram-se hoje ao longo da linha que divide Beirute, apesar de um acordo para entregarem as suas armas pesadas ao Exército.

Fontes policiais referiram que os confrontos, embora esporádicos, envolveram a maior parte das frentes de guerra de Beirute e que várias granadas de morteiro explodiram em bairros residenciais nos sectores cristão (ocidental) e muçulmano (ocidental) da cidade. Não há, porém, notícias de vítimas.

Apesar dos combates, o governo libanês tenciona iniciar hoje a implementação de um plano de segurança que as milícias rivais aceitaram.

No âmbito deste plano, as três grandes milícias de Beirute (cristã, xiita e drusa) concordaram em recolher e colocar as suas armas pesadas em armazéns na capital, os quais ficarão fechados. Cada uma das duas chaves dos armazéns ficará na posse da própria milícia e da comissão de segurança.

Os armazéns serão guardados por um observador francês e por outro libanês e por representantes da milícia envolvida.

Cerca de nove mil soldados governamentais deverão assumir quarta-feira as posições controladas pelas milícias em Beirute.

Uma granada foguete atingiu o edifício da Agência Noticiosa Norte-Americana United Press em Beirute, ferindo ligeiramente uma pessoa, anunciou a Polícia libanesa.

A granada atingiu em cheio o escritório de Amin Abu Khaled, director do diário de língua francesa «L'Orient – Le Jour», que não se encontrava nas instalações

A violência da explosão estilhaçou os vidros das janelas e causou outros estragos nos escritórios da UPI, três andares mais abaixo, bem como da revista «Newsweek» e do jornal «Los Angeles Times».

Passageiros libertados

Israel libertou hoje cinco dos nove passageiros que deteve ao interceptar na passada sexta-feira um barco cipriota, que se dirigia para Beirute.

Os cinco libaneses libertados – quatro homens e uma mulher – serão conduzidos para a capital libanesa por funcionários da Cruz Vermelha Internacional. Os quatro restantes continuarão em Israel para serem interrogados.

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, desmentiu informações do jornal britânico «The Standard», segundo as quais o activista da extrema-esquerda de origem venezuelana, Carlos Sanchez, tambem conhecido por «O Chacal», se encontrava entre os detidos.

Carlos, considerado por muitos o terrorista mais procurado do mundo, teria cooperado com guerrilheiros palestinos em vários ataques na Europa Ocidental.

Os libaneses libertados também desmentiram que Carlos estivesse no navio cipriota «Alisur Blanco», interceptado sexta-feira por canhoneiras israelitas que o desviaram para Haifa.

A Imprensa de Telavive indicou que o barco foi interceptado depois de os serviços de espionagem israelitas terem recebido informações de movimento da guerrilha palestina. O governo de Shamir explicou que a operação faz parte da campanha do Estado judaica contra o terrorismo.

Entretanto, Israel quer passar a interrogar, revistar e escoltar todos os navios de passageiros que se dirijam para portos do Líbano.

Segundo um despacho da agência koweitiana de informação Kuna, tal revelação foi divulgada pela rádio israelita.

Ephraim Katzir

O antigo presidente de Israel, Ephraim Katzir, foi libertado depois de ter sido detido durante pouco tempo pela polícia política soviética (KGB), informou a Rádio Televive.

Foto de arquivo do terrorista «Carlos» que, segundo um jornal britânico se encontraria entre os passageiros do ferry-boat desviado por Israel (Telefoto UPI/NP-/DL)

Katzir, em telefonema feito de Moscovo, disse não haver motivos para preocupação com a sua detenção pelo KGB no domingo, em Leninegrado.

A rádio informou que a KGB levou Katzir de Leninegrado para Moscovo e que este pretende deixar hoje a capital soviética com destino a Paris.

Ephraim Katzir, 68 anos, um especialista em bioquímica conhecido internacionalmente e que foi presidente do Estado de Israel de 1973 a 1978, deslocou-se à Uinão Soviética para participar numa conferência internacional, tendo sido preso junto à residencia do activista judeu soviético Yaacov Gorodetzky, onde participaria num encontro com dissidentes soviéticos.

Bolívia

Saneamentos nas Forças Armadas

As autoridades bolivianas desencadearam uma vasta operação de saneamento nas Forças Armadas, na Polícia e na oposição política em consequência do sequestro frustrado do presidente Henan Siles Suzao.

A situação permanece confusa em La Paz, onde o Ministério do Interior e os Serviços de Informação Militares e a Polícia prosseguem as investigações para apurar o grau de responsabilidade de uma centena de pessoas num suposto plano subversivo para interromper o processo democrático em curso na Bolívia

O Estado Maio do Exército expulsou segunda-feira das Forças Armadas o coronel Rolando Saraiva, o major Luís Ardaya e o tenente Celso Campos Pinto, considerando provada a participação dos três oficiais na conspiração contra o regime constitucional.

O coronel Saraiva continua a monte desde sábado e o major Ardaya, que foi ajudante de campo do vice-presidente Jaime Paz Zamora encontra-se detido.

Campos Pinto está refugiado na Embaixada da Venezuela, em La Paz, juntamente com quatro oficiais da Polícia boliviana que participaram no sequestro do presidente Siles Suazo.

O Comando-Geral da Polícia boliviana ordenou a realização de um inquérito sobre dezenas de outros oficiais que participaram ou tiveram prévio conhecimento do rapto do chefe de Estado.

O Ministério do Interior confirmou a detenção, em todo o país, de mais de 50 civis, na sua maioria ligados à oposição política, ao governo do presidente Siles Suazo, alegadamente envolvidosnum vasto plano subversivo para derrubar o regime constitucional.

Entre os detidos figuram os ex-ministros do Interior e das Finanças do govero do general Hugo Banzer, que ocupou o poder em La Paz de 1971 a 1978, e o ex-ministro de Informação do último governo militar boliviano, presidido pelo General Luís Garcia Meza.

O Porta-voz do Ministério do Interior, Gustavo Sanchez, afirmou que existem indícios de que militantes das organizações políticas da extrema-direita, Acçao Democrática Nacionalista e Falange Socialista Boliviana estiveram implicados na tentativa de golpe.

Os seis sequestradores que se encontravam refugiados na eembaixada da Argentina e seentregram volutariamente à Poícia foram transferidos para a cadeia de La Paz onde esperarão o julgamento.

Declararam que tinham sido contratados para tomar parte no sequestro do presidente Suazo e que não foram objecto de pressões para abandonar a representação diplomática argentina, onde lhe foi negado o asilo político.

Os cinco individuos que permanecem refugiados na Embaixada da Venezuela são quatro oficiais da Polícia – o tenente-coronel German Linares, comandante do Corpo Especial de combate contra o tráfico de cocaina, e os capitães Pablo Vargas, Rafael Vargas e Carlos Barriga – e o tenente do exército Celso Campos Pinto.

O governo do presidente Jaime Lusinchi informou que a Venezuela não aceitará o pedido de asilo político formulado pelos golpistas.

Durante todo o dia de segunda-feira realizaram-se concentrações e desfiles em La Paz e nas principais cidades da Bolivia, de repúdio à tentativa golpista e apoio ao processo democrático iniciado há 21 meses.

Em La Paz, o único orador foi o secretário de Defesa da Central Operária Boliviana (COB) que criticou severamente os órgãos de segurança do Estado e exigiu a demissão do ministro do Interior, Frederico Alvarez Plata.

Retirada de tropas sul-africanas vai prosseguir

Pretória e Luanda chegam a acordo em Lusaca

A retirada de tropas sul-africanas de território angolano irá ser completada tendo como contrapartida a suspensão de todo o apoio militar de Luanda aos guerrilheiros da SWAPO. Segundo fontes sul-africanas, este acordo teria sido estabelecido ontem, em Lusaca, durante as conversações que reuniram o ministro dos Negócios Estrangeiros de Pretória, Roelof «Pik» Botha, e o ministro do Interior de Luanda, Alexandre Rodrigues, «Kito».

Este encontro, que se realizou quase seis meses depois do estabelecimento do primeiro acordo sobre a retirada sul-africana, foi descrito por «Pik» Botha como «encorajador» e «muito útil em todos os aspectos». O ministro sul-africano declarou ainda «não se sentir demasiado preocupado» com o atraso na retirada das tropas do seu país, que deveria ter sido consumada em fins de Maio último.

Embora não tenha havido qualquer comentário sobre o encontro feito pela parte angolana, fontes sul-africanas indicam que Luanda aceitou o **princípio** da retirada total, sem fixação de qualquer data especial para a sua conclusão. A ausência de incidentes deste último encontro de «Pik» Botha com Rodrigues «Kito», em Maio, terá contribuído para «acalmar» o lado angolano.

Pretória, contra os protestos de Luanda, de que têm feito eco todos os países da «Linha da Frente», vem alegando que a retirada da região de Ongiva – onde parte das suas tropas estacionou em fins de Maio – tem sido retardada pela contínua acção de guerrilheiros da SWAPO junto à fronteira com a Namíbia. Luanda contrapõe que essas acções armadas se realizam à revelia da sua autoridade na região, apontando como prova os bons resultados que se vêm registando no trabalho da Comissão Militar Conjunta Angolano-Sul-Africana, que funciona no Sul de Angola.

Outro dado importante, relacionado com o encontro de Lusaca, diz respeito à UNITA e às pressões que Pretória tem feito no sentido do MPLA-PT aceitar negociar com Jonas Savimbi. Embora este assunto não tenha sido mencionado nas declarações públicas produzidas por «Pik» Botha, julga sabe-se que terá sido garantido a Rodrigues «Kito» não haver qualquer ligação entre a presença de tropas sul-africanas em solo angolano e aquele movimento.

Recorde-se que, recentemente, terá havido um encontro tripartido, EUA-UNITA-Pretória, onde terá participado o subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. Embora nunca confirmado oficialmente, este encontro, a ter-se realizado, não deixaria de influenciar a posição assumida por «Pik» Botha.

Segundo tudo indica – e os resultados satisfatórios obtidos ontem em Lusaca para aí apontam – Pretória terá sido convencida a abandonar um processo da «linkage» entre a independência da Namíbia, a retirada cubana de Angola e o início de negociações de Luanda com a UNITA. Para isso, terá contribuído a posição de Samora Machel e Kenneth Kaunda, o primeiro como interlocutor frequente dos sul-africanos (antes de partir para Lusaca «Pik» Botha estivera em Maputo) e o segundo como «ponte» dos angolanos (Rodrigues «Kito» tem-se deslocado repetidamente a Lusaca desde o último encontro com os sul-africanos, em 21 de Maio).

Oficial do exército assassinado em Bilbau

O coronel espanhol na reserva, Alberto Aznar, foi assassinado ontem à tarde quando saía do seu domicílio de Bilbau.

O coronel foi alvejado com vários tiros de pistola de calibre de nove milímetros Parabellum, munição utilizada habitualmente pela organização separatista basca.

Este atentado surge precisamente no momento em que o governo autónomo basco tenta, por todos os meios, encotrar fórmulas que permitam encontrar uma saída para a violênca nesta região espanhola.

Na semana passada, os bispos bascos publicaram uma cartapastoral na qual condenam a violência das forças policiais no País Basco, com atenuadas referências à violência dos separatistas.

A carta pastoral foi condenada pelos sectores mais conservadores da Espanha, enquanto que no País Basco, nível oficial, não obteve resposta.

Os bispos bascos protestavam contra a desproporção dos meios utilizados pela Polícia e pelos terroristas, que se traduziu na morte de dois activistas da ETA quando se encontravam ocultos num andar. A Polícia, para conseguir a rendição dos terroristas, utilizou granadas de mão.

Em Madrid, os advogados jovens afirmam que a Polícia continua a torturar os detidos durante o período de nove dias em que os activistas podem estar presos sem intervenção da autoridade judicial.

Estas afirmações foram desmentidas pelo Director da Segurança do Estado que, em entrevista concedida à televisão espanhola, negou também a participação da Polícia no G.A.L. (Grupos Antiterroristas de Libertação).

Honduras convida FDN a abandonar o país

As novas cúpulas militares hondurenhas dirigiram um ultimato à organização anti-sandinista FDN para que transfira para fora das Honduras o seu centro de operações contra a Nicarágua – afirma a Imprensa norte-americana.

O ultimato teria sido motivado pela recusa do Congresso dos Estados Unidos em aprovar os 21 milhões de dólares que a Casa Branca solicitou como ajuda suplementar à FDN (Força Democrática Nicaraguense).

As autoridades hondurenhas parecem preocupadas com essa negativa, que, na sua opinião, implicaria a cessação das operações dos anti-sandinistas, resultando num problema de peso para as Honduras – mais de dez mil «combatentes abandonados e sem trabalho».

Fontes da FDN confirmaram em Washington que um hospital de campanha instalado nas Honduras foi transferido a semana passada para território nicaraguense.

Contudo, fontes do Governo norte-americano citadas pela EFE declararam desconhecer qualquer mudança da atitude do Governo hondurenho, relativamente às forças anti-sandinistas que operam no seu território.

Pentágono confirma

O Pentágono confirmou que um avião militar norte-americano foi utilizado em Maio para levar provisões a rebeldes centro-americanos anti-sandinistas.

A operação, considerada sem precedentes, foi revelada pelo quotidiano «The Washington Post».

O jornal precisou que a maior parte do carregamento era formada por alimentos e material clínico de emergência, doados por grupos norte-americanos conservadores a centro-americanos que lutam contra a agressão comunista.

O porta-voz oficial do Pentágono declarou que um avião militar de transporte C-130, pertencente à Guarda Nacional Aérea do Mississipi, levou um total de 7500 quilos de material de assistência para as Honduras e El Salvador, com a autorização prévia do secretário da Defea, Caspar Weinberger.

O carregamento – acrescentou – era constituído sobretudo por viveres fornecidos por um grupo de cidadãos da Louisiana e por material médico doado por diversas associações privadas.

Segundo o porta-voz, o C-130 partiu em 25 de Maio de Jackson (Mississipi) para El Salvador, de onde seguiu depois para a base norte-americana de Howard, no Panamá. Em 26 de Maio fez outra entrega em Puerto Lempira, nas Honduras.

Alguns dos organizadores da remessa afirmaram de início que ela se destinava unicamente a refugiados, mas outro membro do grupo confessou ao «Washington Post» que se decidiu depois alargá-la aos anti-sandinistas.

Aparente empate eleitoral na Guatemala

Três partidos políticos têm hoje hipótese de vencer as eleições de domingo na Guatemala, segundo resultadosdo escrutínio de mais de 50 por cento dos votos.

A Democracia Cristã (DC), a União do Centro Nacional (UCN) e a Coligação de direita formada pelo Movimento de Libertação Nacional (MLN) e pela Central Autentica Nacionalista (CAN) mantém-se nas primeiras posições desde o início do escrutínio.

A UCN obteve um importante triunfo na capital mas os democratas-cristãos fizeram uma recuperação espectacular, embora estejam ainda por conhecer os resultados de importantes zonas eleitorais do interior.

Economistas

O Ar Condicionado e indispensavel a sua vida profissional e ao seu conforto pessoal
Instalamos ar condicionado no seu escritorio ou em sua casa com qualidade e rapidez
Fornecemos orçamentos sem encargos
Pagamento apos instalação e com desconto de 10% para pagamentos a pronto

Somos Tepclima

R. Arco do Carvalhão, 235-C — 1300 LISBOA
Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

N.º 51/84

CEMITÉRIOS — Mudança de circunscrição

Faz-se saber que a partir de 2 de Julho de 1984, os indivíduos falecidos no Hospital de S. José, que se destinam a sepulturas temporárias, passam a ser inumados no Cemitério de Benfica.

O presente edital altera o n.º 107/77, datado de 31 de Outubro de 1977.

Paços do Concelho de Lisboa, em 26 de Junho de 1984.

O Presidente

(assinatura ilegível)

tel

Teatro Vasco Santana

«QUANDO A BANDA TOCAR»

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.as feiras. Matinée aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO

Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc

Sub Mont

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R Tenente Raul Cascais, 1 A
1200 Lisboa
Tel 661515 • 669205

teatro do bairro alto

simpatia

de

EDUARDO DE FILIPPO

Estreia sexta-feira, dia 6
De terça a sexta às 21.30 h
Sábados às 16 h e às 21.30 h
Domingos às 16 h

RN RODOVIARIA NACIONAL

CIRCUITO CABO DA ROCA

1 de Julho a 30 de Setembro
Terças, Quintas, Sábados e Domingos
Partidas de Sintra às 14.30 h
(Palácio da Vila)

ITINERÁRIO: SETEAIS
CAPUCHOS
CABO DA ROCA
BANZÃO
PRAIA DAS MAÇÃS
MONSERRATE
SINTRA

RN

VENDA DE BILHETES:
Serviços de Turismo — Sintra » Telef. 9231157
RN — Sintra — Telef. 9233091

1984 é já considerado um ano de ruptura do sector

Empresas de construção civil exigem "medidas de emergência"

No fim do primeiro semestre deste ano, 1984 surge já como um ano de ruptura para as empresas de construção e dos sectores complementares, concluíram ontem em Coimbra as associações representativas do ramo.

Numa reunião conjunta das associações representativas dos sectores da construção civil e obras públicas e das indústrias situadas a montante e a jusante foi deliberado exigir do Governo a adopção de algumas «medidas de emergência».

As associaçoes reclamaram a criação de condições necessárias para o saneamento da situação financeira das empresas e para o relançamento da actividade da construção.

Exigiram, nomeadamente, que pare a contagem de juros desde 31 de Dezembro de 1983 em relação aos financiamentos das habitações concluídas até essa data e que sejam regularizados pelo Estado todos os pagamentos em atraso aos empreiteiros de obras públicas, incluindo revisões de preços, trabalhos adicionais e juros de mora.

As referidas associações reclamaram também a regularização do passivo das empresas de construção através da dação em pagamento, considerando que esta é «a única forma de lançar no mercado de arrendamento muitos milhares de fogos que não encontram comprador, mas para os quais não faltam inquilinos».

No final da reunião, o presidente da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), Ferraz da Costa, disse, em conferência de Imprensa, defender a constituição de socioedades de investimento imobiliário, preconizando que as empresas possam satisfazer os seus compromissos bancários entregando as casas às instituições de crédito, as quais, por sua vez, as arrendariam a terceiros.

As associações representativas dos sectores de construção civil e obras públicas e indústrias situadas a montante e a jusante exigiram ainda do Governo a reformulação e diversificação dos sistemas de crédito à compra de habitação própria.

Exigiram também o reforço imediato das verbas consignadas no Orçamento do Estado para 1984 para obras publicas «em valores que assegurem o mínimo de equilíbrio no mercado, em termos de capacidade instalada e dos postos de trabalho».

As associações deliberaram igualmente constituir-se em Comissão Permanente, tendo em vista o acompanhamento das soluções que o Governo venha a adoptar para «satisfação das medidas preconizadas».

Ferraz da Costa disse ver «com preocupação» o facto de o Governo «não tomar as medidas que desde o Verão do ano passado vem prometendo, tendo em vista o relançamento da construção civil e obras públicas».

Segundo as associações, o montante das dívidas do Estado aos empreiteiros era estimado em Maio em cerca de 13 milhões de contos.

Comércio por grosso em crise

A situação do comércio por grosso em Portugal evoluiu desfavoravelmente no primeiro trimestre deste ano, com quebras no volume de vendas, volume de encomendas recebidas e no de encomendas aos fornecedores – anunciou o INE.

O Instituto Nacional de Estatísticas refere porém que as quebras se devem em parte ao facto de se verificar sempre um movimento inferior no primeiro trimestre em relação ao quarto de cada ano.

Em relação ao período homólogo do ano anterior, a situação no primeiro trimestre de 1984 está mais degradada em todos os principais aspectos, com excepção do indicador de actividade global que se manteve nos mesmos níveis.

No que se refere aos ramos de actividade, segundo o INE, só o sector do comércio por grosso «não especificado» apresentou saldo positivo no indicador do volume de vendas, devido sobretudo às vendas de medicamentos, produtos dietéticos e de próprio tese geral. O saldo mais desfavorável verificou-se no sector das máquinas e materiais para a agricultura, comercio e indústria.

Material eléctrico também

O sector de material eléctrico e electrónico atravessa uma situação de quebra global de actividade, sem que as perspectivas imediatas indiquem uma melhoria das condições actuais, segundo um inquérito de conjuntura agora divulgado.

A situaçao no primeiro trimestre, de 1984 é praticamente idêntica à registada em fins do ano passado e caracteriza-se por uma grande retracção da procura interna e subutilização da capacidade produtiva instalada.

Os resultados do inquérito, agora publicados no boletim da Associação Nacional dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico, salientam que a «quebra sensível» no nível da actividade orientada para o mercado interno tem como principais causas a «grande redução da procura e deterioração do poder de compra».

Os resultados revelam que 85 por cento das empresas laboram no primeiro trimestre de 1984 abaixo dos níveis desejáveis, havendo ramos de actividade em que o subaproveitamento atinge os 25 por cento.

Afirmou Gaston Thorn em Sintra

Adesão de Portugal à CEE exige ainda "esforços particulares e continuados"

O presidente da Comissão das Comunidades Europeias, Gaston Thorn, que ontem iniciou uma visita de dois dias a Portugal a convite de Mário Soares, afirmou que «a conclusão das negociações de adesão no Outono exigirá esforços particulares e continuados tanto do lado português como do lado da Comunidade.»

Gaston Thorn, que falava em Sintra durante o banquete oferecido pelo Primeiro-Ministro português, considerou que a sua visita a Portugal «acontece num momento crucial para a Comunidade e para a adesão de Portugal».

Salientou que «o recente Conselho Europeu de Fontainebleau permitiu à comunidade ultrapassar dificuldades internas de ordem orçamental, que nos vinham preocupando há vários anos».

«A solução deste problema – disse – anulou a condicionante que, de algum modo, pesava sobre a conclusão das negociações de adesão».

Acentuou que «desde a Primavera de 1982 as nossas negociações conheceram êxitos inegáveis, já que foi possível concluir integralmente, ou em grande parte um número importante de capítulos.»

Entre os capítulos actualmente em negociação e para os quais se antevê uma conclusão próxima, citou os da agricultura, pescas e assuntos sociais.

Gaston Thorn adiantou que nas próximas semanas serão negociados outros capitulos importantes, nomeadamente os recursos próprios, as instituições e as relações entre Portugal e Espanha após a adesão.

Saliento por outro lado, que «após a conclusão das negociações, será necessário que Portugal redobre os seus esforços para se preparar ainda mais para a integração na Comunidade ao longo do período de transição».

«É importante – disse – que Portugal possa beneficiar plenamente, desde a sua entrada, de todas as vantagens que a Comunidade oferece aos seus Estados membros».

Referiu que nos próximos meses os dirigentes portugueses e da CEE «serão chamados a tomar decisões politicas importantes para que este alargamento se faça nas melhores condições».

Gaston Thorn sublinhou que a assinatura do acto de adesão poderá ser precedida, «se tal for o desejo do governo português, de uma declaração comum de carácter político, constatando o acordo sobre o essencial das condições de adesão do vosso país à Comunidade Europeia».

Por sua vez, o Primeiro-Ministro afirmou na mesma ocasião contar com «os países amigos» e «em primeiro lugar com os da CEE» para a tarefa de «modernização inadiável» de Portugal. Mário Soares, que começara por se referir à «histórica cimeira de Fontainebleau», afirmou que ela veio dar ao ideal da construção europeia um novo estímulo ao fixar a data de 30 de Setembro pra a conclusão das negociações da adesão portuguesa e espanhola à CEE.

«Encontramo-nos animados de uma nova esperança, que o atraso inexplicável de sete anos tinha quase eliminado» – disse.

Ajuda de pré-adesão

A Comissão Europeia propôs aos estados membros conceder a Portugal uma ajuda pré-adesão de 40 milhões de dólares, para melhorar as estruturas agrícolas e pesqueira. Anunciou ontem um porta-voz da Comunidade, em Bruxelas.

A proposta estabelece que a CEE financiará, com estes fundos, até 50 por cento dos programas de modernização desses dois sectores previstos pelo Governo português.

A contribuição comunitária, a fundo perdido, poderá no entanto alcançar cerca de 65 por cento do custo de cada projecto, em casos excepcionais – informou ainda o porta-voz.

Telefones aumentam entre 18 e 40%

As tarifas de telefones dos TLP e dos CTT vão ser de novo aumentadas

Segundo a ANOP, o agravamento dos preços no sector chamado de «tráfego» variará entre 18 e 40 por cento, consoante os serviços, e o custo de cada impulso passará de 5 escudos e meio para 6 escudos e meio.

O aumento será de 30 e 40 por cento no que toca à instalação e assinatura do telefone, que passam, no primeiro caso, de 9500 escudos para 12 mil escudos e, no segundo caso, de 850 escudos para 1100 escudos.

Também as taxas a cobrar sobre as extensões, actualmente de cerca de 600 escudos mensais, serão oneradas com o mesmo aumento de 30 a 40 por cento.

Estas «actualizações» dos preços constam de uma proposta actualmente em fase de apreciação pelas administrações de ambas as empresas.

O último aumento de tarifas registou-se em Agosto de 1983, tratando-se agora de «uma actualização dos preços», disse uma fonte dos CTT, confirmando que os aumentos se repetirão agora de 12 em 12 meses.

Reduzir a procura

Espera-se que este sistema de «actualizações» de tarifas, segundo a mesma fonte, «provoque uma recessão na procura». Se em 1983 o número líquido de requisições («líquido» significa o saldo entre os novos assinantes e os que deixaram de o ser por desistência) foi de 45 357, o valor para 1984 foi estimado em mais de 63 mil, mas este último valor afigura-se agora inatingível.

Tal decréscimo, segundo a fonte dos CTT, traduz os efeitos das últimas alterações nas tarifas que, tendo sido aumentadas em Março de 1983, foram «actualizadas» em Agosto do mesmo ano.

Em Janeiro de 1984, indicou a mesma fonte, das 5818 «requisições líquidas» esperadas surgiram apenas 3169, o que representa uma quebra de menos 46 por cento, em relação às previsões.

«SG-Pack» sobe finalmente

O «SG» gigante em embalagem dura, mais conhecido por «SG-Pack», tem finalmente o seu preço actualizado, que passa para 85 escudos o maço.

O preço deste tipo de tabaco não tinha sido actualizado em Abril deste ano por lapso reconhecido pelo despacho hoje publicado em «Diário da República».

Por esse motivo o «SG-Pack» tinha desaparecido já há bastante tempo do mercado.

A verdade autêntic

Mens sobre

Realmente, os «heróis» ria serão os jogadores, p tantas vezes estranhame compartimentos estanq membros da «entourage» siado para poderem (no t período de convivência) calma, serenidade e refl

Sabe-se, portanto, c nunca os quatro técnicos ti ram um vector comum, p além (evidentemente) de ca um à sua maneira procu que o «team» português a gisse a vitória em cada exa A clivagem, aguçada a pa do instante em que José gusto veio da URSS com u equipa de juniores que par eufórica e regressava b tante combalida no seu so e, depois, com a tardia trada no lote de «reclusos» um António Morais mesmo já bom da inoport dor de dentes, estava de m completamente ferido pera a atitude do executivo port de não o promover a técn principal (após uma tem rada repleta de êxitos) e, contrário, lhe fechava na as portas das Antas, a mes entrada que ele dias a flanqueara como grande nhor nunca poderia resulta influxo moral propicio a contaminação dos rapaze camisola azul-branca nesse golpe de derrube a rais, perderam uma banc na selecção, ficando con destinos do favoritismo e gues exclusivamente aos acessores de Cabrita (To José Augusto), mal Ant Morais foi marginalizado clube que ajudara em sab sas vitórias.

Imaginou-se que, para fesa do próprio nome, M já nem acompanhass turma no passeio ao Lux burgo: mas, esse foi o se gundo erro. O jovem trein que guarda a José Maria droto uma reverência e respeito que muito honra sua personalidade, ao rec continuar como adjunto d qualquer companheiro fosse recrutado para as caía no paradoxo de se meter, ao serviço da sele nacional, ao veredicto ideias tácticas de um tri rato de companheiros: e foi (certamente) a arma que Jorge Nuno Pint Costa esgrimiu perante mais executivo do clube Antas para demonstrar coerência do homem que fiara o bolo de futebolist bela jornada da Basileia

No Luxemburgo, sem quer posição oficialment finida, ainda teoricament para emigrante ver) o

Volta a França

Enquant

O holandês Adrie Va Poel conquistou ontem a c la amarela na Volta à Fran bicicleta, ao classificar-se ceiro lugar na quarta etap putada entre Valenciennes hune.

O vencedor da etapa, o Ferdie Van Der Hauten, p reu os 83 quilómetros do pe em 2 horas, 19 minutos,

DESPORTO

A verdade autêntica sobre a selecção de futebol no Europeu (2)

Mensagem para José Torres: ou reflexão sobre o passado mais recente

Realmente, os «heróis» que vão permanecer na história serão os jogadores, porque lhes pertenceu a tarefa, tantas vezes estranhamente difícil, de desbloquearem os compartimentos estanques em que habitavam vários membros da «entourage» federativa, em número demasiado para poderem (no tempo e no espaço de um longo período de convivência) manter um ajustado clima de calma, serenidade e reflexão.

Chalana, Jordão, Sousa, Frasco, Jaime Pacheco e Gomes. eles estiveram nos olhares de empresarios e dirigentes do melhor futebol do mundo.

Sabe-se, portanto, que nunca os quatro técnicos tiveram um vector comum, para além (evidentemente) de cada um à sua maneira procurar que o «team» português atingisse a vitória em cada exame. A clivagem, aguçada a partir do instante em que José Augusto veio da URSS com uma equipa de juniores que partira eufórica e regressava bastante combalida no seu sonho e, depois, com a tardia entrada no lote de «reclusos» de um António Morais que, mesmo já bom da inoportuna dor de dentes, estava de moral completamente ferido perante a atitude do executivo portista de não o promover a técnico principal (após uma temporada repleta de êxitos) e, pelo contrário, lhe fechava na cara as portas das Antas, a mesma entrada que ele dias antes flanqueara como grande senhor nunca poderia resultar no influxo moral propicio a uma contaminação dos rapazes da camisola azul-branca que, nesse golpe de derrube a Morais, perderam uma bandeira na selecção, ficando com os destinos do favoritismo entregues exclusivamente aos dois acessores de Cabrita (Toni e José Augusto), mal António Morais foi marginalizado pelo clube que ajudara em saborosas vitórias.

Imaginou-se que, para defesa do próprio nome, Morais já nem acompanhasse a turma no passeio ao Luxemburgo: mas, esse foi o seu segundo erro. O jovem treinador que guarda a José Maria Pedroto uma reverência e um respeito que muito honram a sua personalidade, ao recusar continuar como adjunto de um qualquer companheiro que fosse recrutado para as Antas cala no paradoxo de se submeter, ao serviço da selecção nacional, ao veredicto e às ideias tácticas de um triunvirato de companheiros: e essa foi (certamente) a arma com que Jorge Nuno Pinto da Costa esgrimiu perante o demais executivo do clube das Antas para demonstrar a incoerência do homem que chefiara o bolo de futebolistas na bela jornada da Basileia.

●

No Luxemburgo, sem qualquer posição oficialmente definida, ainda teoricamente (ou para emigrante ver) o quadrunvirato técnico aparentando uma tímida solidez, logo ao primeiro treino se notou o que cada membro do corpo treinador se preparava para tomar a pulso: Cabrita, de apito em punho, comandava a sessão preparatória. Toni e José Augusto congeminavam com ele a formação de cada um dos conjuntos que iria fazer a antiga «peladinha» (agora denominada de «dinâmica») e António Morais ficava entregue à pequena tarefa de, junto a uma baliza, ir dando uns pontapés para o guarda-redes bissuplente Jorge não morrer de frio. Por outras palavras: logo ali, ao primeiro golpe de roleta, estavam três galos num poleiro e Morais no chão da capoeira.

Veio o jogo com o Luxemburgo: e foi tristíssimo de ver como, perante uma turma em que apenas figurava um jogador profissional, para mais sofrendo a baixa da sua melhor unidade, ainda não se tinha cumprido a dezena e meia de minutos, o grupo de Portugal teve momentos de (positivamente) andar aos papéis, valendo Diamantino para recolocar o moral nas tropas, combalidas perante o entusiasmo de um aglomerado de rapazes das mais diversas profissões que, de chuteiras nos pés, chegaram a colocar-nos em sentido.

●

Bem: poderá dizer-se que fora mais um treino, a continua procura de um «team», de uma opção. Mas o que não restava dúvida é que, desde a primeira hora de estada no remanso de Palmela sempre os responsáveis cogitaram (sem acertar) com a formação mais capaz de sair a terreiro com a camisola nacional, embora alguns dos jogadores convocados apenas ali estivessem por devaneio de algum capricho, uma vez que poucas credenciais possuiam para tentar discutir com os maiorais uma chamada de alta instância. Como (aliás) se viu e bem devem ter notado uma fatia dos simples excursionistas que andaram equipados a rigor na linha lateral dos estádios franceses. E foi isso que doeu a quem estava de longe: sem censurar quem quer que seja (certamente agindo de boa-fé ou por força de vento favorável às suas predilecções) fica como mácula deste quadrunvirato técnico o ostracismo a que foram votados jovens como Frederico e Jorge Silva, Dito e Nunes, Mário Jorge e Futre, Mendes e Jaime Magalhães, e José Luís, já para não dizer que foi risível o afastamento de «craques» como Pietra e Shéu, João Alves e Oliveira que, naqueles instantes marselheses, em que seria (sobretudo) necessária astúcia e engenho, arte e sapiência para segurar a bola e não a deixar resvalar para o exército contrário, tinham a grande palavra da decisão: e, sem dúvida, a passagem à final assegurada pela habilidade com que poderiam «carimbar» um jogo que estava na nossa mão e só a inexperiência demasiado fogosa de um lote de jovens impediu que se transformasse na catapultagem de Portugal até um Parque dos Príncipes, onde depois a moldura dos nossos emigrantes funcionaria como apaixoante décimo segundo e invicto jogador.

Porém, manda a verdade que se diga que, em Estrasburgo, apenas com um sacrificado ponta-de-lança e com excesso de cuidados defensivos, Portugal mostrou que queria (acima de tudo) manter as suas redes como o véu de uma noiva. Perdeu-se a oportunidade sublime de um belo KO na ponta do queixo dos germânicos, de um «team» completamente reduzido a cisco por uma avalanche de tantas divergências internas que a Derwall já só faltava colocar a gravata na mala para confessar que tinha a bagagem toda preparada para o adeus. Como sucederia, depois daquele tremendo erro de ir na conversa de Rummenigge, que queria copiar Michel Platini como vedeta do meio-campo (quando o mestre alemão terá sempre de ser um esquerdino na vanguarda e, desprezando o terreno em que é rei para descer ao povoado, transforma-se num jogador mais que vulgar). Uma espécie de sombra de si próprio.

●

Aqui, por parte de Fernando Cabrita e seus colegas não surgiu a menor parcela de ambição: resguardar o zero-zero era a meta mais ousada. E por aí se ficaram os «Patrícios», sem possibilidade de qualquer aventura até às malhas contrárias porque isso não estava autorizado na rota escrita pelos vários comandantes do navio. E, todavia, ficou em toda a arquibancada a firme ideia de que bastaria ter arriscado um centavo mais na dianteira para outro galo nos sorrir e a Alemanha Federal, provando o mau momento do seu futebol a nível de selecção, logo ali enterrar um machado de guerra feito de cartolina colorida.

No Parque dos Príncipes, França e Dinamarca tinham dado o grande lamiré do campeonato: é a atacar que se conseguem os triunfos. Em Lens, também esse foi o espelho do Bélgica-Jugoslávia que fez estilhaçar os rapazes que, no Jamor como em La Linea, nos dois prévios embates particulares com os senhores da Ibéria, pareciam capazes de vincar figura no Europeu: e, afinal, mal encontraram pela frente «onzes» praticando futebol solto e eficiente, adeus minhas encomendas. Quando, em St. Etienne, saíram para o palco espanhóis e romenos, logo se viu que qualquer das formações estava perfeitamente ao alcance de Portugal desde que, uma vez por todas, tivéssemos uma selecção já designada, sem andarmos na crista da onda da opção matinal, da mudança à hora do almoço, da última e diferente escalação já no autocarro que deslizava para o estádio. Foi por isso, pela instabilidade nervosa em que se debateram vários jogadores com perfeito lugar no «team» absoluto mas que vogavam na permanente incerteza, que se desmantelou aquele que poderia ser o autêntico «espírito da selecção», apenas reconstituido dentro do campo e por mérito e brio dos nossos atletas, realmente homens e profissionais que honram os seus nomes e estão acima de qualquer dúvida quando se trata de aferir do modo como se comportaram em defesa da camisola das quinas. Colocados (alguns deles) em lugares desconhecidos nas suas carreiras, entregues a trabalhos que não lembrariam ao diabo, sujeitos a esquemas tacticos que de antemão pareciam condenados ao mais rotundo fracasso, souberam, em esmagadora maioria, suplantar as fraquezas ou as improvisações com a força real da sua classe: e, por alguma razão, Chalana e Jordão, Sousa e Frasco, Jaime Pacheco e Gomes estiveram sempre no ponto de mira de empresários e dirigentes dos melhores círculos do futebol

●

É isso: possuímos excelente matéria-prima, do melhor pé de obra mundial. Mas, em contrapartida, em matéria táctica como no capitulo de preparação psicológica continuamos a deixar muito a desejar, cada vez mais longe do ideal porque José Maria Pedroto se afasta velozmente do lugar que preencheu com rara carisma, porque Quinito e Mario Lino, Manuel de Oliveira e Manuel José, Carolino e Calixto, Octávio e Artur Jorge, ao próprio novo homem forte (José Torres) ainda não foram concedidas as condições para o salto final até ao comando da selecção. Porém, com a promoção de Toni dentro do Sport Lisboa e Benfica e a escolha de José Torres, do velho «magriço» para encabeçar o «onze de todos nós», pode ser que a lição europeia concluída em França, ainda com muito por contar, não caia em saco roto. Ao menos para que os vindouros possam, na serena análise de factos e incidências, definir (mais dia, menos dia) a verdadeira função da Comunicação Social não enfeudada a qualquer símbolo ou público específico mas que, com olhos na cara e cabeça erguida, nota os erros e aplaude as virtudes

É já hora de saudar a chegada de José Torres ao ponto mais elevado de uma carreira feita a pulso e sem vaidades. Oxalá não seja mais um nome grande a tombar na voragem. E, entretanto, permita-se que afloremos amanhã o comportamento pessoal de cada «patrício» na jornada que poderia ser de glória e acabou por passar ao lado do Arco do Triunfo

Neves de Sousa enviado especial

Volta a França

Enquanto camisola muda Sporting sobe um "degrau"

O holandês Adrie Van Der Poel conquistou ontem a camisola amarela na Volta à França em bicicleta, ao classificar-se em terceiro lugar na quarta etapa, disputada entre Valenciennes e Bethune.

O vencedor da etapa, o belga Ferdie Van Der Hauten, percorreu os 83 quilómetros do percurso em 2 horas, 19 minutos, 03 segundos, à média horária de 35,814 quilómetros.

Classificação da etapa: 1.º Ferdie Van Der Hauten, (Bélgica), 2 h 19 m 03 s; 2.º Noel de Jonckeere, (Bélgica), 2.20,05; 3.º Adrie Van Der Poel, (Holanda), mt; 4.º Erik Vanderaerden, (Bélgica), mt; 5.º Franck Hoste, (Bélgica), mt; 6.º Jean-François Rault, (França), mt; 7.º Leo Van Vliet, (Holanda), mt; 8.º Jean-Philippe Van Den Brande, (Bélgica), mt; 9.º Phil Anderson, (Austrália), mt e 10.º Francis Castaing, (França), mt

Paulo Ferreira no 12.º lugar

Paulo Ferreira foi o português melhor classificado nesta quarta etapa ao conseguir o décimo segundo lugar a 1,02 minutos do vencedor, e os restantes obtiveram as seguintes posições: 14.º, Patrice Thevenard (Sporting), m.t.; 82.º Michel Charreard (Sporting), mt.; 121.º, Alain Dithurbide (Sporting), m.t.; 127.º, Marco Chagas (Sporting), m.t.; 140.º, Manuel Zeferino (Sporting), m.t.; 155.º, Carlos Marta (Sporting), m.t.; 156.º, José Xavier (Sporting), m.t.; 164.º, Benedito Ferreira (Sporting), 2.21.47.

Geral individual: 1.º, Van der Poel (Hol), 13.58.11; 2.º, Phil Anderson (Austrália), a 8 s; 3.º, Jacques Hanegraaf (Hol), a 9; 4.º, Marc Madiot (Fr.), a 13; 5.º, Ludo Peeters (Bel), a 18; 133.º, Patrice Thevenard (Sporting), a 3.33; 135.º, Marco Chagas (Sporting), a 3.34; 139.º, Carlos Marta (Sporting), a 3.35; 142.º, Alain Dithurbide (Sporting), a 3.38; 143.º, Eduardo Correia (Sporting), a 3.39; 146.º, José Xavier (Sporting), a 3.43; 150.º, Manuel Zeferino (Sporting), a 3.50; 151.º, Paulo Ferreira (Sporting), a 3.52; 167.º, Benedito Ferreira (Sporting), a 5.37.

Corre-se, hoje, a quinta etapa, entre Bethune e Cergy Pontoise (207 quilómetros).

---

vil
gência"

tese geral. O saldo mais desfavorável verificou-se no sector das máquinas e materiais para a agricultura, comércio e indústria.

Material eléctrico também

O sector de material eléctrico e electrónico atravessa uma situação de quebra global de actividade, sem que as perspectivas imediatas indiquem uma melhoria das condições actuais, segundo um inquérito de conjuntura agora divulgado.

A situaçao no primeiro trimestre, de 1984 é praticamente idêntica à registada em fins do ano passado e caracteriza-se por uma grande retracção da procura interna e subutilização da capacidade produtiva instalada.

Os resultados do inquérito, agora publicados no boletim da Associação Nacional dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico, salientam que a «quebra sensível» no nível da actividade orientada para o mercado interno tem como principais causas a «grande redução da procura e deterioração do poder de compra».

Os resultados revelam que 85 por cento das empresas laboram no primeiro trimestre de 1984 abaixo dos níveis desejáveis, havendo ramos de actividade em que o subaproveitamento atinge os 25 por cento.

ainda
dos"

fixar a data de 30 de Setembro pra a conclusão das negociações da adesão portuguesa e espanhola à CEE.

«Encontramo-nos animados de uma nova esperança, que o atraso inexplicável de sete anos tinha quase eliminado» – disse.

Ajuda de pré-adesão

A Comissão Europeia propôs aos estados membros conceder a Portugal uma ajuda pré-adesão de 40 milhões de dólares, para melhorar as estruturas agrícolas e pesqueira. Anunciou ontem um porta-voz da Comunidade, em Bruxelas.

A proposta estabelece que a CEE financiará, com estes fundos, até 50 por cento dos programas de modernização desses dois sectores previstos pelo Governo português.

A contribuição comunitária, a fundo perdido, poderá no entanto alcançar cerca de 65 por cento do custo de cada projecto, em casos excepcionais – informou ainda o porta-voz.

40%

ram apenas 3169, o que representa uma quebra de menos 46 por cento, em relação às previsões

«SG-Pack» sobe finalmente

O «SG» gigante em embalagem dura, mais conhecido por «SG-Pack», tem finalmente o seu preço actualizado, que passa para 85 escudos o maço.

O preço deste tipo de tabaco não tinha sido actualizado em Abril deste ano por lapso reconhecido pelo despacho hoje publicado em «Diário da República».

Por esse motivo o «SG-Pack» tinha desaparecido já há bastante tempo do mercado.

DESPORTO

Aconteceu em Estocolmo

Fernando Mamede atinge a meta da glória

Impressionante. O grande atleta português FERNANDO MAMEDE após ter batido por duas vezes o recorde europeu dos 10000 metros sagrou-se, ontem, em Estocolmo, recordista mundial. Feito notável que fica a constituir mais um marco de orgulho do nosso atletismo. Saúde-se igualmente Carlos Lopes que fez uma prova extraordinária batendo também o record que desde Junho de 1978 pertencia ao queniano Henry Rono. Mamede e Lopes dois atletas de valor singular. Duas grandes certezas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Fadiga, regozijo e emoção trilogia bem marcada no rosto dos dois extraordinários atletas após o cometimento dum feito histórico

Mamede conseguiu aos 32 anos uma proeza que ambicionava há três anos: tornar-se recordista mundial dos 10000 metros, depois de por duas vezes ter batido o recorde da Europa da distância

O atleta sportinguista bateu a anterior marca que pertencia a Henry Rono com 27.22,4 minutos desde 1978 numa corrida em que esteve, aparentemente, derrotado.

Aos sete quilómetros, Lopes assumiu o comando da prova e em cada volta ia aumentando o seu avanço. Mas Mamede recuperou essa desvantagem na parte final e a duas voltas do fim ultrapassou Lopes para se isolar e ganhar destacado com cerca de 30 metros de vantagem.

Lopes, por seu lado, ao cortar a meta no tempo de 27.17,48 minutos também bateu o anterior recorde mundial, sendo agora os dois portugueses os melhores de sempre nos 10000 metros

Mamede, que era o recordista europeu com 27.22,95 minutos desde 9 de Julho de 1982, foi o primeiro atleta no Mundo a baixar a barreira dos 27.15 minutos, sendo este resultado um dos mais pontuados pelas tabelas internacionais

Classificação

1. Fernando Mamede, Portugal, 27.13.81 minutos; 2. Carlos Lopes, Portugal, 27, 17.48; 3. Mark Nemow, EUA, 27.40.56; 4. Gianni Di Maddona, Itália, 28.04.60; 5. Salvatore Nicosia, Itália, 28.05.35; 6. Seppo Liuttu, Finlândia, 28.06.59; 7. Mohamed Ali Chouri, Tunísia, 28.07.24; 8. Gary Bjorklund, USA, 28.07.32; 9. Mats Erixon, Suécia, 28.07.49; 10. Pierre Levisse, França, 28.08.11; 12. José Sena, Portugal, 28.17.83; 13. Luís Horta, Portugal, 28.18.13; 18. Rafael Marques, Portugal, 29.30.96

Melhor Palmarés

Fernando Mamede é o único atleta no Mundo que fez quatro corridas abaixo dos 27.30 minutos nos 10.000 metros, sendo, de longe, o melhor no Palmarés nesta distância.

Mamede possui quatro marcas com menos de 27.30 minutos e outras quatro com menos de 27.38 minutos.

A lista das suas melhores marcas é a seguinte:
27.13.81 (1.º) Estocolmo 2.7.84; 27.22.95 (1.º) Paris 9.7.82; 27.25.13 ((2.º) Oslo 9.7.83; 27 27.7 (1.º) Alvalade 30.5.81; 27.32.85 (1.º) Paris 29.5.82; 27.36.80 (1.º) Lausana 30.6.83; 27.37.88 (2º) Paris 17.7.80.

Presidente Eanes felicita Mamede

O Presidente da República, Ramalho Eanes, ao tomar conhecimento do notável feito desportivo de Fernando Mamede, remeteu, esta manhã, um telegrama com a seguinte mensagem de felicitações: «Ao tomar conhecimento da proeza que cometeu ao bater o recorde mundial em Estocolmo numa distância em que é um dos especialistas portugueses mais meritórios, quero felicitá-lo palo feito e pela forma como mais uma vez soube levantar bem alto o nome de Portugal além-fronteiras.

Estas felicitações são também extensivas ao seu companheiro de clube Carlos Lopes que, como o Fernando Mamede, é um dos expoentes máximos do atletismo português e internacional.»

Telegrama para João Rocha

Ao mesmo tempo o General Ramalho Eanes endereçou a seguinte mensagem ao presidente do Sporting Clube de Portugal, João Rocha:

«Quero felicitá-lo pelo facto de dois atletas do clube a cujos destinos V. Ex.ª, preside terem batido o primeiro recorde mundial na história do atletismo português na sequência dos muitos e valorosos resultados que tem conseguido ao longo das suas carreiras de atletas.»

Nos últimos 20 anos foi assim

27.39,4 Ron Clarke (Austrália) 14.7.65 Oslo; 27.38,4 Lasse Viren (Finlândia) 3.9.72 Munique; 27.30,8 Dave Bedford (Grã Bretanha); 13.7.73 Londres; 27.30,5 Samson Kimobwa (Quénia) 30.6.77 Helsínquia; 27.22,5 Henry Rono (Quénia) 11.6.78 Viena; 27.13.81 Fernando Mamede (Portugal) 2.7.84 Estocolmo.

Recompensa ao meu trabalho

Mamede, após afirmar que se sente «feliz» por ter batido o recorde do Mundo, acrescentou que «o recorde constitui uma recompensa ao meu trabalho e ao trabalho do professor Moniz Pereira».

«Em grande parte o recorde estabelecido segunda-feira em Estocolmo deve-se também ao Carlos Lopes que impôs um andamento extremamente forte nas últimas sete voltas da corrida» – disse.

O novo recordista mundial dos 10 mil metros disse ainda que por esta ter sido a sua primeira corrida na distância, esta época, «não esperava bater o recorde do Mundo, pois ainda não me encontro no meu melhor».

Em relação aos Jogos Olímpicos Mamede afirmou, interrogado sobre as suas possibilidades em ganhar uma medalha que «o meu nome ainda não está inscrito na medalha».

«Os Jogos Olímpicos são uma competição totalmente diferente destes 'meetings' e os atletas lutam única e exclusivamente para conquistarem uma medalha», prosseguiu.

Fernando Mamede salientou igualmente que está agora a preparar-se «física e psicologicamente para tentar ganhar uma medalha nas Olimpíadas de Los Angeles».

Sobre as próximas provas que vai disputar, Mamede indicou que até ao início dos Jogos Olímpicos não correrá mais nenhuma prova de 10 mil metros, disputando apenas a corrida dos 1500 metros nos Campeonatos Nacionais. «Uma prova de 10 mil metros não se pode correr todos os dias», concluiu.

Telegrama de Miranda Calha

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, enviou um telegrama de felicitações a Fernando Mamede, pelo recorde mundial dos 10.000 metros obtido pelo atleta português, em Estocolmo.

O secretrio de Estado, que felicita Mamede «em nome do Governo e do seu próprio pelo excelente resultado obtido», considera que «o recorde do mundo alcançado prestigia a sua carreira de grande atleta e honra o desporto nacional».

●

Rosa Mota melhora «marca»

A atleta nortenha Rosa Mota classificou-se em quarto lugar na prova de 3000 metros do «meeting» de Estocolmo com a sua melhor marca pessoal, gastando o tempo de 8.53,84 minutos.

Classificação da prova:

1.ª Cornelia Buerki, Suíça (8.45,24); 2ª Katalin Szalai, Hungria (8.51,50); 3.ª Agnese Possamai, Itália (8.51,51); 4.ª Rosa Mota, Portugal (8.53,84) e 5.ª Eva Ernstroem, Suécia (8.57,95).

Humberto Sequeira classificou-se em segundo lugar na série B dos 1500 mertros com o tempo de 3.43,37 minutos, sendo batido pelo tunisino Mohammed Henchiri.

Máximos

O nadador norte-americano Pablo Morales bateu o recorde do mundo dos 100 metros mariposa, com 53,38 segundos.

O máximo foi obtido durante as provas norte-americanas de selecção olímpica e melhorou o anterior recorde de 53,44 segundos, conseguido em 6 de Agosto de 1983 pelo também norte-americano Mat Gribble.

O búlgaro Dobri Dinev estabeleceu a melhor marca mundial dos 40 quilómeros, em estilo mariposa, em 16 horas, 33,10 minutos. Dinev, operário do porto de Varna, cobriu aquela distância com 14.400 braçadas numa piscina de 50 metros.

A soviética Olga Bondarenko estabeleceu novo máximo mundial feminino dos 10 000 metros, com o tempo de 31.13,78.

O recorde anterior estava na posse da soviética Raisa Sareidinova, com 31.27,58, desde 7 de Setembro de 1983.

●

O norte-americano John Moffet superou o mundial dos 100 metros-bruços em um minuto, dois segundos e 13 centésimos. O máximo anterior pertencia ao seu compatriota Setev Lundquist desde 17 de Agosto de 1983, com 1.02 28

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS ANÚNCIO

Proc n.º 127/84

No dia 17 de Julho de 1984, pelas 14,30 horas, no Tribunal desta Comarca — 3.º Juízo — 2.ª secção, nos autos de carta precatória vinda do 6.º Juízo Cível da Comarca do Porto e extraída da execução sumária n.º 475/81 da 3.ª secção que Carioca e Lapas, Ld.ª com sede em Vila Nova de Gaia move contra Socolouças, Ld.ª com sede no Dafundo-Oeiras, há-de ser posta em praça para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina de contabilidade marca Adler TA-10 eléctrica.

Oeiras, 26 de Junho de 1984

O Juiz de Direito
(Luís Flores Ribeiro)

O escrivão de Direito
(Joaquim Matoso Carreta

D L. 3/7/84 — 1.º Pub.

Confirmado

Jaime Pacheco no Sporting por 1300 contos mensais

«Não podia desperdiçar esta oportunidade de garantir o meu futuro. Vou para o Sporting ganhar o dobro do que ganhava no Porto. A vida de um futebolista é curta e não dá para esbanjar oportunidades destas.» Foi assim, com esta franqueza, que Jaime Pacheco, um dos «Patrícios» e considerado como o «principal motor da equipa do FC Porto que chegou à final da Taça das Taças», justificou a sua saída das Antas para Alvalade.

Jaime Pacheco, que tinha ainda mais uma época para cumprir ao serviço dos «azuis e brancos», explicou, com a mesma franqueza, como vai proceder para resolver esse «problema»: **«Assinei um compromisso com o Sporting por dois anos que vou cumprir, independemente de o meu contrato com o FC Porto só terminar para o ano. Acontece que já apresentei a minha rescisão por escrito, alegando falta de cumprimento do contrato por parte do FC Porto. Já dei ordens ao meu advogado para tratar do respectivo processo».**

Sem entrar em grandes pormenores, Jaime Pacheco explicou ainda: **«Saio do Porto consciente de que foi aqui que adquiri a projecção que me guindou ao topo do futebol nacional e que, inclusivamente, motivou o interesse de um clube italiano, no caso concreto, o Como (dos arredores de Milão). Quero no entanto que os associados do Porto fiquem a saber que não fui, nem serei intermediário de ninguém para sair do clube».** Jaime Pacheco referia-se às informações (acusações), segundo as quais seria o responsável pela saída de mais dois «Patrícios» — Sousa e João Pinto — das Antas para Alvalade. **«Todos os que me conhecem sabem bem que eu seria incapaz de fazer uma coisa dessas»**, acrescenta Jaime Pacheco.

Entretanto, o «DL» está em condições de garantir que Jaime Pacheco vai ganhar no Sporting um ordenado que deverá rondar os 1300 contos mensais.

No FC do Porto

Artur Jorge já trabalha Pedroto como conselheiro

Agora é facto assente: Artur Jorge é o técnico do FC Porto para a próxima época e terá como adjuntos Octávio e o professor João Mota. Ontem à noite, Artur Jorge esteve reunido com a direcção portista a quem terá exposto os seus pontos de vista e, designadamente, os seus projectos quanto a dispensas e aquisições.

Entretanto, sabe-se que Pedroto permanecerá, por mais algum tempo, ligado ao clube, a título gracioso e com funções de conselheiro. Recorde-se que entre Pedroto e Artur Jorge existe uma amizade de muitos anos. Amizade forjada quando Artur Jorge despontava para o futebol pela mão do conhecido técnico.

Instado pelos jornalistas, o novo responsável pelo futebol portista afirmou: **«Comecei a minha carreira de futebolista no FC Porto, clube do qual fui sócio durante muitos anos. Por isso, sinto que estou em casa, embora consciente das dificuldades que vão surgir pelo caminho e que procurarei ultrapassar com a ajuda daqueles que em mim confiaram e dos elementos que vão integrar a equipa técnica. Julgo que vai ser uma experiência com grandes riscos, mas ao mesmo tempo excitante e extremamente aliciante».**

Artur Jorge referiu ainda que, para já, havia estabelecido apenas um contacto com os dirigentes portistas e que, a partir de agora, ia elaborar o seu programa de trabalho por forma a que tudo seja resolvido «a tempo e horas».

Futebol: sorteio do "Nacional"

Benfica em Vizela na jornada inaugural

Com a presença dos represenantes dos dezasseis clubes intervenientes no próximo campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão, realizou-se, ontem, o sorteio dos 240 jogos que completarão a grande maratona futebolística que terá o seu início no próximo dia 26 de Agosto e terminará em 2 de Junho de 1985.

A primeira jornada comporta os seguintes encontros:

Porto-Rio Ave, Braga-Boavista, Vizela-Benfica, Belenenses-V. Setúbal, Sorting-Guimarães, Penafiel-Ac. Coimbra, Varzim-Farense e Portimonense-Salgueiros.

Benfica, nas Antas no dia 16 de Setembro

Na terceira jornada o Benfica visitará o Estádio das Antas para defrontar o F.C. do Porto como primeiro embate entre dois candidatos tradicionais à conquista do título, enquanto em 25 de Novembro (11.ª jornada) será a vez do Sporting ir até à cidade Invicta. Significa isto que o F.C. do Porto será visitado pelos seus mais directos competidores na primeira volta do campeonato. O grande «derby» entre águias e leões e tendo como cenário o Estádio Alvalade marcará a penúltima jornada.

Mariano Amaro vai ter homenagem

Ao comemorar três anos da sua criação, o grupo «Os Mil», afecto ao Clube de Futebol «Os Belenenses», a cuja comissão preside **ACÁCIO ROSA** uma das mais prestigiadas e respeitadas figuras do grande clube nascido a ocidente de Lisboa em 23 de Setembro de 1919 e da qual fazem parte Ana Linheiro, Manuel Sérgio, Henrique Capote, Mário Graciano Miguel, Luís Nobre Guedes, Rómulo Trindade e João Pereira Almeida Júnior, vai homenagear o grande «capitão» da equipa que em 1945 conquistou o título nacional da 1.ª divisão. Seu nome: **MARIANO AMARO.** A sessão terá lugar no restaurante Varanda do Rio (Gare Marítima de Alcântara) na próxima sexta-feira pelas 20 horas e serão entregues 12 prémios «Amaros» a atletas, dirigentes, técnicos e ao devotado massagista João Silva.

Como convidados estarão presentes ao jantar os antigos «violinos» Jesus Correia, Vasques, Travassos e Albano.

A histór

«ELES NÃO USAM
Guarnieri. Adaptação: Ter
Paulo. Cenografia: Jorge
tente de encenação: Emília
Paulo, Fernanda Gonçalve
Silvestre, Mário Sancho, Isa
José Moreira, Maria Miranc
mental do Porto. Estúdio T

Uma vista de olhos pelo tea
ocidental escrito ou/e represe
tado levará inevitavelmente
esta conclusão: os conflitos e
protagonistas das classes q
fazem avançar a História est
ausentes dos textos e dos p
cos. Se se considerar que es
linguagem não serve, po
usar-se outra menos rigoro
não surgem nos espectáculos
teatro nem personagens c
meios trabalhadores, em esp
cial operários, nem os confli
que se levantam nas relaçõ
entre os que trabalham e os q
mandam. Na realidade, o teat
em particular, a arte, em ge
evacuaram, se porventura ex
tiam, quaisquer vestígios d
conflitos de classe, o que pare
demonstrar o domínio do p
cesso cultural pela burguesia
cariz intelectual, ou pela intel
tualidade burguesa, o que é
assim mesmo, com os riscos i
rentes.

E, no entanto, independen
mente de razões estritame
políticas, poder-se-á pensar
entre o proletariado e no c
fronto, que a todo o momento
estabelece, no seio da soc
dade em que aquele está in
rido, existem energias dignas
serem transformadas em tea
como acontece com perso
gens oriundas da burguesia
aristocracia, de que a históri
teatro está cheia.

Os factos são o que são e
realidade teatral em que e
mos inseridos é com eles
nos confrontamos: no palco
tuguês, como no palco ocide

A vez d

«REIS COXOS», de
lando Neves e Manuel Co
Cenário e Figurinos: Jo
nuel Coelho, Carlos Pime
lho, Lúcia, Maria, Maria A
«Autores de Gaveta». **Sa**
nal D. Maria II. 6.84.

O segundo autor de gaveta
ciclo promovido pelo Teatro
cional D. Maria II, na Sala Ex
rimental, é um dos menos re
sentados, mas não dos me
interessantes, dos dramatu
portugueses vivos: Prista M
teiro.

Com a nossa reconhe
tendência para a catalogaçã
uma autocrítica), começá
logo por meter Prista Monteir
gaveta do teatro de absu
onde ficou a repousar depoi
uma dupla estreia da sua
em um acto «A Rabeca»,
meiro pelo CITAC, com enc
ção de Luís de Lima (1961)
pois pelo TEL, encenação
Luzia Maria Martins (com
Meio da Ponte» e «Anfiteat
em 1963. Pelo mesmo ano
Prista Monteiro por três v
proibida uma outra peça em
acto, «A Bengala», que suc
vamente Luís de Lima,
Ramos e Luzia Maria Ma
tentaram pôr em cena. A
disso, escrevera «O Fim
Imortais» (1959), e depois
guedo do Rei Coxo» (1961
Colete de Xadrez» (1963)
Candidato» (1972), «Os F
tos» (1977), «O Fio» (1978
Caixa» (1979), «O Mito» (1
«Naturalmente Sempre», a
por editar.

Apesar dos êxitos ob
pelas suas primeiras peça
em 1981 verá Prista Mo
uma outra peça em palc

crítica de teatro

CARLOS PORTO

A história passa por aqui

«ELES NÃO USAM SMOKING», de Gianfrancesco Guarnieri. Adaptação: Teresa Paulo. Encenação: Rogério Paulo. Cenografia: Jorge Pinto. Coreografia: Sónia. Assistente de encenação: Emília Silvestre. Interpretação: Rogério Paulo, Fernanda Gonçalves, José Pinto, Jorge Pinto, Emília Silvestre, Mário Sancho, Isaura de Melo, Xosé Maria Estraviz, José Moreira, Maria Miranda, Delmar Tangas. Teatro Experimental do Porto. Estúdio TEP. 6. 1984.

Uma vista de olhos pelo teatro ocidental escrito ou/e representado levará inevitavelmente a esta conclusão: os conflitos e os protagonistas das classes que fazem avançar a História estão ausentes dos textos e dos palcos. Se se considerar que esta linguagem não serve, pode usar-se outra menos rigorosa: não surgem nos espectáculos de teatro nem personagens dos meios trabalhadores, em especial operários, nem os conflitos que se levantam nas relações entre os que trabalham e os que mandam. Na realidade, o teatro, em particular, a arte, em geral, evacuaram, se porventura existiam, quaisquer vestígios dos conflitos de classe, o que parece demonstrar o domínio do processo cultural pela burguesia de cariz intelectual, ou pela intelectualidade burguesa, o que é dito assim mesmo, com os riscos inerentes.

E, no entanto, independentemente de razões estritamente políticas, poder-se-á pensar que entre o proletariado e no confronto, que a todo o momento se estabelece, no seio da sociedade em que aquele está inserido, existem energias dignas de serem transformadas em teatro, como acontece com personagens oriundas da burguesia, da aristocracia, de que a história do teatro está cheia.

Os factos são o que são e na realidade teatral em que estamos inseridos é com eles que nos confrontamos: no palco português, como no palco ocidental, o operário é uma personagem tão rara que dir-se-ia não existir. Dir-se-ia não existir nem no teatro nem na vida. Por isso uma peça que fale, em português, de uma problemática que tem a ver com um quotidiano social, humano e político em que operários e os conflitos que vivem constituem o seu ponto nuclear, é um acontecimento.

«Eles não usam black-tie», título brasileiro, e «Eles não usam smoking», título do espectáculo português, reflectem desde logo uma dada situação. A palavra que nos dois casos exprime o sentido cerimonioso do fato (black-tie, smoking) é uma palavra intraduzível, o que parece bem significativo dessa situação.

A peça de Gianfrancesco Guarnieri é uma obra de importância histórica no teatro brasileiro pois faz parte, com enorme sucesso, de um dos mais importantes movimentos dramáticos brasileiros, que teve como epicentro o grupo Arena, de que Augusto Boal e Guarnieri, precisamente, foram os fundadores e grandes animadores. Isto nos anos 50, quando o teatro brasileiro assumia uma posição revolucionária, tanto sob o ponto de vista político como estético.

A peça de Guarnieri põe em cena um conflito familiar que tem no entanto, uma vertente social e política que a distingue de outras peças que têm na família a sua estrutura conflitual. De um lado, o pai, Octávio, operário e dirigente sindical que como tal se assume com orgulho; do outro, o filho, Tião, que não aceita o posicionamento do pai, pois, para ele, ser operário não é uma condição de classe mas uma forma de aviltamento a que se quer furtar para poder ter uma outra vida (naturalmente burguesa através de uma filosofia consumista). Do lado de Octávio, Romana, a velha companheira, que se vai consciencializando através não só da luta do marido e dos outros operários como das próprias circunstâncias económicas em que vive; e do lado de Tião, a noiva, Maria, que procura entender as razões de uns e de outros. Bráculo, outro operário, faz parte do tecido social em que a peça se desenvolve. O conflito (uma greve e consequente repressão policial) repercute-se nos conflitos familiares que, de certo modo, também repercute. É a hora da opção decisiva: ou se é a favor ou se é contra, pai e filho estão de um e de outro lado. O conflito social e o conflito familiar fazem parte do mesmo tecido humano e histórico (teatral), são ao mesmo tempo a razão de ser da própria evolução histórica e do acto dramático.

Talvez se possa pensar que o conflito proposto o é em termos excessivamente esquemáticos e por isso empobrecedores de realidades que são muito mais ricas nas multividências em que explodem. Talvez se possa pensar que tanto as personagens positivas, os heróis, como as personagens negativas, bem como as situações dramáticas em que evoluem, não têm a espessura das pessoas reais que poderiam ter-lhes servido de modelo nem dos conflitos que estão na base da sua dinâmica. É possível que essa crítica seja justa. Mas, salvo erro, esse é o preço que se paga por aquilo que começámos por observar: a precariedade e a raridade da abordagem desta problemática em termos de teatro.

O espectaculo do TEP levanta alguns problemas que têm também a ver com o que ficou dito. Houve a tentativa de se fazer uma adaptação da peça, mas esta tentativa ficou a meio. As personagens continuam a ser brasileiras e continuam a pertencer a um determinado e tipificado espaço sociogeográfico: a favela. Isto implica um jogo de representação que dificilmente poderia ter correspondência tanto na encenação como na interpretação portuguesas. Teria sido possível, com os riscos inerentes, levar a adaptação até às últimas consequências, transformando a favela num bairro de latas, substituindo o samba pelo fado. A peça ganharia talvez em coerência e em autenticidade, e teria sido possível resolver melhor problemas como os do cenário que não parece capaz de levantar, como lhe competia, a estrutura significante que a peça exigia.

Compreende-se por isso a dificuldade em criar uma proposta como esta. As soluções apresentadas dificilmente poderiam superar as contradições inerentes ao próprio projecto, contradições que agravaram as debilidades da peça.

Pareceu-me melhor o trabalho do intérprete do protagonista (Rogério Paulo) que levou ao espectáculo as tensões que se cruzam na peça, as tornou concretas e assim as clarificou. Sabe-se que o elenco do TEP é neste momento bastante frágil e por isso incapaz de aguentar um texto e um espectáculo como estes que exigem actores capazes de suprir as suas próprias fragilidades e contradições. Se, para além do caso de Rogério Paulo, não se justifica qualquer destaque especial, não se pode deixar de assinalar a homogeneidade e a unidade conseguidas pelo encenador, e que bastam para dar ao espectáculo a dignidade que o justifica.

A vez de Prista Monteiro

«REIS COXOS», de Prista Monteiro. **Dramaturgia:** Orlando Neves e Manuel Coelho. **Encenação:** Manuel Coelho. **Cenário e Figurinos:** José Costa Reis. **Interpretação:** Manuel Coelho, Carlos Pimenta, António Banha, João de Carvalho, Lúcia, Maria, Maria Amélia Matta e Carlos Daniel. Ciclo «Autores de Gaveta». **Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II.** 6.84.

O segundo autor de gaveta do ciclo promovido pelo Teatro Nacional D. Maria II, na Sala Experimental, é um dos menos representados, mas não dos menos interessantes, dos dramaturgos portugueses vivos: Prista Monteiro.

Com a nossa reconhecida tendência para a catalogação (é uma autocrítica), começámos logo por meter Prista Monteiro na gaveta do teatro de absurdo, onde ficou a repousar depois de uma dupla estreia da sua peça em um acto «A Rabeca», primeiro pelo CITAC, com encenação de Luís de Lima (1961), depois pelo TEL, encenação de Luzia Maria Martins (com «O Meio da Ponte» e «Anfiteatro»), em 1963. Pelo mesmo ano, viu Prista Monteiro por três vezes proibida uma outra peça em um acto, «A Bengala», que sucessivamente Luís de Lima, Artur Ramos e Luzia Maria Martins tentaram pôr em cena. Antes disso, escrevera «O Fim dos Imortais» (1959), e depois «Folguedo do Rei Coxo» (1961), «O Colete de Xadrez» (1963), «O Candidato» (1972), «Os Faustos» (1977), «O Fio» (1978), «A Caixa» (1979), «O Mito» (1980), «Naturalmente Sempre», ambas por editar.

Apesar dos êxitos obtidos pelas suas primeiras peças, só em 1981 verá Prista Monteiro uma outra peça em palco, «O Fio», aliás, num espectaculo talhado do TEP.

Se na obra de Prista Monteiro há evidentes tentações absurdas, entre Ionesco e Beckett, sem esquecer Pinter, como se diz no programa, não se pode deixar de assinalar que o seu teatro aflora outras áreas, incluindo as do realismo, como em «A Caixa», a meu ver, a sua melhor peça, há muito a exigir o palco grande do Nacional.

Foi outro dos responsáveis por este espectáculo, em termos de comparação com o projecto referente a «Os Implacáveis», de Manuel Grangeio Crespo. Agora, em vez de um só texto, aliás truncado, optou-se pela montagem de vários textos, ou, como escreveu o encenador, por outras palavras, por uma viagem pelo teatro de Prista Monteiro tendo em conta um facto, julgado essencial, desse teatro. Com efeito, a dramaturgia deste espectáculo procurou a defesa de uma tese, a de que o teatro do autor é dominado pelo conflito do Pai. Trata-se de um ponto de vista discutível (inaceitável para Prista Monteiro) mas que nem por isso deixa de ser respeitável (1).

Os dramaturgistas (Orlando Neves e Manuel Coelho) utilizaram material de «O Folguedo do Rei Coxo», «Anfiteatro», «O Colete de Xadrez», «O Meio da Ponte» e «A Rabeca», que trabalharam de tal maneira que o espectáculo surge ao mesmo tempo fluído e coerente. Isto no que diz respeito à segunda parte, a mais longa e interessante, feita com base na peça «O Anfiteatro». A primeira parte, a meu ver menos interessante, é constituída por um excerto de «O Folguedo do Rei Coxo», e tanto em termos dramatúrgicos como em termos cénicos não me pareceu convincente apesar do bom trabalho com os elementos utilizados, em especial com a excelente caracterização das personagens como figuras de xadrez. É porém na segunda parte, que o projecto de Orlando Neves e Manuel Coelho se torna ao mesmo tempo coerente e eficaz. Mesmo se o ponto de partida, a tenda de circo, em que esta parte decorre, pode parecer pouco original e até pouco produtiva, na medida em que praticamente não funciona, o cenário é plasticamente conseguido.

O mais importante, contudo, é o bom trabalho dramatúrgico que consegue exprimir valores do universo do autor que se não o esgotam também não o traem, tazendo-o, como escrevi acima, com uma grande coerência interna e uma forte capacidade comunicativa. Se uma e outra reflectem, em primeiro lugar, a qualidade da própria obra, não se deve deixar de ter em conta o trabalho a que foram submetidos que sublinha devidamente essas potencialidades.

A este bom trabalho dramatúrgico correspondeu a encenação de Manuel Coelho que se revelou como capaz de dar ao entendimento do texto a transposição cénica que o torna transparente e valoriza os aspectos lúdicos da obra.

A isto, deve-se acrescentar uma boa direcção de actores, de tal maneira que é inevitável concluir existir no Nacional uma nova geração de intérpretes com que se pode contar, aqui apoiados por elementos exteriores à companhia. Se deles saliento o nome de Maria Amélia Matta é por ter visto neste trabalho uma demonstração mais do talento desta actriz. Aliás, os seus diálogos com Carlos Daniel constituiram momentos excepcionais na actividade criadora do Nacional.

Carta aberta

Continuação da pág. 3

tada a devida justiça. E mais uma vez o meu General será ultrapassado por um mau serviço prestado pelos seus conselheiros e directos colaboradores. Não duvide que lhe falamos com a tranquilidade de cidadãos que acreditam no funcionamento das instituições democráticas e na isenção dos seus julgamentos. Mas a decisão, apesar de tudo, ainda está ao alcance do seu despacho, de quem não pomos em causa a respectiva honorabilidade pessoal, conviamos ou não de acordo com alguns dos seus pontos de vista.

Os oficiais ex-milicianos aguardam serenamente a sua decisão e apostam na urgência que lhe irá atribuir. Para bem do prestígio e da unidade do Exército e do seu regular funcionamento.

Hoje

RTP1

Exibe-se hoje na RTP-1 o 1.º episódio da nova série intitulada «Q. E. D.»

18.02 **Notícias**
18.10 **«Candy, Candy»**
18.40 **Teleregiões** – a informação regional.
19.05 **A Guerra Civil de Espanha**
20.00 **Telejornal**
20.35 **«O Bem Amado»** – episódio n.º 52.
21.10 **«Q. E. D.»** – realizador: Don Sharp.
22.05 **Grande Informação** – «Aviões em jogo-desafio de gigantes».
23.00 Volta à França em Bicicleta – resumo da etapa do dia.
23.10 Últimas Notícias

Repete-se na RTP-2, o episódio transmitido ontem na RTP-1, da policial «A Balada de Hill Street»

RTP2

19.32 **Notícias**
19.40 **Desenhos Animados** – «Serafim, Agente Secreto».
20.05 **Portugal Romano**
20.35 **Adágio**
21.05 **Aves Migratórias** – «O Pombo Torquaz».
21.30 **«Guerra dos Sexos»** – episódio n.º 47.
22.15 **Jornal da Noite**
22.45 **«A Balada de Hill Street»** – repetição do episódio transmitido ontem na RTP-1.

Amanhã

RTP1

18.00: Notícias; **18.10**: «Conan, o Rapaz do Futuro»; **18.30**: Teleregiões; **19.00**: «O Barco do Amor»; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.10**: Cinema Lumiar – «O Maior Espectáculo do Mundo»; **23.45**: Últimas Notícias.

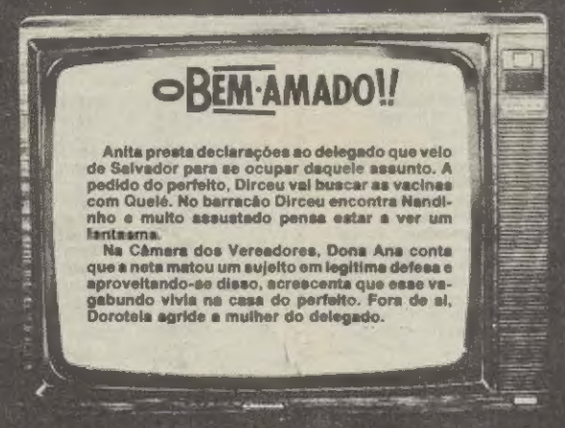
RTP2

19.30: Notícias; **19.40**: Desenhos Animados; **20.00**: Presença do Açores; **20.20**: Um Toque de.. Música; **20.45**: Estúdio Aberto; **21.30**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.45**: «Fama».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1
«Q. E. D.» (21.10)

RTP2
«A Balada de Hill Street» (22.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

co no Sporting
tos mensais
a oportunidade de garantir o meu
nhar o dobro do que ganhava no
é curta e não dá para esbanjar
m, com esta franqueza, que Jaime
nsiderado como o «principal motor
à final da Taça das Taças», justifi-
valade.
da mais uma época para cumprir ao
xplicou, com a mesma franqueza,
se «problema»: «Assinei um com-
s anos que vou cumprir, indepen-
o FC Porto só terminar para o ano.
ha rescisão por escrito, alegando
o por parte do FC Porto. Já dei or-
ar do respectivo processo».
nores, Jaime Pacheco explicou ain-
que foi aqui que adquiri a projec-
futebol nacional e que, inclusiva-
m clube italiano, no caso concre-
ão). Quero no entanto que os as-
r que não fui, nem serei interme-
ube». Jaime Pacheco referia-se às
as quais seria o responsável pela
Sousa e João Pinto — das Antas
conhecem sabem bem que eu se-
ssas», acrescenta Jaime Pacheco.
ndições de garantir que Jaime Pa-
denado que deverá rondar os 1300

á trabalha
o conselheiro
rge é o técnico do FC Porto para a
s Octávio e o professor João Mota.
reunido com a direcção portista a
e vista e, designadamente, os seus
isições.
to permanecerá, por mais algum
oso e com funções de conselheiro.
rtur Jorge existe uma amizade de
do Artur Jorge despontava para o
ico.
o responsável pelo futebol portista
a de futebolista no FC Porto, clu-
s anos. Por isso, sinto que estou
dificuldades que vão surgir pelo
ssar com a ajuda daqueles que
os que vão integrar a equipa téc-
iência com grandes riscos, mas
emamente aliciante».
ara já, havia estabelecido apenas
tas e que, a partir de agora, ia ela-
or forma a que tudo seja resolvido

acional"
izela
augural
antes dos dezasseis clubes inter-
nacional de futebol da 1.ª divisão,
0 jogos que completarão a grande
seu início no próximo dia 26 de
de 1985.
s seguintes encontros:
, Vizela-Benfica, Belenenses-V.
iel-Ac. Coimbra, Varzim-Farense

de Setembro
visitará o Estádio das Antas para
eiro embate entre dois candidatos
quanto em 25 de Novembro (11.ª
té à cidade Invicta. Significa isto
os seus mais directos competido-
. O grande «derby» entre águias
dio Alvalade marcará a penúltima

ai ter homenagen
pa que em 1945 conquistou o títu-
lo nacional da 1.ª divisão. Seu
nome: **MARIANO AMARO.** A
sessão terá lugar no restaurante
Varanda do Rio (Gare Marítima
de Alcântara) na próxima sexta-
feira pelas 20 horas e serão entre-
gues 12 prémios «Amaros» a
atletas, dirigentes, técnicos e ao
devotado massagista João Silva.

Como convidados estarão pre-
sentes ao jantar os antigos «violi-
nos» Jesus Correia, Vasques,
Travassos e Albano.

roteiro cultural

Teatro

• De terça a sábado, pelas 21h30m, o **Teatro Nacional D. Maria II** apresenta a peça «A Carroça do Poder», de Bernard Shaw. Aos sábados e domingos a função decorre à tarde, com sessões a partir das 15h15m.

• Ainda no espaço do Nacional, mas na **Sala Experimental** continua em cena «Põe ou o Corvo», de Fiama Hasse Pais Brandão. De terça a sábado às 21h45m, com tardes ao sábado às 18 h30m e aos domingos às 16 horas. A interpretação está a cargo, por ordem de entrada em cena, de Guilherme Filipe, Luz Franco, Guida Maria e Maria Amélia Matta.

• Entra nas últimas semanas de representação o trabalho do **Grupo de Teatro Hoje,** «Comédia de Horrores», que ainda pode ser vista no auditório do Teatro da Graça. Espectáculo todos os dias pelas 21h45m e aos domingos pelas 17.

• **O Grupo de Teatro Maizum** continua a apresentar na Casa da Madeira, a R. do Século, n.º 65, em Lisboa, a peça de Fassbinder, «Preparadise Sorry Now». A interpretação está a cargo de Ávila Costa, Carlos Paula Vasconcelos, Helena Serrão, José Lopes e Silvina Pereira.

• **Glicínia Quartin** está no Teatro do Bairro Alto para apresentar a peça de Jaime Salazar Sampaio, «Magdlena lê uma Carta».

• Nos espaços da Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, à Alameda de Santo António dos Capuchos, 1 (ao Campo dos Mártires da Pátria), o **Grupo de Teatro da Universidade Técnica** apresenta em últimas sessões a composição teatral «Leôncio e Lena na estalagem de Mirandolina», que resulta de um entrosamento de dois importantes trechos teatrais: «Leôncio e Lena», de Georg Buchaer e «A Estalajadeira», de Carlo Goldoni.

• Até ao próximo dia 5 de Julho, **Os Comediantes,** grupo de Teatro do Porto, apresentam-se em Santo Tirso, no âmbito de uma digressão por terras do Norte de Portugal.

Exposições

• Na Galeria Diferença, à R. São Filipe Neri, em Lisboa, é esta tarde inaugurada uma mostra de criptografismos, desenho e pintura de **Carlos Lança.**

• Ainda em matéria de inaugurações, **Espiga Pinto** tem a partir de hoje patente nas salas da Cooperativa Árvore do Porto, uma mostra de desenhos e têmperas.

Maria Amélia Matta e Guilherme Filipe numa cena de «Põe ou o Corvo», em cena na Sala Experimental do Teatro Nacional

• Até ao próximo dia 6 de Julho ainda pode ver na Galeria Altamira, à R. Filipe Folque, em Lisboa, uma exposição de pintura de **João Vieira.**

• Desenhos de **Paulo Korsko** continuam patentes ao público na Nova Opinião, à Rua Nova da Trindade.

• Na Livraria do Estado, sita a R. Marquês Sá da Bandeira, continua uma mostra de trabalhos de **Henrique Silva,** numa iniciativa da Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

• Numa iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do British Council continua presente ao público nas Galerias das Exposições Temporárias daquela Fundação, uma exposição sobre **Transformações-Nova Escultura na Grã-Bretanha.** A mostra integra trabalhos de Tony Cragg, Richard Deacon, Anthony Gormely, Anish Kapoor, Alison Wilding e Bil Woodrow.

• Pintura e desenho de **Catarina Castro Freire** pode ser vista na Galeria Diário de Notícias, ao Largo do Chiado, em Lisboa.

• **Eduardo Teixeira** expõe trabalhos seus na Galeria «Um Gosto & Um Vintém», à Calçada do Monte.

• Na Escola Secundária de António Arroio, **Vasco Lucena** continua a ter presente ao público uma mostra de pintura.

• **O Associativismo, tradição e arte do Povo de Almada** é o tema de uma mostra que continua presente ao público na Oficina de Cultura de Almada.

• Pintura de **David de Almeida** pode ser vista na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Estoril, às Arcadas do Parque no Estoril.

• No espaço de a «Galeria», em Cascais, **Artur Bual** tem em exposição uma mostra de pintura.

• **Tapetes de Arraiolos** estão em exposição no Teatro Experimental de Cascais.

• «O selo postal ao serviço da Saúde» e «Desporto para Todos» é o tema de uma **exposição filatélica** patente ao público no Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão.

• Uma mostra retrospectiva da obra de **Lima de Freitas** pode ser vista no Museu de Setúbal/Convento de Jesus, numa iniciativa da Câmara Municipal daquela cidade.

• **Maria Luísa, José Inácio e João Manuel da Costa Rosa** apresentam desenho e pintura na Biblioteca Municipal de Tomar.

• Pinturas de **João Alfaro** continuam patentes ao público na Galeria Nova, em Torres Vedras.

Uma obra de Artur Bual em exposição na «Galeria», em Cascais

• Na Sala de Exposições do Orfeão de Leiria está presente ao público uma mostra de pintura de **Luís Carlos,** numa iniciativa do Teatro da Columbina.

• Até 13 de Julho, **Pedro Ramos** expõe esculturas na Galeria Gilde, em Guimarães.

• No Solar da Praça de Santa Maria, em Óbidos, **Abílio Leal de Mattos Silva** tem em exposição uma retrospectiva da sua obra.

• Fotografias de **Zé Dias** estão patentes ao público n Galeria Módulo, à Av. da Boavista, no Porto.

• Na Galeria de Arte do Casino do Luso, **Augusto Pinheiro** tem em exposição uma mostra de pintura «naif».

Música

• **A Companhia Portuguesa de Ópera** apresenta hoje no Cine-Teatro de Santo Tirso a ópera de Puccini, «Madame Butterfly» sob a direcção do maestro Manuel Ivo Cruz.

BULGÁRIA

- 2 semanas, pensão completa, visitas
- Visitando **Sofia,** Plovidv, Stara Zagora, Velingrad e 6 dias no **Mar Negro** (Varna)
- Partidas: 2, 9 e 27 de **Agosto**
- 74 000$00 a 82 000$00
- Uma noite em **Zurique** sem aumento de preço
- **Desconto Familiar** (cônjuges e filhos)
- Peça programas detalhados. Outros destinos.

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op. 414

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$75	91$75
ALEMANHA FED (marco)	51$00	52$10
ÁUSTRIA (xelim)	7$20	7$40
BÉLGICA (franco)	2$343	2$543
BRASIL (cruzeiro)	$046	$076
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	108$40	110$40
(notas de 5 a 1000)	108$90	110$90
DINAMARCA (coroa)	13$90	14$30
ESPANHA (peseta)	$860	$980
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	142$95	144$95
(notas de 5 a 1000)	143$45	145$45
FINLÂNDIA (marka)	24$10	24$70
FRANÇA (franco)	16$60	17$30
HOLANDA (florim)	45$25	46$25
IRLANDA (libra)	156$80	160$80
ITÁLIA (lira)	$075	$085
JAPÃO (iene)	$571	$606
NORUEGA (coroa)	17$80	18$30
REINO UNIDO (libra)	192$95	196$95
SUÉCIA (coroa)	17$35	17$95
SUÍÇA (franco)	60$85	61$95
VENEZUELA (bolívar)	7$75	8$75

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim; **20.25**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Seara do vento; **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.55: «Uma Vida de Herói», poema sinfónico, de Richard Strauss; **16.43**: Sonatas; **17.38**: A cravista Huguette Dreyfus; **18.05**: Música coral; **18.30**: O violoncelista Erico Mainardi; **19.00**: Os olhos férteis; **19.30**: «La Boutique Fantasque», de Rossini-Respighi; **20.10**: Selecção da ópera «D. João», de Mozart; **21.00**: Quarteto n.º 13, em lá menor, opus 29, de Schubert; **21.40**: Mazurcas, opus 59, 63 e 67, de Chopin; **22.00**: Sinfonia n.º 5, de Henry Barraud; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.30**: Os trompetistas Roger Voisin e John Rhea; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Programa do F. C. do Porto; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: A 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusíadas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Programa de José Ramos; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Máquinas ao vivo; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama.

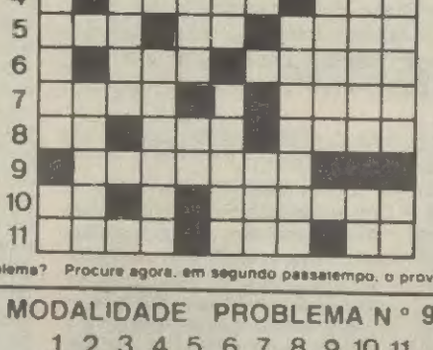
Desdobramento em FM Estéreo

23.00: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 075

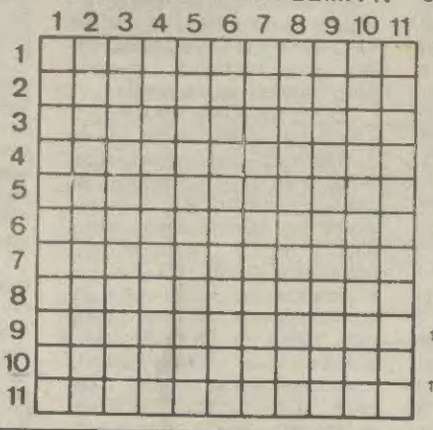


HORIZONTAIS:
1 No lugar em que. Pronome pessoal.
2 Utensílio doméstico. Aguçarem.
3 Levantaria. Ósmio (s.q).
4 Cozinhava. Desgasta por fricção.
5 Fileira. Nome de letra (inv). Um dos estados do Brasil.
6 Homem (Gir. de ciganos). Embotar.
7 Passados. Sacerdote budista.
8 O sono das crianças. O mesmo que bonzo. Estimas.
9 Adestramentos.
10 Pronome reflexo. Tabernas.
11 Pronome demonstrativo. Cidade da Alemanha. Pronome pessoal.

VERTICAIS:
1 Obreiro. Nota musical.
2 Sódio (s.q). Merecimentos.
3 Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
4 Filho de Zeus, rei de Egima. Dialecto do grupo iránico.
5 Executam. Nesse lugar.
6 Freguesia do concelho de Paços de Ferreira. Cintura.
7 Jaez. Ilha da Polinésia.
8 Arara. Esfolasse.
9 Pronome reflexo. Recompensam.
10 Os Mouros. Amónio (s.q).
11 Fecharas as asas para descer mais depressa. Catedral.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9925



HORIZONTAIS:
1 Folha de vide. Mercado.
2 Estimas. Senhoras.
3 Bigorna de aço sem hastes. Espinho. Agarrei.
4 Clima. Aguento (pop). Alumínio (s.q).
5 Grande sábio. Gruta.
6 Freguesia do concelho de Alenquer. Quinhentos e um em romano.
7 Mulheres. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
8 Estavas. Bolsa.
9 Raer. Fluído aeriforme. Em as.
10 Xaife das mulheres índias e parses.
11 Género de batráquios cujo tipo é o sapo-parteiro. Esmonca.

VERTICAIS:
1 Pés de animais. Corta com serra.
2 Desejara. Medida de superfície.
3 Freguesia do concelho de Penafiel. Flutuarei.
4 Reis. Bebedeiras. (pop).
5 Frentes. Cidade do Sudão Francês, na margem do Níger.
6 Transpira. Bário (s.q).
7 Deseja.
8 Reis. Vagas. Abreviatura de Santíssimo.
9 Arara. Líquido aquoso que contém poucos princípios medicamentosos e que serve de bebida aos doentes. (pl).
10 Unir por casamento. Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
11 Agasalho (fig). Pessoa muito parecida com outra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 074

HORIZONTAIS:
1 PARA. QUEM. É.
2 Suar. Ur. EC.
3 Rm. Biópsia.
4 Boiça. Assa.
5 Arrostariam.
6 Cão. Tróia.
7 Cai. Asai.
8 Pu. Na. Er.
9 Assaltara.
10 Apuparias.
11 Usso. Aoros.

VERTICAIS:
1 PS. BACALHAU.
2 Aurora. PS.
3 Ramiro. Paus.
4 Ar. Co. Cuspo.
5 BASTA. Sa.
6 Qui. Trinara.
7 Uro. Ao. Alio.
8 Pária. Tar.
9 Messias. Aso.
10 Cisa. Aer.
11 Aam. Irás.

PROVÉRBIO: Para quem é, bacalhau basta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9924

HORIZONTAIS:
1 Achém. Matem.
2 Voa. Ai. Ll.
3 Arrás. Orçar.
4 Raer. Arva.
5 Armam. Gruas.
6 Olá.
7 Besunta.
8 Ávila. Aires.
9 Boca. Ácis.
10 Ita. Tua. Aro.
11 Aarau. Garoa.

VERTICAIS:
1 Avara. Sabiá.
2 Gorara. Vota.
3 Harém. Bicar.
4 Ará. Ela.
5 Mas. Mosa. Tu.
6 Lu. Nu.
7 Mão. Gana. Ag.
8 Airar. Tia.
9 Cru. Arcar.
10 Elavas. Eiró.
11 Miras. Assoa.

cartaz

ALVALADE 89
Av. de Roma
Hoje às 14.00, 16.30, 19.00 e 2 horas
Para todos
O GENDARME EM FÉRIAS
Louis de Funés

ÁVILA 53
Av. Duque d'Ávila, 92A
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.4
— M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 54
Av. Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30, 21.30
Não ac. m. 13 anos
TRON

BERNA 77
Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Mai. 16 anos
PORKY'S II
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 7
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Grupo B-10 Anos
O CAPITÃO SEM BARCO

CASTIL 5
R. Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 18 anos
10 — UMA MULHER DE SO

CINE BLOCO 5
R. Pinheiro Chagas, 10
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.3
Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
A ALUNA E O PROFESSOR

CINE CAMÕES 3
R. do Loreto 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
— N. ac. men. 18 a.
FRONTEIRA SANGRENTA

outr

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's II» às 21.30 (1
ALFA-2 – «Uma Cama para T 21.30 (12 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagra 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Umas Cama para T 21.30 (12 anos)
CITY CINE – «Frankenstein Jú 21.30 (13 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de às 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB – «Os Margin 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Infielmente T 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Porky's II» às 21.30 (
APOLO – «2001 Odisseia no às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «As Garotas d gem», às 21.00 e 23.00 (18 an
RESTELO – «O N.º 1 do Ser creto», às 21.30 (13 anos)
CINE ESTÚDIO – ACS – «U Music War», às 21.15 (13 anos
ZODIACO – «Amor Sem Prom 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Desesperos S sessões permanentes (18 anos
PROMOTORA – «O Contra-At Dragão», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA Aventuras de Oliver Twist», às 2 anos)

Linha de Cascai

ALGÉS – Stadium – «O Leopa 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Mar às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Impala – «Ameri golo», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Os Mar às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Diaman son», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Academia – «O Ent rioso», às 21.15 (13 anos)

ção na «Galeria», em Cascais

Galeria Módulo, à Av. da Boavista, no Porto.

• Na Galeria de Arte do Casino do Luso, **Augusto Pinheiro** tem em exposição uma mostra de pintura «naif».

Música

• **A Companhia Portuguesa de Ópera** apresenta hoje no Cine-Teatro de Santo Tirso a ópera de Puccini, «Madame Butterfly» sob a direcção do maestro Manuel Ivo Cruz.

das

4 075

VERTICAIS:

1 Obreiro. Nota musical.
2 Sódio (s.q). Merecimentos.
3 Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
4 Filho de Zeus, rei de Egima. Dialecto do grupo iránico.
5 Executam. Nesse lugar.
6 Freguesia do concelho de Paços de Ferreira. Cintura.
7 Jaez. Ilha da Polinésia.
8 Arara. Esfolasse.
9 Pronome reflexo. Recompensam.
10 Os Mouros. Amónio (s.q).
11 Fecharas as asas para descer mais depressa. Catedral.

roverbio nele inscrito.

9925

VERTICAIS:

1 Pés de animais. Corta com serra.
2 Desejara. Medida de superfície.
3 Freguesia do concelho de Penafiel. Flutuarei.
4 Reis. Bebedeiras. (pop).
5 Frentes. Cidade do Sudão Francês, na margem do Níger.
6 Transpira. Bário (s.q).
7 Deseja.
8 Reis. Vagas. Abreviatura de Santíssimo.
9 Arara. Líquido aquoso que contém poucos princípios medicamentosos e que serve de bebida aos doentes. (pl).
10 Unir por casamento. Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
11 Agasalho (fig). Pessoa muito parecida com outra.

O PROBLEMA N.º 9924

VERTICAIS:

1 Avara. Sabiá.
2 Gorara. Vota.
3 Harém. Bicar.
4 Ará. Ela.
5 Mas. Mosa. Tu.
6 Lu. Nu.
7 Mão. Gana. Ag.
8 Airar. Tia.
9 Cru. Arcar.
10 Elavas. Eiró.
11 Miras. Assoa.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Hoje às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
Para todos
O GENDARME EM FÉRIAS
Louis de Funés

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30, 21.30
Não ac. m. 13 anos
TRON

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Mai. 16 anos
PORKY'S II

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Grupo B-10 Anos
O CAPITÃO SEM BARCO

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 18 anos
10 — UMA MULHER DE SONHO

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA

Às 24
A ALUNA E O PROFESSOR

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
FRONTEIRA SANGRENTA

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
C/Jane Fonda/Vanessa Redgrave
JÚLIA
Às 24
PARA QUE SERVEM OS AMIGOS

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
Maiores 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30
M. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Mai. 16 anos
CIDADE EM PÂNICO

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUM HILL

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
100.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30
Mai. 16 anos
A IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 15.00, 18.00, 21.30 e 24.00
Não ac. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45
Não ac. m. 13 anos
PARAÍSO AZUL

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 21.15 h
Não ac. men. 13 anos
A FILHA DE RYAN

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 – M. 18 a.
KRULL, UM PACTO COM O DIABO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O ÓDIO QUE GEROU O AMOR
Às 24
O UIVO DA FERA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 12 anos
QUE PARÓDIA DE FÉRIAS

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
AS MOTOS DA MORTE

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.45, 19.00 e 21.30
M. 12 anos
FOGO CRUZADO E MORTAL

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 16 a.
OUTRA FORMA DE AMAR
Às 23.30 – M. 16 a.
A GRANDE JOGADA

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
JOGO DE MÃO
Às 23.30 – M. 18 a.
NOSFERATO, O FANTASMA DA NOITE
SALA 3
Às 14.30, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 – M. 18 a.
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE
SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
PAIXÃO
Às 23.30 – M. 18 a.
A COLECCIONADORA

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
VEIO DO OUTRO MUNDO
Às 24
PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men 13 anos
O AMANTE DE LADY CHATTERLEY

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 2130
M. 12 anos
LAS VEGAS – CIDADE IMPLACÁVEL
Colorido
com Pia Zadora e Telly Savalas

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
M. de 12 anos
VIDAS EM JOGO
com Jeff Bridges
Do mesmo realizador de «Oficial e Cavalheiro»

SALA 2

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finey e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 horas
(Maiores 18 anos)
MONTYPYTHON'S – O SENTIDO DA VIDA
Domingo às 11.15
FESTIVAL TOM E JERRY N.º 2

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
MARY POPPINS
com Julie Andrews e Dick Van Dyke

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
M. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Com Julie Andrews
e Christopher Plummer
(O filme começa no início das sessões)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO ME MORDA NO PESCOÇO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «Uma Cama para Três» às 21.30 (12 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Umas Cama para Três» às 21.30 (12 anos)
CITY CINE – «Frankenstein Júnior», às 21.30 (13 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Infielmente Tua», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
APOLO – «2001 Odisseia no Espaço» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «As Garotas da Garagem», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «O N.º 1 do Serviço Secreto», às 21.30 (13 anos)
CINE ESTÚDIO – ACS – «Urgh – A Music War», às 21.15 (13 anos)
ZODIACO – «Amor Sem Promessa» às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Desesperos Sexuais», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA – «O Contra-Ataque do Dragão», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «As Aventuras de Oliver Twist», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Leopardo», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Marginais», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Impala – «American Gigolo», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Diamante Johnson», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Academia – «O Ente Misterioso», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Aeroporto 75», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Os Anos Loucos de Montparnasse», às 21.30 (16 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Os Comandos de Sua Majestade», às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE – «Balbúrdia no Oeste», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «A Revolta de um Cidadão», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Corações e Armaduras», às 21.30 (16 anos)
BEBÉ – «Jogo de Mão» às 21.45 (12 anos)
RIVOLI – «Ás dos Ases» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «MacQuade o Lobo Solitário» às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «O Homem que Fazia Milagres» às 21.45 (16 anos)
ÁGUIA – «A Escola do Dever» às 21.45 (16 anos)
PEDRO CEM – «Uns e Outros» às 21.15 (13 anos)
RAIONE – «A Estrada dos Malucos» às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Outland» às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Dia Mais Longo» às 21.30 (10 anos)
CHAPLIN – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO – «Os Lutadores de Shaolin», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Vestida para Matar» às 21.30 (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Supermundo das Bacanais», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Uma Criada das Boas» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Porky' II» às 21.30 (16 anos)
LMIERE-L – «O Regresso» às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA -IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPILIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **CHILE -ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar**, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de São Bento, 380-382 (T. 662166); **PAMPULHA: Infante Santo**, R. Olival, 290 (T. 661003); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BRANDOA - COLINA DO SOL - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfenelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Navais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803).

REFORÇO

BAIXA: Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO D'OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha 119 (T. 666206); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARQUÊS DE POMBAL -PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira**, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 9810305); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Eloi, 4, lote SE (T. 990220); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750075). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Pereira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932210). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-B (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123. Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156, Foz; **COUTO**, L. de São Domingos, 106; **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade, 150; **GOMES FERREIRA**, R. de Faria Guimarães, 449; **MELO TAVEIRA**, R. Alcaide de Faria, 77.

DE DIA E TODA A NOITE

VITÁLIA, P. da Liberdade, 34; **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA**, R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; **MENEZES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855.

Coimbra

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque, Celas (T. 23767); **FIGUEIREDO**, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837).

teatros

Lisboa

MARIA VITÓRIA – «O Bem Tramado», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
D. MARIA II – «A Carroça do Poder», às 21.30 (12 anos)
D. MARIA II – Sala Experimental – «Pôe ou o Corvo», às 21.45 (6 anos)
TEATRO ABERTO – «Confissões Numa Esplanada de Verão», às 21.30 (18 anos)
VILLARET – «SuperSilva», às 21.30 (12 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Comédia dos Horrores», às 21.45 (18 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Theatre Mouvement», às 21.30 (13 anos)
POVO PORTUENSE – «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Eles Não Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

tempo

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.12 3,7 m 11.42 1,1 m
18.26 3,9 m
Dia 4
7.02 3,6 m 0.23 1,0 m
19.18 3,8 m 12.37 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	11º
BRAGANÇA	13º
VILA REAL	14º
PORTO	11º
COIMBRA	15º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	21º
LISBOA	16º
ÉVORA	12º
BEJA	12º
FARO	20º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	19º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de noroeste durante o dia na faixa costeira ocidental. Nebulosidade ou nevoeiros matinais junto à costa para norte do Cabo da Roca.

Apresentado esta tarde à concertação social

Plano de recuperação económica é "meramente instrumental"

O Plano de Recuperação económica e Financeira (PREF) aprovado na passada semana em Conselho de Ministros, vai ser esta tarde submetido ao seu baptismo de fogo. Conforme anunciado há algumas semanas pelo Primeiro-Ministro será logo às 18 horas que os parceiros sociais com assento no Conselho Permanente de Concertação Social terão conhecimento detalhado o seu conteúdo.

Esperado inicialmente com grande interesse sobretudo nos meios patronais, as expectativas geradas têm-se vindo a desfazer à medida que vão sendo conhecidos aspectos parcelares do plano. Neste momento sabe-se já que grande parte das entidades que participam no encontro de São Bento tem sérias reservas quanto à eficácia das medidas que lhes vaõ ser apresentadas. Aliás, no seio do próprio Governo surgiram signidicativas divergências à cerca do PREF, aquando da sua discussão. Álvaro Barreto terá sido o ministro que mais se destacou, na crítica às soluções aí encontradas, nomeadamente no que toca à reestruturação do sector público.

Nalguns meios patronais é sensível um certo desencanto de que é por exemplo reflexo o tom geral das posições assumidas este fim-de-semana em Coimbra por industriais da construção civil e obras públicas, que até aqui eram apontados por membros do Governo como beneficiários directos do PREF (ver notícia noutra página).

A nível das Associações patronais representadas no Conselho de Concertação Social, não deixa por outro lado de ser significativa a análise que nos foi feita por fonte da Associação Industrial Portuguesa: *O PREF é um plano meramente instrumental que não tem nada a ver com o plano estrutural de que a nossa economia necessita.*

O plano, recorde-se, abrange um período de três anos (1985-/87) e inclui sete capítulos que, para além da introdução, incluem o seu enquadramento macro-económico (com manutenção das políticas restritivas e previsão de um crescimento positivo moderado); a reestruturação do sector público empresarial; a modernização do sistema bancário; a recuperação financeira de empresas privadas, a política regional e a reforma fiscal.

Este plano, que é considerado «exageradamente vago», será posteriormente completado com o Programa de Modernização da Economia Portuguesa, actualmente em preparação.

Jovem de 23 anos morto a tiro por defender uma prostituta

Um jovem morto a tiro quando ontem à noite interveio em defesa de uma mulher nas proximidades da do edifício da Polícia Judiciária de Lisboa.

Eram 23 horas e 30 minutos, um indivíduo não identificado altercava com uma das mulheres que naquela área se dedicam à prostituição. Foi então que Fernando Costa, de 23 anos, apercebendo-se estar iminente violência física, interveio a favor da jovem, sendo então alvejado a tiro.

Enquanto o agressor fugia a vítima seria levado ao hospital de S. José onde chegou já morto.

A Judiciária, entretanto alertada, iniciou as investigação que até ao fim da manhã não obtiveram qualquer êxito. O assassino continua a ser desconhecido e os escassos elementos recolhidos não facilitarão a respectiva identificação.

O caso ocorreu na Rua Gomes Freire, frente ao número 161, à porta do restaurante «Abade» e foi presenciado por várias pessoas que não tiveram tempo para intervir.

Operação da PJ debatida em S. Bento

Continuação da pág. 1

Aquele deputado referiu também que o assalto às sedes da FUP, «partido político legalizado» com apreensão de material e de máquinas «não pode conceber-se dentro do conceito jurídico de busca policial».

António Taborda condenou ainda a prisão de Otelo: «só seria concebível se imediata e publicamente fossem apresentadas provas indesmentíveis das razões da sua prisão. A verdade é que, passados quase quinze dias, ainda nada de concreto foi tornado público».

Também Jorge Lemos, do PCP, manifestou a preocupação do seu Grupo Parlamentar pela ausência de explicações. «O Governo ora parece responsabilizar-se ou desresponsabilizar-se», disse, reclamando uma explicação do Executivo sobre a matéria.

O deputado Raul Rego, socialista, depois de salientar que a «democracia não tem heróis nem donos», comparou esta prisão de Otelo com a verificada em 76, à ordem do general Eanes e estranhou que num e noutro caso, o mesmo facto tenha tido repercussões diferentes. (Mais notícias na pág. 6)

Três concertos em "Lilás" começam hoje no Coliseu

Djavan: brasileiro de umbigo africano

Para ele o amor é a semente da vida, o maior partido da oposição. Por isso canta-o. E cantar é tudo. Com voz. Com o corpo. Com os sentidos. Djavan é um dos nomes mais sonantes da música brasileira, mas o seu «umbigo está plantado em África».

Rosto sereno. Pele negra. Cabelo de canudos longos. 34 anos. Uma carreira a seduzir-nos irradiando luz. Hoje transbordando de «Lilás». Djavan chegou a Lisboa. Os óculos imensamente escuros a esconderem-lhe o cansaço de uma viagem atribulada e extenuante.

A partir de hoje à noite dará três concertos no Coliseu dos Recreios. O menino de Maceió, no Nordeste brasileiro, traz consigo 20 temas feitos de amor, já que é este o «único sentido da vida». Traz também a sensibilidade e criatividade que o tornaram um dos mais destacados cantores da música brasileira.

Foi há dois anos com o álbum «Luz» que a popularidade o envolveu. «Hoje ser popular é cada vez mais sufocante, mas é também uma coisa com que se aprende a viver. É compreensível, não indispensável». É Djavan Caetano Viana quem o afirma. O mesmo que durante três noites poderemos apreciar ao vivo num reportório a abordar «todos os estilos. A diversificação rítimica e harmónica das minhas composições que culminam em Lilás».

Recentemente editado, «Lilás» foi gravado nos Estados Unidos. «O disco foi feito com todo o critério. Procurei usar todos os elementos adquiridos no intervalo do álbum anterior. Tanto a parte rítmica como a letra têm diferenças. Eu consigo ver. Há tendências diferentes. Sinto-as, não consegio explicar. É bem actual».

Falar do Amor universal é uma constante no compositor e poeta. «Falo muito da vida. A semente de toda a vida é o amor. Não entendo o ser humano que o não sinta de uma forma natural. Sempre se encontra uma maneira nova de o expressar. Não tem fim».

O amor como forma política, intimamente ligado ao Brasil, mesmo que transpondo fronteiras. «É lá que eu vivo. Convivo com as pessoas. A política está implicita uma vez que falo de existência. Num país onde existe um sistema de governo estranho, isso reflecte-se na criação. Mas, a música e política são duas coisas distintas.

O músico refe re-se aos compositores de protesto político. «Não faço parte desses cantores. Sou doutra geração. Eles surgiram com a sua música a seguir a 64, quando havia um clima de efervescência. Transmitiram o seu pensamento político nas suas músicas. Falar de amor é também um acto político, vivendo neste universo de violência. Faz parte do maior partido de oposição que existe».

MPB é um termo preconceituoso

«Lilás», foi gravado no início deste ano, em estúdios americanos, com músicos de nome já imposto. «Sempre desejei muito contactar com novos músicos. Se ficasse trancado num quarto, quando saísse para gravar não sei como seria. A composição nasce de convívios. Daí o interesse de conhecer músicos, e uma tecnologia mais avançada. Mesmo que um reportório seja de alta categoria, se o som não estiver há altura, o disco é péssimo. É necessária uma boa qualidade técnica».

O cantor, que carrega nove anos de carreira musical, debruça-se sobre o termo MPB. Não gosto muito dessa sigla. Foi criada na época do movimento da Bossa Nova, formado por João Gilberto e Jobim. A MPB, que determina a música surgida a partir da Bossa Nova, depôs esta em segundo plano. MPB não me soa sadiamente».

Djavan expõe as suas razões. «É um termo preconceituoso. Talvez eu seja uma das raras pessoas que fala disso. Faço música e não vejo importância em designações. A música feita por brasileiros é brasileira, por mais que absorva tendências musicais de fora. No Brasil existe uma grande diversificação de música. Desde as regiões do Nordeste ao Sul ou Centro e só se chama MPB à música urbana».

Sempre num tom de voz suave, o cantor afirma absorver «todas as influências no Brasil. A primeira veio de João Gilberto. A Bossa Nova vem depois. Foi o violão que me atraiu. Existe também o Jazz e até a música clássica. A mais forte e coerente vem de África. Quando lá fui, vi que meu umbigo estava plantado lá».

«Ser popular é cada vez mais sufocante»

Música Portuguesa? conheço o fado

A questão agora é a relação existente entre as músicas africana, brasileira e portuguesa. «Vejo ligação entre a brasileira e africana. A música africana tem grande influência no mundo inteiro. O ritmo brasileiro vem de África! A portuguesa não conheço».

Nos últimos anos, os artistas brasileiros têm sugado os ritmos africanos. «Isso tem acontecido, pois África se tem tornado mais acessível. Sempre existiu uma afinidade, mas agora é mais evidente. O meu álbum 'Seduzir' foi feito depois de ter vindo de África».

Habituado a cantar para plateias de cerca de 20 mil pessoas, Djavan encara com optimismo a recepção do público português. «A perspectiva é boa. Cinco mil pessoas é uma plateia grande. Quando cantava em teatros, gostava muito. É um «show» onde a intimidade é maior. Eu sinto saudade de cantar assim. Neste caso o «show» é o mesmo que faria para 15 mil pessoas».

Da música portuguesa so conhece o fado e apenas Amália Rodrigues. Do Sérgio Godinho já ouviu um disco «mas muito superficialmente. Um amigo meu tem dois discos dele. Conheço o Roberto Leal, mas é para outro tipo de público».

Quanto a um intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil, pensa que «deveria ser muito maior. Apesar de ter muito português no Brasil, não se conhece nada da vossa música». Da intencionada Ponte Cultural TAP tem uma leve ideia. «Talvez ela funcione mais em Portugal do que no Brasil. Lá não se sabe muito disso».

Acompanhado por Paulo Henrique Leite, nas teclas, Hugo Fattoso, no piano; Filó, no baixo; Teó Lima, na bateria; Edson Aparecido da Silva, na percussão; Zé Nogueira e Avelino Marques, nos saxes e flautas; Nelson Cunha Silva, no trompete e Moisés Nascimento, no trombone, Djavan lembra os primórdios da sua carreira.

«Cada vez entendo mais o quanto cantar é uma coisa incrível. Sinto-o mais intimamente. Cantar com o corpo todo. Na época do LSD não tinha noção nenhuma do que estava fazendo. Adoro cantar. Sou um homem inútil. Não sei fazer mais nada. Não sei o que faria se não cantasse».

Edite Martins de Carvalho